

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Alice Bianchini Pavanello

**PRÁTICAS DE CONSUMO DAS REDES SOCIAIS POR MÃES DE
VÍTIMAS DO INCÊNDIO DA BOATE KISS: A CRIAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS NO COTIDIANO**

Santa Maria, RS

2019

Alice Bianchini Pavanello

**PRÁTICAS DE CONSUMO DAS REDES SOCIAIS POR MÃES DE VÍTIMAS DO
INCÊNDIO DA BOATE KISS: A CRIAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS NO COTIDIANO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa Estratégias de Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Comunicação**

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Sandra Rúbia da Silva

Santa Maria, RS

2019

Pavanello, Alice Bianchini

Práticas de consumo das redes sociais por mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss: a criação de experiências no cotidiano / Alice Bianchini Pavanello.- 2019.

151 p. ; 30 cm

Orientadora: Sandra Róbia Silva

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2019

1. práticas de consumo 2. Boate Kiss 3. redes sociais online 4. mães 5. Facebook I. Silva, Sandra Róbia II. Título.

Alice Bianchini Pavanello

**PRÁTICAS DE CONSUMO DAS REDES SOCIAIS POR MÃES DE VÍTIMAS DO
INCÊNDIO DA BOATE KISS: A CRIAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS NO COTIDIANO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa Estratégias de Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Comunicação**

Aprovado em 28 de março de 2019.

Sandra Rúbia da Silva (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Adriana Andrade Braga, Dra. (PUC-RJ)

Monalisa Dias de Siqueira, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe Miriane todo o amor, apoio e incentivo que sempre me propiciaram fazer as escolhas que me trouxeram até aqui. Agradeço a meu pai Sérgio pela inspiração profissional e o olhar social sobre o mundo e ao meu irmão Pedro pelo carinho e disponibilidade.

Agradeço à minha orientadora Sandra Rúbia pela forma terna com que compartilha o conhecimento, pela disposição em colaborar com sugestões e reflexões e por me inspirar a ouvir o outro em toda sua diversidade. Agradeço aos colegas do Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais por estarem sempre dispostos a contribuir com o crescimento pessoal e acadêmico de todos coletivamente. Agradeço em especial ao Alisson pela leitura atenciosa de tantos artigos e pelas contribuições que ampliaram meu olhar sobre a pesquisa.

Agradeço de todo meu coração às “minhas mães” Ligiane, Áurea, Vanda e Cida que aceitaram participar desse trabalho, me contaram suas histórias, me receberam em suas casas e compartilharam comigo suas experiências e expectativas. Mulheres que apesar da dor que carregam, nunca deixaram de ser afetuosas e de lutar por um mundo mais justo.

Agradeço ao Diego pelo amor e suporte emocional que contribuíram para que eu cursasse o Mestrado com mais tranquilidade e aos amigos, em especial Bruna e Aline, com quem compartilhei momentos importantes da pós-graduação e da vida.

Por fim, agradeço aos professores do POSCOM – UFSM por colaborarem com o meu crescimento intelectual e ao financiamento da CAPES que possibilitou que me dedicasse integralmente à pesquisa e à minha formação acadêmica.

*Os bens são neutros, seus usos são
sociais: podem ser usados como
cercas ou como pontes.*

(Mary Douglas e Baron Isherwood)

RESUMO

PRÁTICAS DE CONSUMO DAS REDES SOCIAIS POR MÃES DE VÍTIMAS DO INCÊNDIO DA BOATE KISS: A CRIAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS NO COTIDIANO

AUTORA: Alice Bianchini Pavanello
ORIENTADORA: Sandra Rúbia da Silva

Esta dissertação tem como problemática central compreender qual o papel das práticas de consumo das redes sociais online para mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss na criação de experiências no cotidiano, de forma a reestruturar a vida após a morte trágica de um filho. Partiu-se da ideia de que as culturas digitais proporcionaram o surgimento de uma nova forma de comunicação e também de uma série de experiências nas diferentes dimensões sociais, além de possibilitarem o surgimento de espaços para antigas práticas como as ligadas ao luto e à morte (ELIAS, 2001, RODRIGUES, José, 2006). Assim se quer compreender as particularidades e as singularidades das práticas online desse grupo de mulheres. A tragédia da Boate Kiss deixou 242 mortos em janeiro de 2013, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Mesmo tendo a investigação policial apontado diversas irregularidades na casa noturna, até fevereiro de 2019, ninguém havia sido responsabilizado criminalmente pelas mortes. Movidas por um sentimento de desamparo, as mães acionam dinâmicas comunicativas e sociais para unirem a figura materna, associada ao espaço doméstico (BADINTER, 1985), à imagem de guerreiras que ocupam os espaços públicos (VIANNA; FARIA, 2011) para lutar por justiça e pela memória dos filhos e da tragédia, ao mesmo tempo que buscam meios de voltar a habitar o mundo (DAS, 1996). Como embasamento teórico, adota-se a perspectiva sociocultural de consumo (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004; MILLER, 2007; MILLER et al 2016) enquanto algo representativo e simbólico, capaz de conferir sentido e identidade às práticas e processos de grupos e indivíduos (BARBOSA; CAMPBELL, 2012) nas redes sociais. Parte-se da ideia da internet como artefato cultural, incorporada ao cotidiano (HINE, 2004, 2015), que assume diferentes significados dependendo do contexto em que é consumida. Nesta pesquisa, aplica-se uma abordagem etnográfica para internet (HINE, 2015) com a realização de trabalho de campo, que inclui observação de publicações em sites de redes sociais, interações em ambientes offline e entrevistas com quatro mães de vítimas. Conclui-se que a luta por justiça e memória assumiu uma centralidade na vida dessas mães que perpassa todas as instâncias, assim como as redes sociais online, em especial o Facebook. Assim, suas práticas de consumo online são experienciadas para construir um espaço de ação onde possam falar sobre suas dores e suas demandas, possam manter a imagem de mãe que sofre e que luta por uma causa coletiva e por uma mudança na sociedade, além de vivenciar o luto e a saudade. Conclui-se também que o Facebook assume cinco significados centrais na vida das mães: de resistência, de proteção, terapêutico, de memória e de uma nova forma de ser mãe.

Palavras-chave: práticas de consumo; Boate Kiss; redes sociais online; mães; Facebook.

ABSTRACT

CONSUMPTION PRACTICES OF SOCIAL NETWORKS BY MOTHERS OF FIRE VICTIMS KISS NIGHTCLUBE: THE CREATION OF EXPERIENCES IN THE DAILY LIFE

AUTHOR: ALICE BIANCHINI PAVANELLO

ADVISOR: SANDRA RÚBIA DA SILVA

This dissertation has as central problem to understand the role of consumer online social networking practices for mothers of victims of the fire of Kiss Nightclub in the creation of experiences in the daily life, in order to restructure the afterlife tragic death of a child. It started from the idea that digital cultures provided the emergence of a new form of communication as well as a series of experiences in the different social dimensions, as well as allowing the emergence of spaces for old practices such as those related to mourning and death (ELIAS, 2001, RODRIGUES, José, 2006). Thus, we want to understand the particularities and singularities of the online practices of this group of women. The tragedy of Kiss Nightclub left 242 dead in January 2013 at Santa Maria, Rio Grande do Sul. Even though the police investigation pointed out several irregularities in the nightclub, until February 2019, no one had been held criminally responsible for the killings. Moved by a feeling of helplessness, mothers activate communicative and social dynamics to unite the maternal figure, associated with the domestic space (BADINTER, 1985), in the image of warriors who occupy public spaces (VIANNA, FARIA, 2011) to fight for justice and by the memory of children and tragedy, while seeking ways to re-inhabit the world (Das, 1996). As a theoretical basis, the sociocultural perspective of consumption (DOUGLAS, ISHERWOOD, 2004; MILLER, 2007; MILLER et al 2016) is adopted as something representative and symbolic, capable of giving meaning and identity to the practices and processes of groups and individuals (BARBOSA; CAMPBELL, 2012) in social networks. It starts from the idea of the internet as a cultural artifact, incorporated into everyday life (HINE, 2004, 2015), which assumes different meanings depending on the context in which it is consumed. In this research, an ethnographic approach to the Internet (HINE, 2015) is applied with fieldwork, which includes observation of publications on social networking sites, interactions in offline environments, and interviews with four mothers of victims. It is concluded that the struggle for justice and memory has assumed a centrality in the lives of these mothers that permeates all instances, as well as online social networks, especially Facebook. Thus, their online consumption practices are experienced to build a space of action where they can talk about their pains and their demands, can maintain the image of a mother who suffers and who fights for a collective cause and for a change in the society, besides experiencing mourning and longing. It is also concluded that Facebook assumes five central meanings in the life of mothers: resistance, protection, therapeutic, memory and a new way of being a mother.

Keywords: consumer practices; Kiss Nightclub; social media; mothers; Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Perfil de Ligiane no Facebook no dia 08 de janeiro de 2019.....	25
Figura 2 – Perfil de Ligiane no Instagram em 26 de dezembro de 2018.....	26
Figura 3 – Perfil de Vanda no Facebook no dia 08 de janeiro de 2019.....	28
Figura 4 – Perfil de Cida no Facebook em 08 de janeiro de 2019	30
Figura 5 – Perfil de Áurea no Facebook em 08 de janeiro de 2019.	32
Figura 6 – Charge com mensagem criptografada compartilhada por Vanda.	94
Figura 7 – Publicação sobre democracia feita por Áurea.	94
Figura 8 – Publicação sobre política feita por Cida.....	95
Figura 9 – Publicação de Ligiane sobre política no Facebook.	96
Figura 10 – Recortes de publicação na página do Diário de Santa Maria.....	98
Figura 11 – Publicação de Ligiane sobre pintura em homenagem às vítimas.....	99
Figura 12 – Publicação de Cida sobre amor materno.....	102
Figura 13 – Publicação de Ligiane sobre a dor da perda.....	102
Figura 14 – Publicações feitas pelas mães em seus perfis pessoais pedindo empatia.....	103
Figura 15 – Texto sobre loucura compartilhado por Ligiane.	104
Figura 16 – Publicações das mães em seus perfis pessoais repudiando a associação da luta com loucura.	105
Figura 17 – Publicações de Cida sobre luto.	106
Figura 18 – Publicação de Áurea sobre a perda do filho.....	107
Figura 19 – Publicação feita por amigo no perfil de Ligiane.	108
Figura 20 – Comentário de amiga em publicação de Ligiane.	108
Figura 21 – Publicação de amiga de Ligiane direcionado a ela.	108
Figura 22 – Foto da camiseta do Movimento Do Luto à Luta publicada por Ligiane.	111
Figura 23 – Convite para vigília dos 65 meses da tragédia publicado por Ligiane.....	113
Figura 24 – Notícia compartilhada por Áurea compartilha com contagem de meses transcorridos da tragédia.	114
Figura 25 – Frame da reportagem sobre a campanha de arrecadação de brinquedos na qual aparecem Vanda e Cida.....	115
Figura 26 – Atualização do perfil por Ligiane em função dos cinco anos da tragédia.	116
Figura 27 – Publicação de Vanda sobre a vida depois da Kiss.	118
Figura 28 – Recortes da linha do tempo de Áurea no dia 27 de setembro.	120
Figura 29 – Foto publicada por Cida de protesto contra o político Cezar Schirmer.	123
Figura 30 – Mensagem com indireta publicada por Ligiane.	124
Figura 31 – Comentário de uma amiga em uma publicação de Ligiane.	125
Figura 32 – Publicação de Áurea sobre atividades da AVTSM nos cinco anos da tragédia. .	127
Figura 33 – Publicação de Áurea agradecendo o sucesso da campanha de arrecadação de cobertores.	128
Figura 34 – Notícia compartilhada por Ligiane sobre campanha Quadrinhos de Amor. ...	129
Figura 35 – Publicação de Áurea direcionada ao filho.....	130
Figura 36 – Notícia compartilhada por Áurea sobre projeto do qual o filho fazia parte.....	131
Figura 37 – Publicação de Vanda direcionada à filha.	132
Figura 38 – Mensagem recebida por Cida por meio de um jogo do Facebook.....	133

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CORAÇÕES DE LUTO: MÃES KISS	21
2.1	Ligiane Righi da Silva.....	22
2.2	Vanda Dacorso	26
2.3	Maria Aparecida Neves	28
2.4	Áurea Flores	31
3	A VIDA DEPOIS DA KISS: LUTO, INTERAÇÕES SOCIAIS E MEMÓRIA.	35
3.1	Da tragédia à mobilização	36
3.2	Mães que lutam.....	41
3.3	Mortes coletivas e o luto na internet	48
3.4	Memória, narrativa e cotidiano	52
4	CULTURAS DIGITAIS CONECTADAS: PRÁTICAS DE CONSUMO DA INTERNET	57
4.1	Contexto das mídias digitais: incorporada, corporificada e cotidiana	57
4.2	A experiência pelo consumo	62
4.3	Envoltas por bolhas	73
5	PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO: O CAMINHAR NO CAMPO..	77
5.1	A abordagem etnográfica	77
5.1.1	A transformação do familiar em exótico.....	78
5.2	Adaptação da abordagem etnográfica	81
5.2.1	Etnografia para internet.....	81
5.3	Construção do objeto de análise	84
5.3.1	Tricotando Quadrinhos de Amor: o trabalho de campo	85
6	“LUTAR NÃO É LOUCURA”: AS EXPERIÊNCIAS DIGITAIS DAS MÃES	89
6.1	Práticas de integração e desintegração social.....	89
6.2	Práticas de visibilidade	100
6.3	Práticas de volta ao cotidiano.....	117
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema as práticas de consumo das redes sociais por mães de vítimas da tragédia da Boate Kiss na criação de experiências no cotidiano. Adota-se a perspectiva sociocultural de consumo das mídias na internet por meio da qual não se toma a relevância das materialidades por si só, mas sim em todo o espaço de significação a partir de uma teoria da cultura e também da vida social (MILLER et al, 2016, DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004). Dessa forma, o consumo não é visto sob perspectivas hedonistas, moralistas ou naturalistas, mas sim sob a concepção de que ele fornece valores e categorias com as quais é possível compreender o mundo (ROCHA, 2004). Neste trabalho, o consumo é analisado como um mecanismo social produtor de sentido e identidade e um lugar para a ação social, que independe, necessariamente, da aquisição de bens (BARBOSA; CAMPBELL, 2012). Portanto nos alinhamos a ideia de Castro (2014) de que estudar as práticas de consumo significa compreender as particularidades nos modos de apropriação de cada grupo que funcionam de acordo com regras próprias de atribuição de sentido a produtos, serviços, marcas, e além disso, como ressaltam Miller e Horst (2015), às materialidades do digital.

Neste trabalho, a internet é considerada um artefato cultural, um elemento com diferentes significados para diferentes contextos e culturas e não se faz distinção entre os ambientes online e offline sendo então considerada incorporada, corporificada e cotidiana (HINE, 2004, 2015). Assim vemos a internet como integrante de um sistema social e se objetiva compreender o impacto que as tecnologias digitais têm na sociedade e as singularidades das práticas online de cada pessoa ou grupo. Por meio dessa abordagem, mais importante que entender o funcionamento técnico das plataformas utilizadas pelos grupos sociais, é compreender como os indivíduos criam experiências próprias nas redes sociais.

A tragédia da Boate Kiss começou na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, cidade com cerca de 280 mil habitantes, localizada no interior do Rio Grande do Sul. A casa noturna, onde acontecia uma festa organizada por estudantes da Universidade Federal de Santa Maria, pegou fogo depois que um dos integrantes da banda que estava no palco acendeu um artefato pirotécnico. O fogo atingiu o forro da estrutura e se alastrou rapidamente matando 242 pessoas, a maioria intoxicada com a fumaça. O fato mobilizou equipes jornalísticas do mundo todo que durante dias e até meses passaram a acompanhar o desenrolar das consequências do incêndio de perto. Mobilizada foi também a equipe da Polícia Civil que, em menos de três meses, concluiu a investigação das causas do incêndio e apontou 18 pessoas como responsáveis pelo fato (ARBEX, 2018), os dois sócios da Boate, dois integrantes da banda,

familiares dos donos, secretários, funcionários, fiscais da prefeitura de Santa Maria e o prefeito, além de dez bombeiros que trabalharam no resgate das vítimas, na fiscalização da Boate Kiss e o comandante da instituição (ARBEX, 2018). Dentre os fatos apontados pela investigação policial estão irregularidades na emissão de alvarás – documentos necessários para o funcionamento de estabelecimentos comerciais – permitindo que o local estivesse aberto mesmo sem atender às normas de prevenção a incêndios com o conhecimento do poder público.

Dos indiciados pela Polícia, apenas oito foram denunciados criminalmente pelo Ministério Público como sendo os responsáveis pelo incêndio. Quatro deles por homicídio doloso. O resultado deixou pais, familiares e amigos das vítimas inconformados. Completados seis anos, em 2019, a tragédia segue para muitos familiares que não viram nenhum culpado ser suficientemente responsabilizado pelo fato – já que os quatro réus denunciados por homicídio ainda não foram julgados, e os demais considerados culpados pela Polícia nem sequer chegaram a ser denunciados pelos promotores. A tragédia segue para quem luta por justiça e respostas. O incêndio e suas consequências são tomados, neste trabalho, como um evento crítico (DAS, 1999), o qual desestabiliza a vida cotidiana e age nas estruturas das relações, independentemente do tempo transcorrido, mas que também pode, em algum momento, ser agenciador de mudanças para que as mães possam, por meio da linguagem e da narrativa, buscar novas formas de habitar o mundo. Sendo os sites de redes sociais o lugar propício para a comunicação nas plataformas digitais, nos interessa principalmente a forma como essas narrativas são construídas em articulação com esses ambientes.

Em consequência da tragédia, foram criados grupos por familiares e amigos das vítimas com propósitos distintos, descritos por Peixoto, Borges e Siqueira (2016) como sub-redes de solidariedade e justiça. Dois deles permanecem constituídos até hoje: a Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria¹ (AVTSM) representante oficial dos afetados pelo incêndio, que presta apoio jurídico e assistência social, médica e farmacológica e o Movimento Do Luto à Luta com ações mais voltadas à luta por justiça. O movimento Mães de Janeiro, voltado para a ação materna de acompanhamento das questões jurídicas, não foi encerrado, mas não desenvolve iniciativas autônomas. Além disso, outro grupo formado na época, ainda influencia as ações das mães. A ONG Para Sempre Cinderelas foi criada por cinco mães que perderam as filhas na tragédia e funcionou como uma

¹ A AVTSM se apresenta com a missão de “assegurar os direitos e interesses bem como garantir o auxílio e o amparo aos familiares das vítimas e aos sobreviventes da tragédia de Santa Maria.” E o propósito de “ser reconhecida como a associação que luta pela justiça e os direitos dos envolvidos na tragédia de Santa Maria.”. Disponível em: <<http://avtسم.org/a-avtسم/>>. Acesso em: 09 jan. 2019. A sede da Associação fica em Santa Maria e existem outros quatro núcleos em Manoel Viana, Ijuí, Uruguaiana e Santo Ângelo.

Organização até 2015, com a realização de campanhas sociais. O trabalho deu continuidade ao que havia sido iniciado em vida pelas jovens. Mesmo não sendo mais uma entidade oficialmente constituída, as mães que integravam a ONG ainda realizam campanhas sociais periódicas, agora em nome da AVTSM, para ajudar crianças moradoras de bairros periféricos de Santa Maria.

O ponto de encontro dos familiares de vítimas, sobreviventes, amigos e solidários à dor é a Tenda da Vigília, espaço montado em uma praça central de Santa Maria, que funciona como símbolo de resistência e de manutenção da memória da tragédia. No primeiro ano após o fato, todos os dias, a Tenda era ocupada por integrantes da AVTSM. Com o passar do tempo, as ações diminuíram, mas não encerraram. Até hoje, mães de vítimas se reúnem todas as quartas-feiras para a realização de vigílias, que também acontecem no dia 27 de cada mês, quando familiares se reúnem no local. Devido a essa união, resultante de tantos sentimentos compartilhados e atividades coletivas, muitos familiares criaram vínculos profundos a ponto de considerarem outros pais de vítimas como uma nova família.

As ações organizadas dos familiares e os desdobramentos do caso na justiça ainda têm grande repercussão na mídia tradicional, mas a luta dos pais e mães é muito maior que o tempo e espaço que a eles são destinados nas páginas de jornais ou reportagens de televisão. É na internet que eles encontram formas de exteriorizar os sentimentos, buscar solidariedade e dar visibilidade para a luta contra o esquecimento. Familiares se mobilizam, por meio das redes sociais online, por causas diversas como o pedido de julgamento dos culpados, a construção de um memorial às vítimas e o julgamento em corte internacional das autoridades locais que não foram responsabilizadas pela tragédia. Dentre essas pessoas inconformadas, estão mães de vítimas, que utilizam as redes sociais, por meio dos perfis pessoais, para experienciar os mais diversos sentimentos no processo de reestruturação da vida após a perda dos filhos.

A morte de um filho é considerada por pesquisadores de diversas áreas como a pior dor vivenciada pelos pais. Em uma pesquisa realizada com mães de filhos falecidos, as mesmas descrevem a sensação “como uma experiência surreal, paralisante, tomada por sentimentos de tristeza, desespero, solidão e desejo de morte, além da busca por resposta e justificativa em relação à morte do filho.” (FRIZZO, 2015, p. 256). A partir desse momento tem início um período de luto, que consiste em “um conjunto de reações diante de perdas” (idem, p.255) sendo considerada uma perda, o rompimento definitivo de um vínculo afetivo significativo. “A literatura contemporânea sobre luto propõe a compreensão do processo, ao entender que cada perda é única e individual” (FRIZZO, 2015, p. 260) o que leva a uma necessidade de compreensão de que a forma como o luto será vivido por uma mãe depende do contexto social no qual se encontra e também de fatores individuais, sendo importante se considerar as

particularidades de cada caso. Dessa forma, como consequência, os caminhos para expressar a dor, criar significados para ela e experiências para o luto também são fenômenos subjetivos e singulares.

Estudiosos contemporâneos da área da psicologia social têm diferentes teorias para as fases de vivência do luto (Bowlby, 1985; Bromberg, 2000; Worden, 1998; Sanders, 1999 apud WAINSTOCK, 2013), entretanto é de comum acordo que o luto não tem prazo estabelecido para acabar, pode durar meses, anos ou até mesmo nunca ter fim. “Essa é uma experiência jamais superada, embora tenda a se modificar com o passar dos anos, à medida que a mãe encontra meios e modos para lidar com a ausência do filho.” (FRIZZO, 2015, p. 255). Esses meios podem estar associados a criação de projetos, desenvolvimento de ações e envolvimento em outras atividades que façam com que a mãe possa dar novo significado para a própria vida diante da nova configuração imposta.

O recorte proposto também se faz necessário, uma vez que, a perspectiva da perda de um filho vivida por uma mãe é única e, assim, se reflete em práticas singulares de experiências nas redes digitais. A imagem de mãe é, nas sociedades ocidentais, construída como aquela que se sacrifica pelos filhos e que tem amor incondicional (BADINTER, 1985). Dela são exigidos o cumprimento de papéis relacionados com distinções de gênero (SCAVONE, 2001) que estão ligados ao cuidado e ao zelo pelos filhos. A concepção cultural de mãe faz com que a perda violenta de um filho desperte solidariedade de outras pessoas e as legitima a deixarem os espaços privados para ocuparem os espaços públicos para falarem em nome de um coletivo (VIANNA; FARIAS, 2011), entretanto com o passar do tempo essa dor, não superada pela mães, e a luta delas por justiça passa a ser uma ameaça a felicidade coletiva (ÁRIES, 2017).

A mudança, ao longo dos séculos, na forma como a morte é percebida nas sociedades ocidentais (ÁRIES, 2017), faz com que o assunto seja muitas vezes considerado um tabu, vetado, interdito. Aqueles que sofrem a perda de um ente próximo precisam encontrar espaços destinados especificamente a essa troca de experiências, onde seja possível desabafar sem ter vergonha, falar abertamente sobre a dor da separação, se identificar com outras histórias e receber apoio. E a internet se apresenta, muitas vezes, como um ambiente onde essas práticas podem ser feitas com mais liberdade, possibilitando a reconfiguração de práticas sociais tradicionais.

Parte-se da ideia de que as plataformas digitais de comunicação possibilitam uma participação mais efetiva dos cidadãos na busca do exercício dos direitos à comunicação e à justiça. Os meios de comunicação de massa já não são mais os únicos que dão voz aos indivíduos e à sociedade. Quem antes era espectador, consumidor de informações, passa a ter a

oportunidade de ser ouvido e virar também produtor (SHIRKY, 2011; CASTELLS, 2015, 2017). Considera-se ainda que as redes sociais proporcionam o surgimento de uma modalidade nova na forma de comunicação e também de gerenciamento das questões cotidianas.

A motivação intrínseca dos seres humanos em se manifestar, ou em participar de mudanças na sociedade ganha espaço nas redes sociais, onde pessoas que têm os mesmos problemas ou propósitos semelhantes têm a chance de se encontrar. "Uma maneira de ajudar um grupo a aumentar sua capacidade de funcionar junto é a criação e manutenção de uma cultura compartilhada" (SHIRKY, 2011, p.118). Esse conteúdo, quando elevado a um valor cívico, faz parte de uma cultura da participação e faz com que os cidadãos encontrem uma forma de cooperar com as mudanças sociais por meio da circulação de conteúdos nas mídias digitais. No caso do grupo de mães de vítimas da Boate Kiss, a aproximação delas não se deu nos ambientes digitais, uma vez que elas foram unidas no ambiente offline, por dores sofridas em conjunto, da perda e da injustiça, fazendo com que elas criasse vínculos por meio do afeto (PAIVA, 2012), uma "comunidade moral" (DAS, 1996) unida pelo sofrimento, e a partir de então, acionassem os recursos das plataformas de comunicação online (Facebook, Instagram e Whatsapp) para um estreitamento dos laços e uma reorganização dos discursos sociais, de forma a dar mais visibilidade às demandas do grupo. Esse panorama só é possível devido a configuração em rede da sociedade que possibilita estabelecer e manter conexões em prol de uma causa compartilhada. "Seu valor social é dado por uma certa combinação de experiência partilhada e criatividade conjunta que permitem, bem como a sua eficácia, sua capacidade de dar a seus usuários uma sensação de propósito comum e apoio mútuo para alcançá-lo" (BENKLER, 2006, p.427).

Hoje 55% da população mundial tem acesso à internet, de acordo com o site Internet World Stats². Já a mais recente Pesquisa Brasileira de Mídia³, realizada pela Secretaria Federal de Comunicação, em 2016, apontou o crescimento do acesso à internet pela população brasileira e um aumento da mobilidade no acesso. Dos entrevistados, 91% disseram que utilizam a internet pelo celular e 65% pelo computador. Dentre os recursos disponíveis aos usuários de *smartphones* estão os aplicativos sociais de interação. O mais utilizado pelos brasileiros é o Whatsapp⁴, 91% dos internautas possuem esse aplicativo de troca de mensagens instantâneas, seguido pelo Facebook (86%) e do Instagram (60%).

² Fonte: < <https://www.internetworldstats.com/stats.htm> >. Acesso em: 09 jan. 2019.

³ Fonte:<<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

⁴ Fonte:<<http://conecta-i.com/?q=pt-br/whatsapp-%C3%A9-o-app-de-rede-social-mais-usado-pelos-internautas-brasileiros>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Esses três aplicativos de comunicação pertencem a mesma empresa, o Facebook, que funciona por meio de algoritmos que manipulam o comportamento social e tem como única fonte de renda a venda de dados dos usuários (LANIER, 2018). A dinâmica dos algoritmos contribui para que os usuários das redes sociais vivam sob o regime de bolhas de filtros (PARISER, 2012) que restringem os conteúdos que são vistos por eles, fazendo com que enxerguem prioritariamente as publicações de pessoas que compartilham das mesmas opiniões, dando a impressão de não haver divergências de pensamento e dificultando a avaliação quanto à veracidade da informação prejudicando o senso crítico de cidadania.

Entretanto, independentemente do poder de agenciamento dos sites de redes sociais, os recursos tecnológicos móveis e as plataformas de socialização online de rápida interação proporcionam que os indivíduos tenham caminhos cada vez mais amplos para registrar fatos, expressar sentimentos e compartilhar conteúdos produzindo a sensação de que estão contribuindo para o debate público. Quem é afetado diretamente por algum problema, ou que é sensibilizado por ele, tem a possibilidade de expressar isso publicamente e produzir matéria-prima com diferentes abordagens sobre o mesmo fato o que até pouco tempo era restrito a poucas organizações de mídia (BENKLER, 2006).

Parte-se da observação da criação de páginas no Facebook envolvendo a tragédia da Boate Kiss com diferentes objetivos, criadas por familiares de vítimas, sobreviventes ou pessoas que, mesmo não tendo ligação direta com a tragédia, foram de alguma forma impactadas. Como exemplos citamos as páginas “Memorial às Vítimas da Kiss: campanha de arrecadação”⁵ criada para angariar fundos para a construção de um memorial às vítimas, “Kiss: que não se repita” que tem como objetivo “dar voz aos que não tinham”⁶ ou ainda “Movimento Mães de Janeiro”⁷ criada por “Mães que perderam seus filhos(as) na tragédia da boate uniram-se em busca de justiça em memória a seus amados filhos(as)”. Observa-se também a utilização de outras redes sociais como o Instagram e do Whatsapp como mecanismos de expressão e de construção de uma sociabilidade escalonável (MILLER et al, 2016) servindo aos propósitos de cada comunicação.

No Facebook, assim como no Instagram, qualquer pessoa que tenha uma conta nas plataformas tem a possibilidade de publicar informação, opinião e conteúdo sobre a qualquer tema. Nas redes sociais, estão as mães de vítimas da tragédia, que podem ter acesso a tudo o

⁵ Disponível em: < <https://www.facebook.com/campanhamemorialkiss/>>. Acesso em 10 jan. 2018.

⁶ Trecho retirado de publicação do dia 12 de janeiro de 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/KissQuenaoserepita/>>. Acesso 12 jun. 2018.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/Movimento-M%C3%A3es-de-Janeiro-701598459855019/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 12 jan. 2018.

que é publicado e ao mesmo tempo têm a liberdade de postar e compartilhar o que desejarem. Sendo os ambientes online e offline interconectados, eles colaboram para a “construção de significados” para os usuários. Assim “qualquer fragmento individual dos dados derivados da internet é, por isso, passível de ser interpretado de uma série de formas, dependendo dos contextos em que incorpora e adquire significado” (HINE, 2016, p.16).

Para servir como referência desta dissertação foram realizadas buscas em repositórios de pesquisas acadêmicas como o Banco de Teses e Dissertações da Capes e outras instituições de ensino superior e nos anais dos congressos Compós e Intercom Nacional, além de buscas no Google Acadêmico. Foram utilizadas como palavras-chave luto, morte, mães, tragédia, Kiss, redes sociais e Facebook. Vale ainda ressaltar que, dos trabalhos encontrados foi feita a análise da bibliografia utilizada, a partir da qual foram localizadas outras pesquisas que também nos foram significativas em algum aspecto. Entretanto, como resultado, não foram localizados muitos trabalhos que articulam todas as temáticas propostas nesta pesquisa.

Wainstock (2013) estudou a importância de escrever em blogs, como um recurso de comunicação para pais que perderam os filhos. O trabalho de Frizzo (2015), focado em mães que perderam filhos, ainda acrescenta que manter um blog funciona como uma alternativa para que elas possam enfrentar o luto e criar novos significados para a perda. Ao longo dos anos, os sites de redes sociais se estabeleceram como espaços ainda mais propícios para a interação. Inicialmente com o Orkut, Negrini (2010) pesquisou comunidades virtuais destinadas a falar sobre a morte do outro e afirma que os espaços funcionam como um local para experienciar a morte e “acaba sendo um espaço legitimado para que o ser humano possa expor tudo o que pensa sobre a morte sem ter medo de sofrer restrições da sociedade e da cultura.” (NEGRINI, 2010, p.30). Mais recentemente, o site de rede social Facebook foi objeto de estudo de Perluxo (2015) que observa as práticas de publicações das mães como sendo fundamentais para que pudessem receber apoio, se identificar com outras mães, recordar do filho, ter informações sobre ele, homenageá-lo e expressar sentimentos. Bousso et al (2014) também abordaram o Facebook como um novo *locus* para a manifestação de uma perda significativa no processo de elaboração do luto, assim como Melo (2016) afirma que as práticas de publicação no Facebook podem ser uma forma de subversão do princípio de uma rede social, que seria o da comunicação entre dois ou mais indivíduos, uma vez que ele analisa o ato de deixar mensagens nos perfis pessoais daqueles que já morreram. Um livro organizado pela professora Ada Cristina Silveira, lançado em 2014, pela editora FACOS-UFSM, aborda a midiatização da tragédia e enfoca diferentes vieses da cobertura da tragédia. Uma nova versão ampliada foi publicada em 2018. Tendo ocorrido tragédia semelhante em Buenos Aires, na Argentina, com a casa noturna

Republica de Cromañón⁸, Zenobi (2010) pesquisou, entre outros aspectos antropológicos, a perspectiva da dor como elemento agenciador em contextos de mobilizações públicas promovidas pelos pais de vítimas.

Esses são trabalhos relevantes para a compreensão das atualizações de práticas sociais com o surgimento de ambientes favoráveis, como as plataformas digitais que podem ser consumidas como mediadoras de sentimentos e desejos. Entretanto a maioria desses trabalhos, mesmo acionando as ferramentas de comunicação, foi desenvolvida por estudantes das áreas da Saúde ou da Psicologia e as pesquisas estão focadas nas consequências mentais e psicológicas dessas apropriações, ou ainda, aquelas desenvolvidas na Comunicação, estão centradas nas questões de construção da identidade póstuma do indivíduo e nas funcionalidades das plataformas.

Tem-se então, um cenário em que se vê a ampliação do acesso às tecnologias digitais articulada com o surgimento de espaços para as práticas humanas, como as ligadas à morte, ao luto e à vida, possibilitando novas dinâmicas comunicacionais e modos de organização social. Diante dessas circunstâncias, esse trabalho se justifica em função da pertinência de se compreender, sob a perspectiva da área da Comunicação, as novas dinâmicas e organizações sociais propiciadas pela apropriação das tecnologias digitais e o impacto que as mídias sociais têm na vida das mães que perderam os filhos em uma tragédia. Se estabelece como problema de pesquisa a seguinte questão: qual o papel das práticas de consumo das redes sociais para mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss na criação de experiências no cotidiano de forma a reestruturar a vida após a morte trágica de um filho?

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é investigar as práticas de consumo das redes sociais por mães de vítimas da Boate Kiss para criar experiências no cotidiano, e os objetivos específicos são: A) interpretar as dinâmicas dos processos comunicacionais e sociais em torno das temáticas ligadas à Kiss; B) observar as experiências digitais das mães nas redes sociais e identificar singularidades das práticas de consumo e C) verificar como essas práticas contribuem para que as mães possam voltar a viver depois da perda de um filho.

Para tais objetivos, adota-se nesta dissertação a pesquisa etnográfica para internet (HINE, 2015) por acreditar-se que é a melhor forma de compreender as particularidades dos contextos e ter acesso a visão singular das mães quanto às próprias práticas de consumo online. A abordagem metodológica empregada possibilita a escolha de um campo multissituado de estudo, o que é importante, uma vez que, a internet tem características fluidas, dispersas e

⁸ O incêndio na casa noturna aconteceu em dezembro de 2004 matando 194 pessoas.

flexíveis sendo crucial estar atento às conexões e às dinâmicas de incorporação. Essa visão holística faz-se necessária também, uma vez que, diante de um grande número de plataformas que propiciam a interação social, cada indivíduo tem a possibilidade de escolher qual delas irá utilizar para alcançar determinadas finalidades, para se relacionar com mais ou menos intimidade, com mais ou menos pessoas de acordo com seus objetivos (MILLER et al, 2016).

Antes de explicar a escolha do objeto empírico, vale aqui ressaltar que a autora do trabalho já tinha uma relação prévia com as mães. Jornalista, eu trabalhava como repórter da RBS TV Santa Maria, emissora afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, e participei da cobertura da tragédia da Boate Kiss desde as primeiras horas daquele domingo, 27. Em função da grande repercussão do incêndio, não só devido ao número de mortos, mas também em virtude das manifestações organizadas pelos familiares e sobreviventes, em homenagem às vítimas e pedindo justiça, realizei incontáveis reportagens o que fez com que eu estabelecesse uma relação de proximidade com algumas mães e pais. Além do fator profissional, esse convívio despertou também a admiração e o respeito pelos envolvidos, e um sentimento de solidariedade às causas defendidas por eles. Essa ligação prévia com as mães de vítimas, fez com que a minha aproximação, com finalidades acadêmicas fosse facilitada.

Meu primeiro convite para participar da pesquisa foi direcionado a Ligiane Righi da Silva, mãe de Andrielle, no início de janeiro de 2018. Ela sempre esteve envolvida em mobilizações na busca de justiça e em campanhas beneficentes, o que fez com que eu a tivesse entrevistado diversas vezes anteriormente. Nessa época, ela estava organizando uma vigília pelo aniversário da filha, que completaria 27 anos naquele mês. Ligiane também estava envolvida com as atividades previstas para marcar os cinco anos da tragédia. Na hora ela aceitou participar da pesquisa e ainda ressaltou a opinião de que acredita ser importante que trabalhos sejam desenvolvidos sobre o assunto, para que a tragédia não seja esquecida. A partir de então, fui estreitando laços com outras mães, que também compõem o foco de análise desta dissertação. As quatro mães enfocadas neste trabalho foram escolhidas por estarem envolvidas na luta por justiça e memória da tragédia, por serem conhecidas imgeticamente como mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss, por frequentarem com assiduidade a Tenda da Vigília e por utilizarem os sites de redes sociais, em especial o Facebook, como ferramenta de comunicação e de gestão da vida cotidiana.

Passei a frequentar a Tenda da Vigília semanalmente, além de outras atividades para as quais fui convidada pelas mães. Essa foi uma parte do trabalho de campo, que incluiu também a realização de entrevistas particulares com elas e observação das publicações feitas nos seus perfis pessoais nos sites Facebook e Instagram e no aplicativo Whatsapp. Lançando mão desses

mecanismos, foi possível encorajar as participantes a refletirem sobre suas práticas de consumo das redes sociais, para que eu pudesse interpretá-las melhor. Uma vez que, para entender os significados das publicações feitas pelas mães nas redes sociais requer “uma construção de confiança de longa data que permita a observação de atividades online em paralelo com as offline” (HINE, 2016, p.24).

Esta dissertação também se propõe a ser um registro do esforço de algumas mulheres na luta por justiça e memória na tragédia da Boate Kiss. Quer-se aqui apresentar a conjectura social brasileira que faz com que familiares de vítimas de barbáries coletivas não possam contar com autoridades públicas, que as deveriam defender, e precisem ocupar os espaços públicos (FARIA; LERNER, 2018) de forma autônoma para defender por seus propósitos e transformar sua dor em causa política. A exemplo de outras mães que se mobilizaram em busca de justiça na morte violenta dos filhos (BRITES; FONSECA, 2013), como as Madres da Plaza de Mayo, que se uniram em busca dos filhos desaparecidos durante a ditadura militar na Argentina e que servem como modelo de resistência para as Mães Kiss, quer-se aqui, não jogar um manto de heroicidade sobre elas, mas sim fornecer informações, dados e narrativas que apontem o esforço delas como protagonistas de um movimento, que iniciou com um propósito específico, mas que tem se sustentado também por meio da criação de novos significados de mudança social em articulação com as plataformas de comunicação online.

Esta dissertação está dividida em seis partes, além da introdução. Um capítulo de apresentação das mães tomadas como objeto empírico deste estudo, dois capítulos teóricos, um que irá desenvolver uma reflexão em torno de temas como luto materno, luta por justiça, sociabilização e memória e outro que traz os conceitos teóricos das práticas de consumo das redes sociais em um contexto de sociedade em rede, um capítulo teórico-metodológico e outro que inclui as análises das práticas de consumo online das mães, encerrando com as considerações finais quando se responde a questão problema desta pesquisa.

2 CORAÇÕES DE LUTO: MÃES KISS

O incêndio da Boate Kiss fez com que mães perdessem seus filhos de forma trágica, sendo seguido pela falta de punição aos apontados como culpados e ainda com a pressão social e empresarial para que as elas “superassem” a perda e “deixassem Santa Maria voltar a sorrir”. O incêndio e as consequências, tão traumáticas quanto, fizeram com que mulheres, que nunca tinham se visto antes, ou tinham pouco contato, se tornassem amigas, companheiras unidas pela profusão de sentimento que a perda de um filho pode resultar, bem como a revolta pela falta de justiça. Para algumas a aproximação se deu ainda na procura dos corpos dos filhos, outras fortaleceram os laços durante as manifestações que se seguiram à tragédia, caminhadas, protestos, ocupações nas quais elas erguiam suas principais bandeiras de justiça e memória. A ligação entre as mães se deu de diferentes formas e ainda hoje tem variados graus de intensidade e de proximidade. Na cidade elas são conhecidas como Mães Kiss.

As relações sociais e os propósitos pelos quais lutam foram estabelecidos inicialmente no ambiente offline, mas se estendem ao online de forma indissociável, especialmente pelo Facebook e Whatsapp. As práticas online dessas mães não se atêm à conquista dos seus objetivos, são muito mais complexas, ao mesmo tempo que ocupam uma centralidade no cotidiano de suas vidas. Para que seja possível a compreensão dos impactos dos sites de redes sociais na vida das mães é importante entendermos melhor seus contextos, sentimentos, propósitos particulares e coletivos, por isso este primeiro capítulo da dissertação é dedicado a apresentar o perfil das quatro mães foco do trabalho.

São utilizados os nomes verdadeiros das mães por serem pessoas conhecidas na cidade, terem concordado com a pesquisa e assinado Termos de Acordo e Livre Consentimento. As narrativas foram construídas com base em observações de seus perfis nas redes sociais, em especial no Facebook, em conversas informais durante encontros sistemáticos na Tenda da Vigília e outras situações sociais. Também realizei entrevistas em profundidade com cada uma delas, que foram transcritas e serão citadas ao longo do texto, bem como durante o capítulo de análise. Como fonte de informação, lancei mão ainda do livro *Todo dia a mesma noite* escrito pela jornalista Daniela Arbex, lançado em janeiro de 2018, que teve como base horas de entrevistas com os envolvidos na tragédia, além da reunião de documentos que contam a história sob diferentes perspectivas.

Minha relação com essas quatro mães não se iniciou no momento em que as escolhi – e que elas aceitaram – fazerem parte desta pesquisa. Em 2013, quando a tragédia aconteceu, trabalhava como repórter na RBS TV, afiliada da Rede Globo em Santa Maria, e participei

ativamente da cobertura do incêndio, bem como acompanhei os desdobramentos do caso até 2017 quando me desliguei da empresa para me dedicar ao Mestrado. Entretanto é inegável que minha relação com as mães se intensificou e alcançou outro patamar desde o início do trabalho de campo em janeiro de 2018. Os detalhes da minha inserção no campo, bem como da minha relação com as mães será explicitado no quinto capítulo que trata da abordagem teórico-metodológica aplicada nesta dissertação.

Tabela 1 – Mães e seus respectivos filhos com a idade que tinham no dia da tragédia.

Mãe	Filho, idade
Ligiane Righi da Silva	Andrielle, 22
Vanda Dacorso	Vitória, 22
Maria Aparecida Neves (Cida)	Augusto Cezar, 19
Áurea Flores	Luiz Eduardo, 24

Fonte: a autora.

2.1 LIGIANE RIGHI DA SILVA

Ligiane tem 49 anos, casada, tem outra filha, trabalha como doceira, é católica se diz praticante, mas com “um pé no espiritismo”. Ela perdeu a filha Andrielle, então com 22 anos, na tragédia. A relação de Ligiane com a religião mudou depois da morte da filha. Ela conta que nunca questionou Deus, mas passou a procurar outras fontes de conforto e respostas, que encontrou em partes na doutrina espírita e na umbanda.

Andrielle estava na Kiss para comemorar o aniversário juntamente com outras duas meninas que também aniversariavam em janeiro, a melhor amiga Victória (filha de Vanda) e Flávia. As três amigas e mais duas se arrumaram juntas para a festa.

Das cinco amigas, Andrielle era a única que não tinha entrado para a faculdade. A garota de longos cabelos pretos que fazia o tipo rebelde sem causa usava *pircing* no lábio, tocava violão e era rápida na conquista de novos amigos, apesar da timidez com garotos. Com fome de viver, ela se preocupava pouco com o futuro. Deixava a mãe, Ligiane, preocupar-se pelas duas, afinal tinha tempo de sobra pela frente, e isso lhe bastava. (ARBEX, 2018, p.92).

A última noite das jovens foi registrada em uma máquina fotográfica digital, levada por uma delas, que foi recuperada pelas mães após a investigação policial. Com frequência, as fotos são compartilhadas por Ligiane em seu perfil no Facebook.

Ela também tem perfil no Instagram e utiliza muito o Messenger e o Whatsapp. Tem as redes sociais desde que trocou de celular, há cerca de cinco anos. Tinha Orkut e lembra que criou uma conta no Facebook antes mesmo das duas filhas. Além do perfil pessoal, tem uma página no Facebook, na qual divulga os doces e salgados que faz. Ela começou a utilizar o Instagram no final de 2017 e percebeu que foi alterando suas práticas de consumo, no início utilizava o aplicativo duplicando conteúdos publicados no Facebook ou o recurso de *story* (quando o conteúdo fica disponível para os seguidores por apenas 24 horas), mas ultimamente tem feito publicações diferentes, segundo ela que são mais adequados para cada site.

Ainda assim, Ligiane prefere utilizar o Facebook por ser a rede na qual tem mais conhecidos e assim acredita conseguir fazer com que suas mensagens cheguem a mais gente. Ela faz publicações abertas, mas afirma que tem o cuidado de postar fotos de Andrielle apenas para os amigos. Na rede, ela encontra um espaço no qual pode falar dos sentimentos, do que está pensando e recebe palavras de apoio e solidariedade de muitas pessoas. Ela conta que enfrenta muito mais o desrespeito das pessoas quando está na Tenda da Vigília no centro de Santa Maria do que nas redes sociais. Depois da morte da filha ela se afastou até mesmo de alguns familiares que não compreendem a dor da perda, nem a persistência dela em falar do assunto, afirma que se dá ao direito de ir apenas onde se sente bem e encontrar pessoas que a entendam e com quem ela se identifica.

Depois do incêndio ela se envolveu em diversas atividades relacionadas a Boate Kiss como protestos, manifestações e ocupações. Segundo ela, fez um a promessa à filha que iria lutar para manter a memória dela e das amigas, além disso ela afirma que “não conseguia ficar em casa chorando como se nada tivesse acontecido”, por isso acreditava que precisava ir para a rua lutar por justiça. Passou a fazer parte do Movimento Do Luto à Luta, da AVTSM, das Mães de Janeiro e também ajudou a criar a ONG Para Sempre Cinderelas que organizava ações solidárias para crianças moradoras de bairros periféricos de Santa Maria. Ligiane foi a idealizadora da vigília permanente, o movimento que reúne mães de vítimas (pais e amigos comparecem por algum tempo também) todas as quartas-feiras na Tenda da Vigília. Ela é a única que passa o dia inteiro (das 9h às 18h) no local e costuma estar vestida com camisetas temáticas sobre as ações do Movimento e da Associação ou de homenagens à filha. Ela também se envolveu em outras manifestações pedindo justiça como dos casos do menino Bernardo⁹, que aos onze anos foi morto, tendo o pai e a madrasta entre os acusados do assassinato e da

⁹ Familiares de vítimas da Boate Kiss promoveram uma caminhada, em maio de 2014, em homenagem ao menino. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/caso-bernardo-boldrini/noticia/2014/05/familiares-de-vitimas-da-kiss-fazem-caminhada-por-bernardo-no-rs.html>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

Isadora¹⁰, jovem morta, de acordo com investigação policial, pelo namorado. Ela também participou da campanha #EleNão nas ruas de Santa Maria. Antes da tragédia ela nunca havia se envolvido em manifestações, mas como era atuante na Paróquia São Marcos, igreja católica do bairro que mora, participava da promoção e da organização de festas e eventos na comunidade.

Ligiane tem grande apego a alguns bens materiais que representam a memória da filha. No início de 2018, ela reformou o quarto da filha, doou algumas roupas, mas fez questão de guardar aquelas que estavam velhas demais para serem aproveitadas por outras pessoas, ela manteve aquelas que tinham as marcas de uso de Andrille, punhos gastos, barras puídas, e que, de alguma forma, materializavam a presença da filha naquelas roupas. Ela guardou também o violão, o All Star preferido e o ursinho com camiseta do Grêmio, time do coração. Segundo Miller (2013), a conservação de bens pessoais do falecido e o processo de desapego gradual dos mesmos são comportamentos que fazem parte da vivência do luto. “Nesse tocante os trecos são muito úteis. Se você não pode controlar o modo como se separa do corpo vivo, decerto pode controlar o modo como se separa, ou se despoja, dos objetos outrora associados àquele corpo.” (MILLER, 2013, p.215). Os pertences guardados da filha, são aqueles em que, com frequência, aparecem junto com a jovem nas fotos publicadas por Ligiane nos sites de redes sociais. Ela também mantém o perfil de Andrielle no Facebook “em memória”¹¹, a conta do Twitter foi apagada, depois que pessoas utilizaram uma frase escrita pela jovem na noite da tragédia para espalhar teorias de conspiração.

No Facebook, Ligiane tem cerca de 2 mil e 600 amigos a maioria que ela não conhece. Faz muitas publicações diárias na rede social, sendo a maioria relacionada com a tragédia na Boate Kiss e com a morte da filha. Ela conta que, se não postar nada na rede, os amigos a chamam *inbox* (conversa privada) para saber se ela está bem. Ela diz que sempre teve o costume de publicar frases nas suas redes sociais, mas que antes eram mais otimistas e depois da perda da filha, passaram a ser mais intimistas, de coisas que ela está sentindo no momento.

Ela troca bastante as fotos da capa e do perfil no Facebook, mas sempre com imagens que remetem à Kiss ou à filha falecida (Figura 1).

¹⁰ Protesto foi organizado pelos familiares de Isadora para pedir justiça em agosto de 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/08/em-santa-maria-familia-de-gaucha-morta-em-maio-em-imbituba-faz-alerta-contr-o-feminicidio-cjkps67af00rd01qkmgyu49dl.html>>. Acesso: 08 jan. 2019.

¹¹ De acordo com o Facebook, as contas em memória “são um local onde amigos e familiares podem se reunir para compartilhar lembranças, após o falecimento de uma pessoa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/103897939701143>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

Figura 1 – Perfil de Ligiane no Facebook no dia 08 de janeiro de 2019.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Na legenda da foto de capa está escrito “...E a gente vai vivendo e aprendendo que o que temos de mais precioso não é o que nossas mãos alcançam, mas o que nosso coração abraça...” Te amo filha   — com (marca a filha que está na foto)”. Na foto de perfil a legenda diz: “A dor da morte de um filho nunca passa, nem após todo tempo do mundo, apenas nos acostumamos a viver com ela, que dias dói menos, dias dói mais, como uma dor crônica que teremos pra sempre.” ”. Na apresentação, local destinado a descrição de si na rede social, está a frase “Tragédias como a da boate Kiss não são fatalidades, são resultados da omissão e da ganância”.

Ao observar o perfil pessoal de Ligiane no Facebook, percebe-se que a apresentação que ela faz de si remete a sua relação com a tragédia da Kiss e ao amor materno ora explicitado por meio da filha que está viva, ora pela memória da jovem falecida. O mesmo acontece no Instagram (Figura 2). Já no Whatsapp, Ligiane não faz referência à tragédia, mas aparece abraçada com as duas filhas e tem como descrição “É sempre amor!”

Figura 2 – Perfil de Ligiane no Instagram em 26 de dezembro de 2018.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Uma das principais companheiras de vigília de Ligiane é Vanda. As duas tinham conversado apenas uma vez antes da tragédia, mas se uniram no dia 27 para tentar localizar os corpos¹² das melhores amigas Andrielle e Vitória, filhas respectivamente. Das quatro mães enfocadas nesta pesquisa, Ligiane foi com quem tive mais tempo de convivência, uma vez que ela estava sempre na Tenda da Vigília.

2.2 VANDA DACORSO

Vanda tem 57 anos, é umbandista, formada em Pedagogia, mas nunca desempenhou a profissão, trabalhando sempre como dona de casa. É casada pela segunda vez e mantém um bom relacionamento com o primeiro marido, pai das duas filhas, uma delas com Síndrome de Down. Na tragédia, Vanda perdeu Vitória, na época com 22 anos. A jovem cursava o último ano de Nutrição na Universidade Federal de Santa Maria/Campus Frederico Westphalen e preparava a formatura que aconteceria no final de 2013.

Vanda nunca questionou Deus pela morte da filha, uma vez que na sua compreensão a vida e a morte fazem parte da “passagem pelo mundo material”, o que ela questionou foi o jeito

¹² Devido a grande quantidade de mortos e feridos no incêndio, foi difícil para alguns familiares conseguirem localizar rapidamente onde estavam as vítimas. As pessoas que estavam feridas foram levadas para diferentes hospitais, enquanto as que foram encontradas já sem vida, foram encaminhadas para o Centro Desportivo Municipal, um complexo de ginásios onde foi feita a identificação de todos os mortos.

como tudo aconteceu. Num primeiro momento foi invadida por sentimentos de indignação e pela vontade de expor como houve “ganância e omissão” dentro das diversas entidades que deveriam ser responsáveis pela legalidade no funcionamento da Boate. A vontade de denunciar essas falhas na administração pública e de pedir punição para todas as pessoas que foram indiciadas pela Polícia, mas não denunciadas pelo Ministério Público foram elementos que a motivaram a lutar por justiça. Com o passar do tempo, surgiu também o esforço para que outras pessoas não passem pelo que elas estão passando.

Antes da tragédia ela participava de manifestações pedindo melhores condições para a escola em que a filha especial estuda, prática que segue desempenhando, como no dia 30 de maio de 2018 quando participou de um protesto pelo repasse de verbas para o transporte dos estudantes. Depois da tragédia, foi uma das mães responsáveis pela OGN Para Sempre Cinderelas e ainda participa das ações solidárias da AVTSM, da qual também fez parte da diretoria por um tempo. Ela frequenta a Tenda da Vigília quase todas as quartas-feiras. Chega cedo, ajuda na montagem e passa boa parte do dia no local junto com Ligiane.

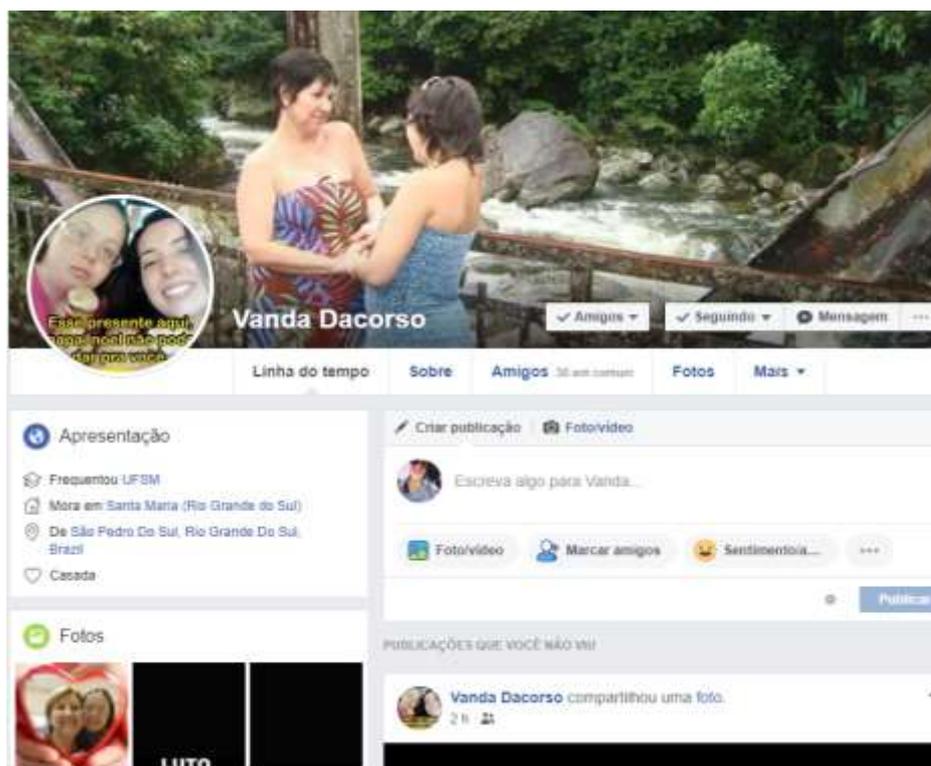
Vanda acredita que o Facebook é uma ferramenta fundamental para dar visibilidade à luta das mães. “Porque a gente consegue atingir um público muito maior e medir o que as pessoas estão pensando.” Ela tem conta no site de rede social há seis anos e afirma que passou a acessar mais depois da tragédia, para se informar sobre notícias da Kiss, sobre as manifestações organizadas pelos familiares e também para entender a percepção dos outros sobre a tragédia a partir dos comentários feitos pelos demais usuários da rede, embora se decepcione ao ver que nem todos demonstram empatia pela dor do outro. Embora não concorde com o que as pessoas publicam na internet, isso nunca alterou a relação dela com ninguém, pois entende que todos têm direito a ter suas próprias opiniões.

No Facebook, Vanda tem menos de 500 amigos em seu perfil pessoal. Ela costuma fazer diversas publicações relacionadas a Boate Kiss, entretanto percebe-se que a maioria são referentes às atividades cotidianas, na presença da outra filha e muitos compartilhamentos de notícias sobre a situação política do país, outros crimes além de publicações sobre amizade e autoestima, muitas vezes em tom bem-humorado. Ela percebe seu consumo da rede social como algo natural. “Foi e sempre é intuitiva, sem me dar conta do alcance de rede social. Eu penso que quando escrevo, compartilho ou deixo recados via rede social é como se eu estivesse em uma conversa bem informal com meus inúmeros amigos.”

Vanda troca com frequência sua foto de perfil no Facebook, gosta de fazer alterações temáticas como no inverno, estação do ano que ela detesta, quando colocou um boneco de neve cheio de roupa ou depois das eleições quando trocou por uma imagem de fundo escuro com a

palavra luto, que segundo ela era o sentimento que ela tinha pela tristeza que seria o Brasil nos próximos quatro anos. Entretanto a foto de capa de as informações descritas na apresentação são as mesmas desde 14 de maio de 2017 (Figura 3).

Figura 3 – Perfil de Vanda no Facebook no dia 08 de janeiro de 2019.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Apesar de utilizar fotos das filhas como imagens de apresentação, não há referência permanente à tragédia da Boate Kiss. O mesmo acontece no Whatsapp onde tem uma foto das filhas como imagem de identificação. Vanda não possui perfil no Instagram. Ela conta que Vitória tinha “todas as redes sociais possíveis da época”, mas que ela deletou por considerar muito mórbida a manutenção de uma rede na qual se supõe uma interação, mas que a filha não poderia mais responder.

2.3 MARIA APARECIDA NEVES

Maria Aparecida é conhecida por todos como Cida e será referenciada assim neste trabalho, ela tem 60 anos, casada e não tem outros filhos, é dona de casa e evangélica. Na tragédia, ela perdeu o filho Augusto Cezar, quem adotou logo ao nascer, porque não podia ter

filhos. Ele tinha 19 anos quando morreu e cursava o terceiro semestre do curso de Bacharelado em Ciências da Computação na Universidade Federal de Santa Maria.

Ela o marido e o filho eram membros uma igreja evangélica de Santa Maria, o que significa que participavam ativamente das atividades, grupos de orações e reuniões. Porém, depois da morte do filho, ela e o marido se distanciaram de amigos e do pastor da dessa igreja. Os dois foram vítimas de julgamentos e discriminação, chegando a ser considerados culpados pela morte do filho, ao permitirem que ele estivesse em uma boate, lugar considerado profano, e não em um culto religioso. Ela continua fiel à religião, mas mudou de igreja, pois considera que a maldade foi feita pelo homem e não por Deus. Entretanto atualmente participa dos cultos quando tem vontade, numa média de duas vezes por semana.

Augusto Cezar foi adotado por Cida e o marido aos três meses de idade, ela conta que sempre sonhou em ser mãe, mas descobriu que não poderia engravidar. Depois de muitos procedimentos médicos, eles decidiram pela adoção. Cida me mostrou o quarto de Augusto Cezar, o qual mantém como ele deixou quando saiu de casa pela última vez. Doou algumas roupas, mas outras foram deixadas nos armários. Em uma cômoda estão brinquedos da época de criança, xerox da faculdade e outros pertences do filho. No Facebook o perfil dele foi colocado “em memória”.

Antes da tragédia, nunca tinha participado de nenhum protesto ou manifestação pública e “achava horrível estarem gritando, brigando!”. Opinião que foi alterada depois que perdeu o filho. Ela conta que percebeu que precisaria lutar por justiça, porque era a coisa certa a ser feita e ia ao encontro do que sempre havia ensinado para o filho. Cida participou das mobilizações organizadas pelo Movimento do Luto à Luta e das Mães de Janeiro e é integrante da AVTSM. Ela frequenta com assiduidade a Tenda da Vigília.

Até pouco tempo, Cida acessava a internet principalmente pelo notebook que era do filho onde estavam armazenadas algumas fotos dele. Entretanto nos últimos meses, ela conta que tem preferido utilizar o celular com o qual tira foto de fotografias reveladas e publica em seu perfil no Facebook. Nesse site de rede social ela tem mais de mil e 500 amigos. Tem conta no Instagram, mas com apenas uma foto publicada e utiliza o Messenger e o Whatsapp.

Nas redes sociais online, ela passou a publicar muito mais depois da morte do filho, uma vez que vê a plataforma como um espaço para escrever o que pensa e cobrar por aquilo que acha certo. Entretanto ela diz que começou a ter mais cuidado com o que escreve depois que alguns familiares de vítimas foram processados pelo Ministério Público¹³. Cida costuma fazer

¹³ Quatro familiares de vítimas da Boate Kiss foram processados pelo Ministério Público, acusados de calúnia e difamação. De acordo com as denúncias, os promotores se sentiram ofendidos por textos publicados em artigos de

publicações com frequência no Facebook, principalmente, conta ela, quando está triste com a lembrança da perda do filho ou revoltada por algum motivo. Porém percebe-se que a publicação nas redes sociais não é uma rotina prioritária em sua vida, uma vez que a prática acaba sendo deixada de lado quando ela está envolvida em outras atividades, foi o que aconteceu em janeiro de 2018 quando ela fez onze publicações. Cida contou que neste mês estava cuidando da irmã que mora em Santa Catarina e sofria de um câncer terminal.

O celular costuma ser uma companhia para ela que passa muitas tardes sozinha em casa, uma vez que o marido trabalha fora o dia todo. O “silêncio me faz mal” ela desabafa. Cida gosta de receber mensagens de bom dia, figuras e frases que costuma repassar. Não gosta de conversas em grupo e quando quer passar o tempo chama alguém para conversar no aplicativo. Apesar disso, quando tem muitas contas a pagar, ela prioriza outras necessidades em detrimento da colocação de créditos de internet no celular.

Em seu perfil pessoal no Facebook Cida faz referências ao filho e à tragédia da Kiss (Figura 4).

Figura 4 – Perfil de Cida no Facebook em 08 de janeiro de 2019



Fonte: captura de tela feita pela autora.

jornais de autoria de um dos pais e por cartazes colados nas ruas de Santa Maria apontando um dos promotores como também responsável pelo incêndio. Um dos processos foi extinto e o outro resultou na absolvição dos pais.

No Instagram, a primeira e única publicação feita por ela foi em setembro de 2018, de uma foto do filho quando criança. No Whatsapp, na foto de identificação ela aparece com o marido.

2.4 ÁUREA FLORES

Áurea tem 54 anos, casada, professora aposentada e tem outro filho mais novo. Na tragédia, perdeu Luiz Eduardo com 24 anos que tinha acabado de assumir o cargo público de Oficial Escrevente no Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, fato do qual ela se orgulha, principalmente por ele ter conseguido sentir a satisfação de ser independente e ter seu próprio dinheiro mesmo que por pouco tempo.

Ela sempre foi católica, mas depois da morte do filho começou a procurar outras religiões que pudessem explicar o que ela estava passando. Ela e o marido conheceram diversas religiões foram a igrejas evangélicas, tempos budistas, mas encontraram mais explicações na doutrina espírita sobre a qual leem muito inclusive na internet. Segundo ela, a morte de filho desconstruiu tudo aquilo que acreditava e começou a refletir mais sobre a vida. Na política se decepcionou ao ver que “ela é mais poderosa que uma vida de um ser humano”, e que os interesses e os cargos são sempre colocados acima das pessoas.

Um meio de se manifestar a respeito de tudo que pensava foi o Facebook, que antes não costumava usar com tanta frequência. Ela costuma fazer publicações diárias no site algumas em alusão à Kiss, especialmente no que se refere aos processos na justiça com o compartilhamento de notícias. Em publicações que se referem à memória do filho, ela destaca constantemente o caráter solidário e engajado do jovem e algumas vezes chega a citá-lo diretamente, marcando-o nas postagens. O perfil dele permanece ativo na rede social.

No Facebook, Áurea tem pouco mais de 600 amigos e costuma aderir a bandeiras levantadas na rede social em defesa de causas, por meio de tarjas ela explicita seu apoio a alguns temas como “Para o bem-estar dos animais, diga não aos fogos de artifício”, “#Somostodossomália”, além das relacionadas à tragédia da Boate Kiss, “Tenho uma saudade e 242 motivos para lutar”, mas em seu perfil pessoa não faz referências permanentes à tragédia (Figura 5). No Instagram, a conta dela é recente e a única publicação feita foi em agosto de 2018. No Whatsapp a imagem de identificação é uma foto do casamento dela e que aparece com o marido em uma moldura de coração.

Figura 5 – Perfil de Áurea no Facebook em 08 de janeiro de 2019.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Antes da tragédia Áurea se envolvia em manifestações reivindicando recursos para a educação pública, em especial para as três escolas estaduais em que trabalhou. Também sempre se engajou em campanhas para arrecadar doações para casos específicos de pessoas que precisavam. Depois do incêndio se envolveu em todas as manifestações realizadas na cidade, caminhadas pedindo paz e justiça, das ações promovidas pelo Movimento do Luto à Luta e o Mães de Janeiro, sempre sem o marido que nunca gostou de se envolver diretamente. Atualmente ela faz parte da AVTSM e participa de eventos promovidos pela associação. Ela costuma falar em nome das mães. Os textos escritos por ela e lidos em ocasiões especiais, como na cerimônia realizada para marcar os 5 anos da tragédia, em 27 de janeiro de 2018, ressaltam a importância da manutenção da memória dos filhos como uma forma de resistência e busca por justiça, ela costuma destacar também o sentimento de responsabilidade dos pais, que perderam seus filhos, com a promoção de mudanças para que outras tragédias semelhantes não aconteçam. Costuma participar das vigílias mensais em homenagem às vítimas e passa para cumprimentar as outras mães nas vigílias das quartas-feiras.

Áurea, o marido e uma sobrinha criaram a Rede Dudu Bem uma organização sem fins lucrativos com o intuito de promover campanhas para assistir a pessoas carentes. O cadastro de quem necessita de algum tipo de ajuda material pode ser feito pela internet, a família recolhe as doações e destina o que foi arrecadado. A ideia partiu da cunhada de Áurea como sendo algo

que poderia animá-la, uma vez que seria uma forma dela se envolver em atividades sociais e também uma forma de se manter perto dos amigos de Dudu que antes estavam sempre na casa deles.

A descrição desses perfis nos aponta para mulheres com crenças, personalidades, modos de vida e costumes de utilização de plataformas de comunicação bem diferentes. Entretanto, suas vidas têm como ponto de intersecção a dor da perda dos filhos e a sensação de injustiça, sentimentos que influenciam todas as esferas da vida e alteram suas práticas de consumo online, em especial do Facebook. Entender a forma como essas práticas auxiliam na criação de experiências para que as mães possam voltar a habitar o mundo é o propósito desta dissertação. Para tal, nos próximos capítulos serão acionados referenciais teóricos que abarquem os aspectos sociais e digitais das vivências das mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss.

3 A VIDA DEPOIS DA KISS: LUTO, INTERAÇÕES SOCIAIS E MEMÓRIA

A tragédia da Boate Kiss fez com que Santa Maria ficasse mundialmente conhecida, não só pelo enorme número de vítimas fatais, mas também pela falta de justiça nos processos de responsabilização dos apontados como culpados. Foram 242 mortos e quase de 700 feridos, além deles é difícil mensurar o número de pessoas que foram afetadas psicologicamente, em especial, aquelas que estavam na festa e sobreviveram sem traumas físicos e aquelas que trabalharam naquela madrugada e nos dias que se sucederam ao incêndio. Em 2018, para algumas pessoas esse fato já faz parte de um passado doloroso no qual é preferível não pensar, para outras a lembrança daquela madrugada vai permanecer para sempre como uma cicatriz que nunca vai desaparecer e ainda, para um grupo específico, essa ferida vai estar sempre aberta e dolorida: as mães que tiveram suas filhas e filhos mortos no incêndio.

São mães que passaram a ser obrigadas a conviver com a pior dor do mundo (FREITAS; MICHEL, 2014). Até hoje, cada uma busca formas de lidar com esse sentimento, reestruturar as práticas cotidianas e construir uma nova rotina para suas vidas, que nunca mais serão as mesmas. Para algumas delas, a voz pode surgir no momento da transgressão, ao expor para a sociedade, por meio da comunicação e da narrativa, o dano sofrido por elas e infringido ao tecido social como um todo. O descer à vida cotidiana (DAS, 2011) é um desafio para essas mães que precisam encontrar formas de continuar vivendo. Para essas mães, lutar pela busca de justiça e de memória não é uma escolha, mas sim uma responsabilidade assumida por elas, um compromisso para que a vida de seus filhos não tenha sido em vão.

Este capítulo da dissertação, se dedica a refletir sobre as novas configurações de vida, os novos vínculos estabelecidos e os novos propósitos encontrados por mães que perderam filhos na Tragédia da Boate Kiss, com foco nos impactos que as mídias sociais têm nesses processos. Para tal se apresenta o contexto social e político brasileiro no qual se deu a tragédia e a partir do qual emergiram vozes de mulheres que saíram do espaço doméstico para se lançar no espaço público (VIANNA; FARIAS, 2011) em nome de uma causa. Aqui serão trabalhadas as ideias de morte e luto na sociedade e suas abordagens nas redes sociais. Apresentamos também uma breve discussão sobre a construção da memória e das narrativas construídas por aquelas que têm a dor como sentimento comum.

3.1 DA TRAGÉDIA À MOBILIZAÇÃO

O incêndio da Boate Kiss aconteceu na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, cidade com cerca de 280 mil habitantes, localizada no interior do Rio Grande do Sul. Na casa noturna, acontecia uma festa chamada de “Agromerados”, organizada por estudantes universitários dos cursos de Agronomia, Medicina Veterinária, Zootecnia e Técnico em Agronegócio para arrecadar fundos para a formatura. Durante a apresentação da banda “Gurizada Fandangueira”, o vocalista acendeu um artefato pirotécnico, o que segundo a investigação policial, foi o que deu início ao fogo que rapidamente se alastrou pela espuma que revestia o forro do prédio. A maioria das vítimas morreu na hora, outros permaneceram internado. O último falecimento foi em abril daquele ano, totalizando 242 pessoas mortas.

A investigação da Polícia Civil revelou uma série de irregularidades no funcionamento da Boate, desde os processos de liberação de alvarás até as ações de fiscalização por órgãos públicos. A Boate Kiss foi inaugurada em julho de 2009, sem a aprovação da prefeitura (ARBEX, 2018), em um prédio que anteriormente funcionava como depósito de bebidas. Ao longo dos anos de funcionamento da casa noturna, fiscais da administração pública realizaram diversas inspeções e fizeram exigências para que o local tivesse condições legais de funcionar. Seriam necessárias 29 adequações no projeto arquitetônico, entre elas a instalação de saídas de emergência, nunca concluídas.

No Ministério Público, estava em andamento um Inquérito Civil para investigar a poluição sonora causada pelo estabelecimento (ARBEX, 2018). Localizada em uma área central de Santa Maria, cercada por prédios residenciais, os vizinhos reclamavam do barulho que emanava da boate e protocolaram uma reclamação por perturbação do sossego público. O resultado foi a assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta por meio do qual os donos da boate se comprometeram a solucionar o problema. Para cumprir o TAC, eles compraram em uma loja de colchões “mantas de espuma piramidal” para serem instaladas na estrutura interna da boate com o propósito de impedir o vazamento do som. O material foi aplicado com cola de sapateiro por três funcionários da boate. Arbex (2018) destaca que “o uso desse material com a finalidade de isolamento acústico é expressamente vedado por lei municipal”. (ARBEX, 2018, p. 197).

A primeira fiscalização feita pelo Corpo de Bombeiros na Boate Kiss, foi em abril de 2011, quase dois anos depois da inauguração. Após a inspeção foi emitida uma “notificação de correção referente aos extintores, à iluminação de emergência, às saídas de emergência e às mangueiras de gás” (ARBEX, 2018, p0.196), também foi indicada a necessidade da criação de

mais saídas de emergência. Apesar das pendências, o Alvará de Prevenção e Proteção Contra Incêndio foi renovado em agosto daquele ano.

Diante das irregularidades, o Inquérito Policial instaurado depois do incêndio indiciou 18 pessoas, entre elas secretários, funcionários, fiscais da prefeitura e o prefeito de Santa Maria, além de dez bombeiros que trabalharam no resgate das vítimas e na fiscalização da Boate Kiss, incluindo o comandante do Corpo de Bombeiros (ARBEX, 2018). Porém apenas quatro pessoas, os dois sócios da Boate Kiss e dois integrantes da banda, foram denunciadas pelo Ministério Público por homicídio doloso e até fevereiro de 2019 ainda aguardam em liberdade o julgamento. “Outras quatro pessoas foram denunciadas pelos promotores, dois bombeiros por fraude processual e outras duas pessoas ligadas à Kiss por afirmações falsas.” (ARBEX, 2018, p.205). No âmbito civil, as outras dez pessoas indiciadas pela polícia não foram denunciadas pela promotoria, entre elas o prefeito Cezar Schirmer.

O incêndio na boate trouxe à tona um sem-número de contradições e de conflitos provocados por condutas consideradas omissas, negligentes e/ou criminosas, respingando suspeição sobre diversos agentes públicos. A principal pergunta dos familiares afetados diretamente pelo evento é como uma boate que jamais operou um único mês atendendo a todas as exigências legais para a manutenção de suas atividades conseguiu chegar, incólume, até o dia 27 de janeiro de 2013. (ARBEX, 2018, p.198)

A atuação do Ministério Público resultou em insatisfação aos familiares de vítimas, uma vez que os agentes públicos não seriam sequer investigados, assim os pais “perderam a confiança no Ministério Público e na capacidade dos promotores de aplicar a lei”. Daí resultaram inúmeros protestos contra os promotores. Em 2015, três pais e uma mãe de vítima foram processados pelos promotores por calúnia e difamação em função de críticas públicas feitas à atuação do órgão, caso que ficou conhecido nacionalmente como “a segunda tragédia da Kiss” (ARBEX, 2018, p.193). A ação foi concluída em 2018, os pais foram inocentados¹⁴.

O tratamento dado ao prefeito de Santa Maria, Cezar Schirmer é destacado na tese de Arosi (2017) que comparou aspectos da tragédia da Boate Kiss com a da Republica Cromañon, em Buenos Aires, que deixou 194 pessoas mortas em um incêndio. Enquanto no caso argentino agentes públicos foram julgados e o prefeito afastado da vida política por dez anos, no caso brasileiro o prefeito não sofreu nenhum tipo de sanção política ou jurídica e ainda passou a ocupar o cargo de Secretário Estadual de Segurança Pública o que aponta uma disparidade na forma de responsabilizar personagens da tragédia. “Ainda assim, os familiares de vítimas de Cromañonmañón não consideram que a justiça tenha sido feita. Para alguns de meus

¹⁴ A Associação de Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, também enviou um processo à Comissão Internacional de Direitos Humanos, da Organização dos Estados Americanos (OEA) no qual os pais pleiteiam o reconhecimento da responsabilidade da República Federativa do Brasil pela tragédia.

interlocutores do Brasil a justiça foi feita na Argentina, mas não em Santa Maria.” (AROSI, 2017, p.28).

O descrédito nas instituições públicas foi o mote das manifestações de 2013 no Brasil (FONTENELLE; POZZEBON, 2018). Naquele ano, uma onda de protestos tomou conta do país tendo início, em São Paulo, com o Movimento Passe Livre, que lutava contra o aumento do preço da passagem de ônibus. Em uma segunda fase, as manifestações se espalharam por diversas cidades e foram apropriadas por grupos que apresentavam suas próprias demandas a serem atendidas, “os protestos assumiram várias formas, cada um com seus próprios potenciais” (FONTENELLE; POZZEBON, 2018, p.12, tradução minha). As autoras destacam a importância para as redes sociais online, que amplamente moldaram e remoldaram os protestos de 2013. Pode-se destacar a utilização hashtags, como #vemprarua, prática característica das redes sociais online.

Na onda dos protestos, em Santa Maria, foi realizada uma caminhada com cerca de 30 mil pessoas no dia 22 de junho. Os familiares de vítimas da tragédia da Boate Kiss, também participaram da manifestação¹⁵. A atuação ostensiva dos familiares seguiu naquele mês. Na época tramitava na Câmara de Vereadores de Santa Maria uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar o envolvimento de agentes públicos no incêndio da Boate Kiss, que ficou conhecida como CPI da Kiss. Para evitar ligações político-partidárias o Movimento do Luto à Luta definiu um *slogan* próprio “nosso partido é um coração partido” (PEIXOTO, 2014). Os familiares passaram a acompanhar todos os depoimentos realizados durante a CPI. Após o vazamento de áudios de conversas entre vereadores, no qual diziam que o inquérito parlamentar acabaria sem resultados, a ausência do prefeito para prestar depoimento e a articulação de familiares de vítimas com integrantes de movimentos sociais como DCE/UFSM, SEDUFSM, ASSUFSM, CPERS entre outros, os familiares ocuparam a Câmara de Vereadores (PEIXOTO, 2014).

Em conversa com Ligiane Righi da Silva na Tenda da Vigília, em 2018, durante trabalho de campo desenvolvido para esta dissertação, ela me disse acreditar que a participação das mães na ocupação foi fundamental para o sucesso da ação e também para que a sociedade respeitasse a mobilização. Ela contou que o grupo, com cerca de oito mães, foi responsável por conseguir mantimentos e produtos de limpeza, os quais elas pediam, via Facebook, Messenger e Whatsapp, e imediatamente eram atendidas por familiares e amigos. Segundo ela, quando as pessoas viam na mídia que as mães estavam participando da ocupação, passavam a confiar nos

¹⁵ Disponível em: < <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/06/protesto-reune-cerca-de-30-mil-manifestantes-em-santa-maria-rs.html>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

propósitos da manifestação, ela acredita por ser uma questão de respeito com a dor de mães que perdem os filhos. Passados cinco anos da ocupação da Câmara de Vereadores, um grupo de familiares acredita que foram levados a realizar a manifestação para esconder interesses de parlamentares que queriam proteger políticos da cidade.

Antes dos protestos generalizados, naquele mesmo ano, os santa-marienses haviam se unido em solidariedade a dor de quem sofreu diretamente com a tragédia da Boate Kiss e para pedir justiça. Silva e Brignol (2018) relatam que a Caminhada da Paz e do Luto, dois eventos organizados separadamente, mas que se aglutinaram, reuniram cerca de 30 mil pessoas no dia 28 de janeiro de 2013 e no dia 29, outra caminhada foi promovida, chamada de Protesto por Justiça, na qual cerca de 700 pessoas estiveram presentes. As três atividades foram organizadas e os participantes mobilizados por meio do Facebook. Com o compartilhamento da indignação e do acionamento de sentimentos como insatisfação, revolta e esperança “a comunicação em rede permitiu que os afetos e as emoções fossem compartilhados e que fossem construídos vínculos sociais, que deram sentido à participação nas ruas.” (SILVA, BRIGNOL, 2018). As autoras destacam também que a partir das ações organizadas coletivamente por moradores de Santa Maria, os familiares se uniram para realização de “algo maior” como vigílias, o acompanhamento dos depoimentos em uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), instaurada na Câmara de Vereadores da cidade e a criação de associações e movimentos.

Grupos com diferentes propósitos foram criados como sub-redes de solidariedade e justiça (PEIXOTO; BORGES; SIQUEIRA, 2016). A participação das mães na configuração das entidades de representação dos familiares de vítimas é registrada por Peixoto (2014). Na primeira reunião entre os familiares, amigos e sobreviventes, que daria origem à Associação de Familiares e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), Peixoto (2014) relata que as mães, ao olharem umas para as outras, se identificavam, se emocionavam e se abraçavam imediatamente, “elas não se conheciam, mas se entendiam. Em um desses momentos de emoção, ouvi uma mãe dizer ao abraçar a Fani: “a dor sempre vai continuar, mas temos que nos unir e lutar”” (PEIXOTO, 2014, p. 89). Quase que concomitantemente com a Associação, mas com o foco mais voltado para a busca por justiça, “visando o enfrentamento político e social para a responsabilização dos culpados na esfera civil” (PEIXOTO, 2014, p.41), foi criado o Movimento do Luto à Luta que tinha mães de vítimas ocupando postos de liderança.

A união materna resultante da ocupação da Câmara de Vereadores teve consequências para além do propósito momentâneo. Peixoto (2014) afirma que foi após essa ação que as mães de vítimas criaram o movimento “Mães de Janeiro” para atuar diretamente nas questões referente ao Ministério Público, cientes de que a dor da perda de um filho para uma mãe era

capaz de comover e gerar respeito, “quando elas realizam protestos “os promotores não têm coragem nem de olhar na cara das mães, porque sabem que estão envolvidos”, alega uma das líderes deste movimento.” (PEIXOTO, 2014, p. 42). O nome foi uma referência às “Mães da Praça de Mayo” que reúne mães e avós dos desaparecidos políticos da ditadura militar argentina.

Além disso, as mães de cinco meninas mortas na tragédia criaram a ONG Para Sempre Cinderelas com o propósito de realizar ações solidárias, dando continuidade a trabalhos voluntários iniciados pelas filhas, promovendo festas e arrecadação de brinquedos para crianças carentes o que resultava na concessão de mais entrevistas e a permanência delas nos veículos tradicionais de comunicação. A ONG deixou de existir em 2015, após a morte de uma das mães, mas as atividades sociais beneficentes continuam sendo realizadas pelo grupo de mães de forma cíclica como a campanha Quadrinhos de Amor, que arrecada novelos de lã para confecção de peças de roupas e cobertores que são doados para recém-nascidos de hospitais públicos da cidade, e as Campanhas de Dia das Crianças e de Natal que arrecada brinquedos e doces para a realização de uma festa temática para estudantes de escolas da periferia de Santa Maria.

Em 2013, nas primeiras semanas, foram muitas as manifestações de apoio aos familiares que eram expressadas em ações singelas como a colocação de fitas brancas em veículos, nas fachadas das lojas e residências o que demonstrava a comoção e a solidariedade que havia tomado conta de Santa Maria. Entretanto esses sentimentos não perduraram para muitos santamarienses em especial para os empresários e políticos que tão logo passaram a “operam um projeto de esquecimento” (TOMAIM, 2018, p. 327) atrelando a estagnação econômica da cidade à constante recordação do incêndio. Também passou a ser comum ouvir pessoas nas ruas e nas redes sociais repetindo frases como vamos “deixar Santa Maria voltar a sorrir” e pedidos de que os familiares “superassem” a tragédia. Em 2018, as ações dos familiares ainda divergem opiniões. Há aqueles que apoiam e aqueles que desaprovam e desqualificam a luta dos familiares.

Como uma forma de resistência e memória é mantida no centro de Santa Maria a Tenda da Vigília, na qual as mães de vítimas se reúnem todas as quartas-feiras e os familiares, o dia 27 de todos os meses, para exercerem o direito performático de estar em um lugar público (SIQUEIRA; VÍCTORA, 2017) e de levantar as bandeiras pelas quais elas abertamente lutam: a justiça e o não esquecimento. A Tenda foi montada, pela AVTSM, em abril de 2013, na Praça Saldanha Marinho, a mais importante da cidade, localizada em frente ao prédio onde ficava o Gabinete do Prefeito e onde se cruzam as principais ruas comerciais da cidade. Em 2014, os familiares receberam, da prefeitura, uma ordem de retirada da Tenda, mesmo que antes tivessem

conseguido autorização para a permanência por tempo indeterminado no local. Após manifestações de familiares e moradores a favor da conservação do espaço na praça, a prefeitura desistiu da medida (SIQUEIRA; VÍCTORA, 2017).

Com o passar dos anos, a aparência da Tenda foi sendo modificada, hoje, dentro dela fica permanentemente um banner com uma foto dos 242 mortos na tragédia e, nos dias de vigília, são colocadas uma mesa enfeitada com uma toalha de renda branca, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida (presente autografado do cantor Daniel), flores, um livro de presença e outros banners com fotos individuais de alguns jovens, e um pedindo o fim da impunidade. Nos primeiros anos, a Tenda da Vigília funcionou como um espaço de interação entre as diversas redes de familiares que se formaram depois da tragédia e também como um espaço terapêutico aos familiares (PEIXOTO, 2014). A Tenda é reconhecida, pelo grupo de familiares mais ativos na AVTSM, como o espaço das mães. Os pais, mais ligados à resolução de questões burocráticas, passam mais tempo na sede da Associação. É na Tenda que acontecem as manifestações públicas dos familiares e as vigílias permanentes. É onde elas têm a possibilidade de expor uma dimensão privada e pessoal de sofrimento pela corporificação de emoções como dor, sofrimento, raiva e indignação (SIQUEIRA; VÍCTORA, 2017). A linguagem do corpo é sobretudo aquela com a qual a mãe de luto pela morte do filho consegue expressar os sentimentos pela perda (BRITES; FONSECA, 2013). A Tenda da Vigília também funciona como ponto de arrecadação para as campanhas sociais organizadas pelas mães, em nome da Associação.

A construção de um Memorial deve agregar os espaços em um único ponto. A escolha do projeto foi feita, em março de 2018, por meio de um concurso público de arquitetura no qual a empresa vencedora tem sede em São Paulo. A proposta arquitetônica apresentada inclui um jardim central circundado por 242 pilares onde serão colocados os nomes dos mortos e três salas nas quais devem funcionar a sede da AVTSM, um acervo com a memória da tragédia e um auditório para eventos. O Memorial ficará localizado na Rua dos Andradas, antigo endereço da Boate Kiss, mas não há previsão de data para que ele seja construído.

3.2 MÃES QUE LUTAM

Um grupo de mães de vítimas da tragédia é reconhecido imagetivamente na cidade como aquele que se posiciona ostensivamente diante das questões relativas à Boate Kiss, o que as levou a protagonizarem entrevistas com diversas finalidades editoriais. A busca pelo depoimento das mães se dava devido ao envolvimento delas com as entidades representativas

das vítimas que promoveram incontáveis manifestações em lugares como praças públicas e instituições como Câmara de Vereadores, Gabinete do prefeito e Ministério Público. As Mães de Janeiro também foram responsáveis pela limpeza e a decoração dos tapumes colocados para fechar a entrada da Boate e preparar o espaço para as homenagens realizadas em janeiro de 2014, primeiro aniversário anual da tragédia (AROSI, 2017). Elas também participavam todos os dias 27 de vigílias na Tenda, quando realizavam uma série de atividades que incluía roda de orações e minuto do barulho. Cabe ressaltar que as vigílias dos dias 27 se mantêm até hoje, mas com menor número de participantes, menos atividades e sem a cobertura da mídia tradicional.

A presença das mães nos veículos tradicionais de mídia teve início durante a cobertura ao vivo da tragédia e seus primeiros desdobramentos. Algumas mães que se propunham a dar depoimentos à mídia, os faziam com teor emotivo e coerente, elementos valorizados nas reportagens de casos trágicos, como destacado por Oliveira (2016) em trabalho sobre os testemunhos na cobertura ao vivo da tragédia.

Também se percebe uma valorização do depoimento dramático. Ainda que, de maneira geral, os relatos das testemunhas do caso Kiss apresentem alta carga emotiva dada a dimensão do acontecimento, nota-se que os jornalistas concedem mais tempo àqueles que além de se comunicarem bem, demonstram sua emoção. A entrevista de uma mãe que perdeu um filho e estavam com o outro internado em estado grave é um exemplo dessa constatação. (OLIVEIRA, 2016, p.110)

O acompanhamento do caso nos âmbitos político, jurídico e social rendeu uma intensa cobertura realizada pela mídia, resultando em incontáveis edições jornalísticas, longas reportagens, entrevistas com especialistas (DUARTE; CASTRO, 2018). Além disso as mídias sociais representaram um conjunto de ações de usuários que publicavam informações desde a mobilização de voluntários, informações sobre mortos e feridos, promoção de auxílio até a organização de caminhadas (SILVEIRA, 2018).

Nos anos após a tragédia, dezenas de páginas e eventos foram criados no Facebook sobre a temática Kiss, algumas delas em torno de ações pontuais como as Caminhadas da Paz e do Luto e o Protesto por Justiça e, mais recentemente o evento “Memorial às vítimas da Boate Kiss: vote e ajude a construí-lo” que visava divulgar uma votação popular para destinação de recursos ao Memorial que será construído onde funcionava a Boate. Em uma busca exploratória no Facebook, é possível identificar nove páginas relacionadas a Boate Kiss, criadas por familiares ou amigos, com propósitos específicos como apoiar os pais de vítimas que foram processados pelo Ministério Público, das Mães de Janeiro, dos sobreviventes da tragédia, porém poucas delas ainda seguem com um regime constante de publicações, dentre as quais podemos

citar página “Kiss: Que não se repita”, criada e mantida por um amigo da família de Ligiane e a página da AVTSM, alimentada pelos integrantes da entidade.

Alguns familiares, entre eles as mães foco desta pesquisa, utilizam seus perfis pessoais para falar sobre a tragédia. Isso porque as demandas dos familiares são maiores do que o tempo e o espaço destinado a eles nos veículos tradicionais, atenção que foi diminuindo ao longo dos anos. Em todo o primeiro ano da tragédia, a cobertura por parte de imprensa local, ligada em rede à nacional, foi intensa. Os dias 27 de cada mês, a AVTSM promovia uma série de atividades para homenagear as vítimas e pedir justiça. Por determinação editorial do Grupo RBS, a RBS TV fazia a cobertura de todas as atividades relacionadas à tragédia. Reportagens especiais eram produzidas para serem exibidas nos dias 27 de cada mês, além do acompanhamento ao vivo das atividades do dia. Conforme o tempo foi passando, a mobilização dos pais foi reduzindo, assim como a cobertura da imprensa. Cabe destacar que a tragédia da Boate Kiss ainda recebe atenção da mídia em situações específicas, como os aniversários de ano do incêndio, os desdobramentos jurídicos e outras ações pontuais desenvolvidas pelos familiares de vítimas. Além disso, o jornalista Claudemir Pereira publica mensalmente, em seu blog¹⁶, a contagem do tempo transcorrido sem justiça e o fotógrafo Dartanhan Baldez Figueiredo¹⁷ registra semanalmente os encontros na Tenda da Vigília e outras atividades relacionadas à Kiss.

Participar das entidades representativas das vítimas e ir aos espaços públicos reivindicar por justiça, faz parte do que Vianna e Faria (2011) apontam como ter um “domínio crescente de códigos de conduta e de elaboração de estratégias para fazer-se ouvir.” (VIANNA; FARIA, 2011, p.87). De modo que elas têm consciência da importância da cobertura midiática para que a tragédia não caia no esquecimento (POLGA; SILVEIRA, 2018). Ligiane conta que continua sendo procurada por profissionais de todo o país, geralmente via Facebook, pedindo para que fale sobre a tragédia com a finalidade de produções editoriais e jornalísticas, que procura se informar sobre a pessoa na internet e que, mesmo não tendo certeza do que será feito com seu depoimento, ela sempre conta sua história porque seu objetivo é que o assunto jamais deixe de ser falado, uma forma que ela acredita de manter viva a memória da filha.

A relevância do depoimento de uma mãe em um contexto de tragédia advém também de uma imagem socialmente construída a respeito do amor materno. Entre os familiares de vítimas da Boate Kiss, Peixoto (2014) percebeu existir uma “hierarquia da dor” que posicionava os familiares de vítimas em uma espécie de pirâmide relacionada diretamente ao tipo de

¹⁶ Disponível em: < <https://claudemirpereira.com.br/tag/tragedia/>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

¹⁷ Disponível em: < <https://www.facebook.com/dartanhan.baldezfigueiredo>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

parentesco com as vítimas. O topo da pirâmide seria ocupado pelas mães dos falecidos, sendo elas as mais legitimadas para sofrer pela morte deles e, por isso, mais indicadas para assumir posições de liderança dentro de associações e movimentos que falariam em nome dos interesses dos familiares de vítimas. Na pirâmide, abaixo das mães, estariam os pais, irmãos, demais parentes e, na base, os amigos. Dessa forma, ao se referir aos espaços criados para representar as vítimas, “quanto mais distante o parentesco menos direito a voz e menos direito a ser ouvido naquele espaço.” (PEIXOTO, 2014, p.92).

A imagem de mãe é, em geral, nas sociedades ocidentais, construída como aquela que se sacrifica pelos filhos e que tem amor incondicional (BADINTER, 1985). Em sua obra, escrita a partir da observação da realidade francesa, a autora rompe com essa imagem idealizada ao fazer um resgate histórico que mostra a pouca atenção que era destinada às crianças recém-nascidas por mães e pais. Os bebês costumavam ser entregues às amas-de-leite que os amamentavam e cuidavam nos primeiros anos da infância. Foi a partir do último terço do século 18, devido à preocupação do Estado com as altas taxas de mortalidade e a necessidade de mão de obra para trabalhar nas indústrias, que as mulheres foram convencidas, recomendadas e até “ordenadas” a amamentar e cuidar pessoalmente dos filhos.

Moralistas, administradores, médicos puseram-se em campo e expuseram seus argumentos mais sutis para persuadi-las a retornar a melhores sentimentos e a "dar novamente o seio". Parte das mulheres foi sensível a essa nova exigência. Não porque obedecessem às motivações econômicas e sociais dos homens, mas porque um outro discurso, mais sedutor aos seus ouvidos, esboçava-se atrás desse primeiro. Era o discurso da felicidade e da igualdade que as atingia acima de tudo. Durante quase dois séculos, todos os ideólogos lhes prometeram mundos e fundos se assumissem suas tarefas maternas: "Sede boas mães, e sereis felizes e respeitadas. Tornai-vos indispensáveis na família, e obtereis o direito de cidadania." (BADINTER, 1985, p.145-146)

Badinter (1985) ainda explica que a mulher, especialmente na classe burguesa, quando se tornava mãe, passava a ser considerada como rainha do lar, sendo a responsável pelos afazeres domésticos. A maternidade se converte em uma “nobre função” que deveria ser desempenhada por vocação e com sacrifício o que leva também à associação da mãe com uma “santa mulher” comparada com a Virgem Maria, que havia dedicado a vida para cuidar do filho (BADINTER, 1985, p.222-223).

O ideal de mãe como representantes maiores do amor pelos filhos, a qual aceita se sacrificar para que a prole viva bem e junto dela (BADINTER, 1985), ainda hoje guia a percepção de uma grande parcela da população brasileira. Freire Filho (2017) afirma que diferentes instituições sociais colaboram para moldar as percepções de mundo, nortear a expressão das emoções e performances comportamentais aceitos socialmente, entre eles os

sentimentos despertados pelo ato de se tornar mãe fazem parte do rol das sensações submetidas ao que Freire Filho (2017) chama de uma pedagogia das emoções,

efetuada por instituições como a família, a escola e a mídia, sanciona movimentos de aproximação e de afastamento social, apresentando – desde a infância – determinados tipos de indivíduos, experiências e ambientes como sendo, *intrinsecamente*, amáveis, temíveis, repulsivos ou odiosos, dignos de compaixão ou merecedores de desprezo, fontes de alegria ou de infelicidade. (FREIRE FILHO, 2017, p.68, grifo do autor)

A construção social dos papéis incumbidos às mães também tem origem na distribuição de poder com base em distinções criadas entre homens e mulheres. No momento em que as diferenças são associadas a traços físicos e temperamentos, naturaliza-se uma divisão de funções na sociedade, sendo as mulheres relegadas ao espaço doméstico e familiar e tendo como sua principal atribuição a maternidade (PISCITELLI, 2009). A essa perspectiva natural, muitas vezes, se associa o instinto maternal como algo inerente a toda mulher. Para Scavone (2001) a maternidade tanto pode ser pensada como um símbolo de realização feminina quanto de opressão “evidenciando as múltiplas possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo.” (SCAVONE, 2001, p.142). Sendo esse construído “histórico, cultural e politicamente resultado das relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro.” (idem, p.143).

Porém, ainda que se possa pensar no amor materno, não como algo inato, mas sim, uma ideia construída e um sentimento adquirido ao longo da convivência não se nega que “a morte de um filho deixa uma marca indelével no coração da mãe.” (BADINTER, 1985, p.87). Essa imagem coletiva das mães, colabora com o surgimento de um sentimento de solidariedade (FREITAS, 2002). Ao se referir às Mães de Acari¹⁸, a autora afirma que:

a imagem da mãe sofredora ainda é profundamente presente em nosso imaginário. Foi dessa imagem que essas mulheres partiram para, pouco a pouco, irem construindo uma outra - que não exclui a primeira, mas convive com esta. Essa “outra” imagem é a da mãe que luta, a mãe corajosa que enfrenta a polícia e a sociedade para saber onde estão e o que aconteceu com seus filhos. (FREITAS, 2002 p.98)

Brites e Fonseca (2013) citam também outros exemplos brasileiros de mães que transformaram a morte violenta dos filhos em bandeira de luta. Além das Mães de Acari, as autoras citam as mães da Chacina da Candelária e da Chacina de Vigário Geral¹⁹, que se uniram a outras mulheres “clamando por “justiça” no sentido de identificar e julgar os assassinos” (BRITES; FONSECA, 2013, p.861).

¹⁸ As Mães de Acari ficaram conhecidas na década de 90, quando se uniram para reivindicar justiça no desaparecimento de seus filhos em uma favela do Rio de Janeiro.

¹⁹ Ambas chacinas aconteceram em 1993, no Rio de Janeiro. A Chacina da Candelária matou oito jovens em frente a uma igreja. A Chacina do Vigário Geral matou 21 moradores da favela de mesmo nome. Assim como no caso da Chacina de Acari ficou um sentimento para os familiares de que a justiça nunca foi feita (BRITES; FONSECA, 2013).

Vianna e Faria (2011) ao discutirem a relação entre gênero e ações políticas, afirmam que as mães quando se tonam protagonistas de lutas políticas falam em nome de uma ordem doméstica desfeita pela morte violenta dos filhos, elas

trazem o feminino não em seus corpos individuais, mas como marca de significação das relações que se romperam, bem como da violência ilegítima que as destruiu. Levam, assim, a “casa” para a cena de protesto, através do que seria o seu “centro exemplar” simbólico: a própria maternidade. (VIANNA; FARIAS, 2011, p.93-94)

No caso de mortes violentas em que os agentes são sujeitos públicos, ou como na tragédia da Boate Kiss resultado da omissão do poder público, num primeiro momento as mães travam uma luta contra o Estado, visto “como entidade simbólica que atravessa e ordena o cotidiano das pessoas: aquele que faz; que deve fazer; que pode realizar ou escolher não realizar” (VIANNA; FARIAS, 2011, p.93), sendo ele o responsável pela morte dos filhos, uma vez que é visto como quem permitiu, de alguma forma, que a morte acontecesse e também por não punir os culpados. Entretanto em um segundo momento, as mães ampliam a luta para outras causas semelhantes ou não. As mães de vítimas de violência urbana, nos casos trabalhados por Brites e Fonseca (2013), a ação que partiu do propósito de buscar justiça no caso do assassinato dos próprios filhos, com o tempo evoluiu para um projeto de lei tendo como objetivo “construir e fortalecer redes de prevenção e enfrentamento às violências que envolvem os jovens e as jovens e adolescentes expostos à violência doméstica e urbana” (Projeto Executivo Mulheres da Paz, *apud* BRITES; FONSECA, 2013, p. 876). A ampliação dos objetivos é o que, em muitos casos, garante a sobrevivência dos movimentos organizados, uma vez que “deixa[m] de ser apenas uma questão subjetiva, para se tornar uma causa política.” (FARIA; LERNER, 2018).

O fato de elas serem mães enlutadas e acionarem o seu lugar de fala, as legitima para entrar no espaço público e se fazer ouvir (BRITES; FONSECA, 2013), bem como para quebrar protocolos e se pronunciarem sobre o particular e também pelo coletivo de mães na mesma situação (VIANNA; FARIAS, 2011). A maternidade e a violência contra os filhos enquanto elementos vinculativos de mulheres tem como expoente mundial (PAULA, 2014) as Mães da Praça de Mayo, que se uniram para tentar descobrir o paradeiro dos filhos e dos netos, em geral bebês recém-nascidos de mulheres militantes, desaparecidos durante o período ditatorial na Argentina, bem como lutar para que os responsáveis fossem identificados e punidos. Passados mais de 40 anos desde sua formação, em 1976, o Movimento das Mães da Praça de Mayo segue. Muitas mães e avós continuam mobilizadas e ainda se reúnem na Praça, em Buenos Aires, tentando descobrir o que aconteceu com seus descendentes. Cada nova descoberta é comemorada como uma conquista da resistência do Movimento, a exemplo da localização de

um homem, em 2018, que foi sequestrado pelas forças de segurança nacional da Argentina, em 1976, antes dos cinco meses de idade. Com ele foram 128 netos recuperados²⁰.

O Movimento se modificou, mas “a nobre causa perdura, protagoniza a articulação de um discurso que aponta e transforma a principal motivação da luta por verdade, por memória e pela vida, além de reforçar a maior bandeira, que é a dos direitos humanos.” (PARZIANELLO; PARZIANELLO, 2018). A organização materna deixou legados que são reconhecidos e apropriados pela população, em especial a feminina, argentina. O lenço branco na cabeça, que passou a ser utilizado pelas Mães da Praça de Mayo como forma de serem identificadas em manifestações fora da Praça – num primeiro momento elas utilizaram fraldas de tecido – foi apropriado como símbolo de luta por uma causa. Em 2018, durante mobilizações a favor e contra o Projeto de Lei de interrupção voluntária da gravidez, votada no Congresso Argentino, o lenço na cor azul foi utilizado pelo movimento “pró-vida”, como se intitulavam aqueles que eram contrários ao projeto, e na cor verde pelas integrantes da Campanha Nacional pelo Aborto Legal, Seguro e Gratuito, o qual, inclusive, era apoiado pelas Mães da Praça de Mayo²¹.

Outra imagem que comumente é associada à figura materna, em especial àquela que perdeu um filho, é a de louca. As Mães da Praça de Mayo foram tratadas como tal pelo General Videla (GONÇALVEZ, 2012, PARZIANELLO; PARZIANELLO, 2018) no momento em que resistiram às pressões do Estado e se negaram ao silêncio e a aceitar acordos diplomáticos que não esclareciam os questionamentos das mães. “Seguiram como loucas. Transmutaram a fronteira que define onde é o lugar de homem e o lugar de mulher. Transgrediram um espaço de poder.” (GONÇALVEZ, 2012, p. 132). O adjetivo foi empregado como uma forma de desacreditá-las diante da opinião pública e dos jornalistas. “A desqualificação das mães através do uso da palavra louca era fortalecida com a imagem que a sociedade em geral criou acerca dessa pessoa, sujeito que cria fantasias, afastando-se da realidade.” (PAULA, 2014, p.57).

A mesma relação se faz ainda hoje às mães que se atrevem a gritar, chorar, clamar para serem ouvidas. A ligação entre ações intempestivas em espaços públicos e a loucura pode ser visto como uma performatividade da indizível dor materna para demonstrar o terrível sofrimento pelo qual elas estão passando e para que possa justificar algumas atitudes, que em outras situações não seriam aceitas, o que segundo Vianna e Farias (2011) “cremos que isso se deve também à força de certas propriedades simbólicas estreitamente ligadas ao feminino e,

²⁰ Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/03/internacional/1533323511_635496.html>. Acesso em: 12 dez. 2018.

²¹ Disponível em:< <https://jornalistaslivres.org/nada-sera-como-antes-uma-radiografia-do-8-de-aborto-na-argentina/>>, < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-06/argentinos-se-mobilizam-para-votacao-amanha-da-lei-do-aborto>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

mais especificamente, à maternidade.” A categorização pode ser acionada a serviço das mães, no momento em que pode justificar certas atitudes inesperadas, mas que por outro lado é tomada como argumento para desqualificar a luta das mesmas. As mães de vítimas de violência urbana no Rio de Janeiro se “orgulhavam de ser briguentas” e o que para muitos poderia ser visto como uma crítica à condição feminina, para elas, um adjetivo que legitimava a situação de mães enlutadas que adentram o espaço público para serem ouvidas. “Para essas mulheres, os seus direitos e sua dor de mãe faziam parte do mesmo pacote.” (BRITES; FONSECA, 2013, p.873).

Para as mães de vítimas da Boate Kiss, a ligação consanguínea, o reconhecimento imagético e o envolvimento com as entidades representativas das vítimas, fizeram com que algumas delas passassem a desempenhar um papel político de mãe, que vai além das atribuições privadas, para que dessem um rosto e criassem uma identidade para o grupo de mulheres que falavam em nome das vítimas nos ambientes públicos.

3.3 MORTES COLETIVAS E O LUTO NA INTERNET

A aproximação entre as mães enfocadas nessa dissertação, se deu como consequência do compartilhamento de uma dor, a da perda de um filho. Elias (2001) afirma que a identificação entre os seres humanos e o compartilhamento dos sofrimentos, assim como dos ritos entorno da morte se tornaram aspectos de socialização que unem ou separam grupos. Elas se configuram como um grupo de mães enlutadas, que de acordo com o próprio relato delas, sofreram da pior dor do mundo, a de perder um filho.

A morte de um filho é culturalmente considerada como uma quebra do ciclo natural da vida. Uma morte considerada prematura, como no caso dos jovens da Boate Kiss, produz significados a respeito do sentido da morte. Elias (2001) explica que “o modo como uma pessoa morre depende em boa medida de que ela tenha sido capaz de formular objetivos e alcança-los, de imaginar tarefas e realizá-las.” (ELIAS, 2001, p.72). A partir de então, o autor propõe pensar nos conceitos de morte significativa e morrer sem sentido, sugerindo pensar que o sentido da morte de um indivíduo está diretamente relacionado ao significado que essa adquire para outras pessoas. Uma morte sem sentido, seria aquela que desestrutura, por um elemento externo, um arranjo social investido de valores altamente positivos. Como exemplo Elias (2001) cita a morte de um homem de 30 anos, casado, com filho recém-nascido que é morto em um acidente de trânsito causado por outro motorista que invadiu a pista contrária. Nesse caso “não foram destruídas só as expectativas, esperanças e alegrias do morto, mas também as dos sobreviventes, sua mulher e filhos”. (ELIAS, 2001, p.74). Segundo José Rodrigues, (2006), a morte atribuída

a uma causa externa e não controlável é considerada com uma morte “anormal, indigna, inaceitável”, e rompe com o que se aspira a um ideal de falecimento, a “morte natural” aquela acompanhada de medicamentos, sem sofrimento e em idade avançada.

As mortes em resultado de grandes acontecimentos como colisões, terremotos, incêndio são intensamente pronunciadas pelos veículos de informação, enquanto as milhares de mortes como consequências de guerras e epidemias, por exemplo, não recebem tanta atenção. José Rodrigues (2006) explica que no caso das catástrofes, as mortes colocam em risco as formas de compreensão do mundo organizado no qual supostamente vivemos. “Tais eventos catastróficos denunciam a precariedade da condição humana tal qual a nossa cultura concebe.” (RODRIGUES, José, 2006, p.86). Por outro lado, as mortes cotidianas nos parecem estar dentro de uma normalidade da estrutura social.

Torlai (2010) cita Hodgkinson & Stuart para elencar os tipos de óbitos considerados fora de ordem: as perdas prematuras, aquelas de crianças e jovens que provocam uma inversão no ciclo vital; as mortes inesperadas, que não podem ser previstas devido sua imprevisibilidade e as mortes calamitosas, que além de imprevistas são também violentas, degradantes e sem sentido. As mortes decorrentes da tragédia da Boate Kiss reúnem os três elementos, como destaca Oliveira-Cruz (2018) “não apenas a violência da morte tornou a perda mais intensa, mas também os papéis e, principalmente, as não-realizações dos falecidos” se tornaram um agravante no processo de luto dos familiares.

Sendo a morte é um produto social (RODRIGUES, José, 2006) assim também são os ritos entorno dela. Entretanto a forma como se dá a morte é, em parte, responsável por como o luto é vivido. No caso das mães de vítimas do incêndio, a elaboração do luto é ainda mais difícil por faltar uma etapa nesse processo, que é a justiça a partir da responsabilização dos culpados (OLIVEIRA-CRUZ, 2018). A vivência do luto é um processo experienciado de forma diferente por cada pessoa, de acordo com o contexto social onde se encontra, considerando também fatores individuais. Assim, como consequência, a forma de expressar a dor e daí criar experiências de vida também são fenômenos subjetivos e singulares.

A percepção da morte nas sociedades ocidentais tem mudado ao longo dos anos, passando de algo domesticado na sociedade cristã medieval, para algo repellido e negado na contemporaneidade (ÀRIES, 2017). Hoje assuntos relacionados à morte são, em muitos espaços, considerados desagradáveis e interditos, vistos como uma ameaça ao “dever moral e a obrigação moral de contribuir para a felicidade coletiva” (ÀRIES, 2017, p.87). José Rodrigues (2006) explica que, a partir do século XX, se modificaram as práticas e as percepções acerca da morte com a finalidade de poupar a coletividade de forma a não perturbar outras pessoas com

assuntos desagradáveis. O autor aponta sua hipótese de que os motivos que levaram a esse processo não estariam ligados às sensibilidades individuais das pessoas atingidas pelo óbito, mas sim “ele responde, ao contrário, a uma coerção social perfeitamente identificável, que obedece a princípios políticos inteiramente localizáveis, característicos de nossa cultura.” (RODRIGUES, José, 2006, p.165) o que permite que a morte seja banida da consciência de todos, permitindo que as pessoas sigam felizes.

Entretanto para as mães que perdem seus filhos, o luto não é uma escolha, mas sim um caminho natural que precisa ser enfrentado. Diante da perda do filho, as mães precisam encontrar um novo sentido perante a ausência do outro e de sua nova configuração de vida (FREITAS; MICHEL, 2014). Uma característica da contemporaneidade no modo de gerenciar o luto é por meio da expressão do seu sofrimento no espaço público por meio de livros, de blogs, da participação em movimentos sociais e da formação de grupos sejam eles presenciais ou pela internet (FARIA; LERNER, 2018).

Dentre os comportamentos que são comuns às mães que passam por essa situação, estão a tentativa de perpetuar a memória do filho para que ele não seja esquecido e mais, para que seja lembrado de forma positiva. Também é observado com regularidade o engajamento de mães em projetos relacionados aos filhos, os mantendo assim como uma herança. Uma vez que, as mães não costumam receber o apoio psicológico e emocional devido e é esperado que rapidamente elas superem a perda e voltem às suas atividades normais (FRIZZO, 2015; FREITAS; MICHEL, 2014), as redes sociais online se apresentam como uma alternativa para que possam falar sobre a morte e o luto.

Encontrar formas de exteriorizar os sentimentos, por meio de plataformas de comunicação online, pode ser um importante caminho para mães que perderam os filhos enfrentarem o período de luto. Negrini (2010) aponta que alguns espaços virtuais são tomados como legítimos para que as pessoas possam falar livremente sobre a morte, sem sofrerem recriminações. A articulação vai ao encontro da reflexão de Perluxo (2015), que afirma que o Facebook é um meio para que as mães recebam apoio, se identifiquem com outras mulheres, recordem do filho, tenham informações sobre ele e possam homenageá-lo, além de expressar sentimentos. De acordo com a pesquisadora, essa rede social costuma ser mais utilizada por mães que perderam o filho há menos de cinco anos. Como se deu a morte também influencia o tipo e a quantidade de compartilhamentos feitos pelas mães, sendo que as mortes inesperadas e repentinas suscitam um maior número de publicações, “pois existe o sentimento de que ficou alguma coisa por dizer” (PERLUXO, 2015, p.42), papel que é estendido ao Facebook. Escrever em blogs a experiência de perder um filho é visto como outra alternativa para que as mães

possam enfrentar a dor da perda e criar novos significados para o luto, bem como ter a oportunidade de reestabelecer a vida (FRIZZO, 2015), uma vez que, é possível criar novas interações sociais, ter um espaço de expressão, encontrar apoio e suporte emocional, além da atualização do blog funcionar como uma nova ocupação.

Para as mães que perderam os filhos de forma violenta, as plataformas de comunicação se apresentam como um meio para publicizar o fato, bem como expor os esforços na busca de responsabilizações. As redes sociais como o Facebook assumem um papel chave, “a visibilidade traz a importância da fala no espaço público e, nesse sentido, ela é terapêutica e, ao mesmo tempo, fortalece a luta política.” (FARIA, 2017, p.179). Sendo essa uma outra forma de falar de temas, muitas vezes, silenciados ou encobertos na sociedade. Faria (2017) ainda afirma, que no momento em que as mães decidem se expor na sociedade para manifestar publicamente a sua dor e dela criar propósitos para luta, em alguns casos, passam a ser vistas com outras identidades, de “sofredoras” ou de “guerreiras”. Além disso, criar ambientes específicos no espaço público para expor o próprio sofrimento é uma forma de criar um lugar onde “o “falar de si” não apenas é aceito pela sociedade, mas se torna uma forma contemporânea de legitimação de reivindicações e reconhecimento de demandas específicas.” (FARIA; LERNER, 2018, p.132).

Segundo Bousso et al (2014) as redes sociais impulsionam a manifestação de sentimentos normalmente retraídos colaborando para a elaboração do luto, além de funcionarem como “possibilidade de suporte social, mas também por oferecer a oportunidade de interações que ajudam a refletir sobre sua relação com o falecido e suas próprias emoções.” (BOUSSO et al, 2014, p.177). Para Melo (2016) deixar mensagens para aqueles que partiram, além de uma forma de refletir a dor da perda e a saudade, pode funcionar como “mecanismo de resignação, de aceitação dessa realidade imutável” (MELO, 2016, p. 98), uma forma de resgatar o equilíbrio da vida que se tinha antes da morte de um ente querido.

Sendo a troca de mensagens entre pelo menos dois usuários a base do funcionamento do Facebook, no momento em que falta um desses elementos, acontece o que Melo (2016) chama de reflexo, um retorno para si da mensagem enviada para o outro, sendo essa podendo ser vista por outras pessoas do ciclo social online dos envolvidos no processo. Publicar algo direcionado a alguém que não tem condições de responder, mostra uma subversão do princípio dos sites de redes sociais e uma mudança na perspectiva de serem vistos como plataforma de comunicação.

3.4 MEMÓRIA, NARRATIVA E COTIDIANO

O enfrentamento do luto, bem como a manutenção da luta por justiça demanda uma constante atualização do passado, por meio da construção da memória da tragédia. Como nos explica Assmann (2011), a necessidade de administrar as suas lembranças parte sempre de motivações e emoções ancoradas no presente. Envolvidas diretamente com as consequências da tragédia, que ainda estão em curso, as mães constituem um grupo capaz de ser o relato vivo dos acontecimentos. No momento em que a memória começa a se dispersar entre indivíduos que não se interessam por ela, nos afirma Halbwachs (2006), ela corre o risco de se perder. “Então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que, as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem.” (HALBWACHS, 2006, p.55). As mães que lutam por justiça no caso da morte dos filhos, se tornam “guardiãs” de suas memórias (FARIA; LERNER, 2018).

A escrita e as imagens são apresentadas por Assmann (2011) como sendo importantes ferramentas para evitar a segunda morte social, a do esquecimento. A autora argumenta, entretanto, que as mídias digitais ao mesmo tempo em que permitem um armazenamento inimaginável, favorecem a circulação de informações em um ritmo sempre mais veloz, o que não possibilitaria a construção de uma memória cultural, que a autora define como aquela tanto individual quanto coletiva, social e historicamente construída.

A situação da memória cultural na era das mídias digitais parece estar marcada pelo fato de que se borra cada vez mais a linha clara que antes separava a recordação e o esquecimento. Com isso a estrutura da memória cultural se aproxima do inconsciente, no qual aquela distinção clara também não existe, como bem se sabe. (ASSMANN, 2011, p.233)

Assmann (2011) nos adverte que as “mídias de memória” são responsáveis por dar suporte à memória cultural, por meio da qual se tem conhecimento da “memória experiencial” de uma época. Dessa forma, mesmo que inseridas em um regime efêmero de visibilidade, o das publicações online, esse grupo de mães está fazendo um registro do tempo presente por meio de suas manifestações nas mídias digitais.

Lage (2018) ao refletir sobre o trabalho jornalístico de evocação da memória no caso da Boate Kiss, afirma que o processo de construção da memória começou a ser feito logo nos primeiros dias de cobertura da tragédia. Ele cita o jornal Correio Braziliense, que no dia 1º de fevereiro de 2013, substituiu a diagramação original da capa por um quadro com 235 rosas vermelhas, a manchete “235 razões para não esquecer”, e os nomes das vítimas. O autor destaca também a abordagem da revista semanal Veja, na edição de 6 de fevereiro de 2013, na qual se evoca uma necessidade de memória como forma de respeito às vítimas e a quem sofre a dor do

luto, mas que tem esperança que as mortes não tenham sido em vão. Lages (2018) destaca que nos dois casos “trata-se de uma vontade de memória associada ao luto, à dor da perda, e principalmente à vontade de justiça em relação aos mortos” (LAGES, 2018, p.315). Ele convida a pensar os lugares de memória não por seu sentido topográfico, não onde ela é fixada, mas lugares onde ela é “inscrita, sobrescrita, reescrita, ininterruptamente” (LAGE, 2018, p. 318).

O desejo de memória da tragédia é abordado por Tomaim (2018) que discorre sobre a realização do documentário ‘Janeiro 27’, por Luiz Alberto Cassol e Paulo Nascimento. Na produção, a tragédia é contada pela narrativa das testemunhas, não as verdadeiras pessoas que presenciaram o fato e que morreram na tragédia, mas sim dos pais “a quem ficou o encargo de atuarem como “testemunhas de substituição”, aqueles a quem foi atribuída a obrigação de testemunhar”, como que assumindo uma dívida com os mortos, “a partir do sentimento de justiça extrai das lembranças traumáticas seu valor exemplar, transforma a memória em projeto.” (TOMAIM, 2018, p.338). As testemunhas contam o fato a partir de suas perspectivas, que são individuais e fragmentadas, mas que compõe a narrativa integral com valor de verdade. O autor conclui que o documentário ‘Janeiro 27’ assume a função de “lugar de memória” (NORA, 1993), “ao evocar para si o lugar em que estas lembranças atualizam um passado em que, em termos fílmicos, cristaliza-se, materializa-se” (TOMAIM, 2018, p. 336).

O processo de construção da memória segue em desenvolvimento e foi tomado a frente por mães de vítimas, que o fazem por meio dos mecanismos comunicacionais disponíveis a elas: as plataformas de redes sociais. Como nos afirma Nora (1993), a memória emerge do grupo unido por ela. Está em constante construção, uma vez que é carregada por grupos vivos e “está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.” (NORA, 1993, p.9). A memória se alimenta de lembranças vagas, particulares e simbólicas e apesar de coletiva, é formada a partir dos sujeitos. Para Halbwachs (2006), a memória coletiva é formada por diferentes pontos de vista a partir de uma memória individual e assim expressa de forma particular por cada indivíduo. Nora (1993) que nos diz que os lugares de memória se efetivam no conjunto de três sentidos: um material, um simbólico e um funcional, que coexistem em um mesmo espaço. No caso das plataformas digitais de comunicação, podemos vislumbrar a materialidade do digital nas publicações feitas nos *feeds* das redes sociais, às reivindicações por justiça e as homenagens aos filhos são atribuídos significados com função de memória da tragédia.

A materialidade da construção mnemônica também está representada na Tenda da Vigília e na busca das mães, assim como de outros familiares, da construção de um Memorial, para que fisicamente sirva do que Assmann (2011) chama de “pontes sobre o abismo do esquecimento” (ASSMANN, 2011, p.60). A exemplo de ações desenvolvidas por comissões especiais na Argentina, como parte de um plano de governo iniciado em 2003, entre elas a Comissão pela Reconstrução da Memória do Campo de Mayo e a Comissão da Zona Norte da Memória, Verdade e Justiça que trabalham para a preservação da memória e da luta por justiça de crimes cometidos durante os sete anos de ditadura militar no país. Os grupos atuam para localizar centros clandestinos de detenção nos quais foram presos, torturados e mortos milhares de militantes e transformá-los em lugares de memória como um ícone de um tempo que não se quer ver repetido (SUÁREZ; VECCHIOLI, 2016).

Contar a sua história é uma peça fundamental na elaboração do luto (BRITES; FONSECA, 2013). A perda brutal que as mães tiveram com a morte repentina de seus filhos, alterou de forma irreparável suas rotinas. Das (1996) descreve “evento crítico” como aquele que devasta o mundo sensorial, as estruturas e os referenciais. A autora afirma que o evento crítico não se acaba em si mesmo, mas também envolve as consequências do fato. Segundo Vecchioli (2000), os eventos críticos de Das funcionam “como momentos de “quebra do cotidiano”, esses eventos permitem explicitar as transformações ocorridas nas noções e nas práticas da política contemporânea, quando as comunidades, ao se confrontarem com o Estado, se constituem como atores políticos”. (VECCHIOLI, 2000, p.177). Para as mães de vítimas da Kiss, o incêndio desencadeou uma série de outros desdobramentos, sendo os mais latentes aqueles ligados à falta de responsabilização dos culpados. As mães passam a ocupar a posição de vítimas enquanto aquelas que, além de terem sofrido a violência da perda de um filho, ainda precisam lidar com a irresolução do caso.

Das (1996) afirma que o compartilhamento da dor cria uma “comunidade moral” de quem sofre. Um dor individual, que pode ser vivida coletivamente não só por aqueles que vivenciam em seus corpos essa experiência, mas também com aqueles que compartilham esse sentimento no momento em que ele é exposto no espaço público. Das (1996), com base em reflexões a partir dos argumentos de Wittgenstein e Leder, afirma que ao reclamar da sua dor, quem sofre pode conquistar simpatia, despertar sentimentos de solidariedade e compaixão de modo que o outro possa sentir a mesma dor, sendo levado a fazer tudo pelo bem do outro, agindo como um único corpo em funcionamento, contribuindo com uma força de cura. Com essa força, as experiências compartilhadas nesta comunidade moral talvez possam servir “para

formar um corpo, fornecendo voz e tocando as vítimas, para que sua dor possa ser experienciada em outros corpos também” (DAS, 1996, p. 196, tradução nossa).

Quando se ultrapassa a barreira do silêncio, que pode ser formada pela brutalidade da violência, ou pela deslegitimação das vítimas, e se vai às ruas falar sobre seu sofrimento, os eventos que antes eram particulares passam a ser coletivos. O momento em que “tudo mudou”, como relata Lacerda (2018), é aquele que imprime na vítima uma vontade de construir narrativas colocadas no espaço público que serão capazes de falar sobre o sofrimento em uma nova dimensão “uma dimensão constitutiva de trajetórias, experiências, identidades.” (LACERDA, 2018, p. 66).

O testemunho como forma de incorporar o luto nas vivências do dia a dia é abordado por Das (2011) ao afirmar que o tempo funciona como fator de agenciamento das estruturas de relações, uma vez que, o acontecimento pode ter ficado no tempo passado, mas vai influenciar no presente e também nas expectativas para o futuro dando a ideia de um conhecimento venenoso que vai ser gerador de novos contextos, nos quais a lembrança do passado vai continuar causando dor. Para a autora, o tempo também funciona como agente de mudanças, a dor sentida pelas mães em algum momento é transformada em linguagem, com a qual elas conseguem construir narrativas sobre o que aconteceu e articular possibilidades de projetar um futuro diferente. “A recuperação não estava em empreender uma vingança contra o mundo, mas em habitá-lo num gesto de luto por ele.” (DAS, 2011, p.38).

Além de um meio para administrar o luto, “o testemunho emerge como gestão do sofrimento e como modo de política”. (FARIA, LERNER, 2018, p.129). Para Lacerda (2018) narrar o sofrimento, reviver a dor da perda é uma estratégia de comunicação que, ao mesmo tempo que frustra a expectativa social de que o luto seja superado, funciona como uma forma de memória da tragédia “os familiares prolongam seu luto como parte de seu protesto” (LACERDA, 2018, p.69). A narrativa da tragédia da Boate Kiss pode ser apreendida em diferentes ambientes como atos de comunicação do fato, conforme tem sido apresentado neste trabalho, a atuação das mães das vítimas se deu desde a primeira semana após o incêndio com a participação em protestos, entrevistas, documentários, vigílias, falas em público, momentos de barulho e de silêncio, publicações em sites de redes sociais.

Outro aspecto apontado por Das (2011) como característico de uma nova configuração de vida após o sofrimento de um evento crítico é o estabelecimento de novos laços, bem como o afastamento de antigos relacionamentos. “A questão é que a horrenda violência dos tumultos comunais solidifica o pertencimento a um grupo num certo nível, mas também tem o potencial de romper as relações mais íntimas num outro nível” (DAS, 2011, p. 30). Mães de vítimas da

Boate Kiss relataram que são recriminadas por muitos familiares ao falarem dos filhos mortos ou por seguirem adiante com a realização de vigílias e publicações, nas redes sociais, que remetem à tragédia. Por outro lado, um novo grupo de apoio se formou, constituído por familiares de vítimas, que tem como vínculo principal a busca por justiça na morte dos filhos.

Paiva (2012) contextualiza a sociedade atual como vivendo um período de incertezas coletivas, de empobrecimento das sociabilidades tradicionais e, ao mesmo tempo, o auge do desenvolvimento tecnológico. Fatores que paradoxalmente limitam o amplo acesso aos direitos que constituem o que é cidadania. Ela defende que, hoje, pode-se pensar em cidadania como uma inserção integral na vida pública, uma ligação entre comunicação e a comunidade. Paiva (2012) resgata a perspectiva do processo de comunicação na origem epistemológica da palavra de “busca pela ação comum”, de modo que “comunicação, cidadania e comunidade partem em busca da realização do seu caráter teleológico: o da busca do bem comum.” (PAIVA, 2012, p.8). Esse estar junto se dá de diversas formas, uma vez que, o indivíduo dos dias atuais faz questão de participar da vida pública por meio dos recursos da internet que oportunizam uma pluralidade de vozes na sociedade. Por meio dos mecanismos de conexão e do alto fluxo de informações, se constituem as “comunidades de afeto” compreendidas como “uma vetorização da relação entre os indivíduos movidos muito mais por esta determinante que pelos tradicionais laços de parentesco, territoriais e até mesmo legais.” (PAIVA; MALEBRA; CUSTÓDIO, 2013, p.251).

Paiva e Gabbay (2017) resgatam a necessidade do sensório como elemento vinculativo na sociedade atual, para uma cidadania efetiva. Ao problematizar a violência no Rio de Janeiro e a naturalização desses acontecimentos pelos moradores, os autores abordam a questão da banalização da morte, no momento em que não se diferencia a morte real, que se dá no ambiente físico da cidade, da morte retratada nos jornais, em filmes, séries ou vídeo games. “O registro, no nível do sensório é o mesmo para todas elas ou seja, revelam um embrutecimento do humano.” (PAIVA; GABBAY, 2017, p.4). Viver ao lado da barbárie, sem ter a consciência do que representa, é perder aquilo que nos constitui humanos (PAIVA; GABBAY, 2017), sendo imperativo se encontrar outras formas de vínculos, sejam eles pela cultura ou pelo afeto.

Com base no aporte teórico apresentado até aqui, nos interessa, nesta dissertação, compreender de que forma as mães, vistas como pertencentes a um ambiente privado e doméstico, foram levadas por uma conjuntura social a ocuparem os espaços públicos. Como a morte dos filhos, o luto coletivo, a identificação com a tragédia e a busca por justiça e memória as impulsionam a buscar as plataformas digitais de comunicação como forma de vivenciar sua atual situação de vida e encontrar formas de voltar a habitar o mundo.

4 CULTURAS DIGITAIS CONECTADAS: PRÁTICAS DE CONSUMO DA INTERNET

A ideia de compartilhamento está na origem da internet em 1969, mas foi só em 1995 que ela passou a ser utilizada em escala mundial pelo público a partir do desenvolvimento da “world wide web”, por Tim Berners-Lee e sua equipe (CASTELLS, 2003). Projetada para ser uma plataforma comum para troca de informações de uso livre é até hoje defendida por Berners-Lee como um direito universal²². Ideal distante de ser alcançado tendo em vista que hoje quase 46% da população mundial ainda não tem acesso à internet²³.

Entretanto a forma de produzir e circular conteúdo mudou drasticamente nas últimas duas décadas, impulsionada pelo desenvolvimento de tecnologias, pelas apropriações feitas por indivíduos e grupos e por alterações mútuas em padrões de comportamento e de mecanismos de interação social. Na conjuntura atual, os “meios de conexão quase se tornaram sinônimos de sociabilidade: podemos deixar um ou outro quantas vezes quisermos, mas nunca podemos sair.” (VAN DIJCK, 2016, p.177, tradução nossa). Estamos todos presos a uma teia de relações, criada pelas plataformas de comunicação social online espalhadas pelo mundo.

Para cada grupo, em cada contexto específico, essas plataformas são consumidas e ressignificadas de acordo com práticas próprias (MILLER et al, 2016). O objetivo dessa dissertação é compreender de que forma as mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss consomem as redes sociais online de forma a criar experiências no cotidiano a partir de uma nova realidade configurada em suas vidas depois da morte dos filhos. A proposta deste capítulo é discutir as mudanças no contexto da comunicação em rede, as características contemporâneas das dinâmicas comunicativas e as práticas de consumo das plataformas digitais enquanto definidoras de sentidos e identidades.

4.1 CONTEXTO DAS MÍDIAS DIGITAIS: INCORPORADA, CORPORIFICADA E COTIDIANA

A popularização das mídias sociais no Brasil se deu a partir dos anos 2000, coincidindo com um período de prosperidade econômica que diminuiu a disparidade social no país (SPYER, 2018). O acesso a computadores, celulares e, mais recentemente, a *smartphones*, teve início em 2005, com programas governamentais baseados no incentivo à cidadania pelo consumo

²² Mais informações em: <<http://g1.globo.com/globo-news/milenio/videos/v/milenio-o-primeiro-objetivo-da-web-era-que-ela-fosse-universal-diztim-berners-lee/5044712/>>. Acesso em: 6 dez. 2018.

²³ Disponível em: <<https://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em: 6 dez. 2018.

(FONTENELLE; POZZEBON, 2018), que facilitavam a compra de computadores de mesa pagos parceladamente. Além da aquisição material de um bem, Miller ao introduzir a pesquisa de Spyer (2018) destaca outros motivos que levam pessoas com restrições financeiras e de educação formal a se esforçarem para conquistar acesso aos meios digitais de comunicação.

Não é por elas estarem iludidas ou seduzidas pela publicidade para consumir produtos eletrônicos, mas porque elas percebem as mídias sociais como uma ferramenta que pode proporcionar educação, **contato contínuo dentro de redes de cooperação e também novas oportunidades para elas conseguirem o que buscam.** (MILLER, 2018, p.12, destaque nosso)

O acesso às redes sociais online, no Brasil, se deu principalmente a partir de 2004, por meio do Orkut, site já extinto de propriedade do Google. Em 2009, iniciou-se um processo de migração para o Facebook que ainda hoje é a principal plataforma de mídia social no país (SPYER, 2018). Em 2018, 70,7% dos moradores do Brasil têm acesso à internet²⁴, sendo que 139 milhões têm conta no site de rede social Facebook e 120 milhões são usuários do aplicativo para troca de mensagens instantâneas Whatsapp²⁵, que pertence ao Facebook. Além disso, ao mesmo tempo em que é registrada queda na tiragem de jornais impressos, aumenta o número de assinaturas digitais²⁶, o que colabora para uma cultura de leitura online e facilita o compartilhamento de notícias nas plataformas virtuais. Outra pesquisa mostra que 54% dos brasileiros compartilham notícias pelo Facebook ou e-mail²⁷. Acompanhado desses fenômenos, acontece também a disseminação de *smartphones*. Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), o Brasil é o quinto país do mundo com mais número de celulares por habitante, são 113 para cada 100 habitante, ainda que apenas um terço dos aparelhos tenham acesso à internet²⁸. A falta de acesso à conexão online pode dificultar o compartilhamento instantâneo das informações, mas não impede que elas sejam captadas e armazenadas para posteriores usos e publicações quando o usuário tiver acesso a uma rede wifi.

Os sites de redes sociais são espaços propícios para o compartilhamento de conteúdos, são as ferramentas utilizadas para que os atores possam se expressar online (RECUERO, 2009). O que diferencia os sites de redes sociais de outras formas de comunicação pelo computador é que esses permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais e a manutenção dos laços estabelecidos no ambiente offline. Recuero (2009) aborda a definição proposta por Boyd e

²⁴ Disponível em: <<https://www.internetworldstats.com/stats15.htm>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

²⁵ Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,whatsapp-chega-a-120-milhoes-de-usuarios-no-brasil,70001817647>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

²⁶ Disponível em: <<http://www.anj.org.br/2017/04/05/jornais-e-revistas-continuam-avancando-em-2017-com-suas-edicoes-digitais/>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

²⁷ Disponível em: <<http://www.digitalnewsreport.org/survey/2014/brazil-2014/>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

²⁸ Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/tulio-milman/noticia/2018/04/brasil-e-o-5o-pais-com-maior-numero-de-smartphones-cjfolkjo500b701tg66nekagv.html>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

Ellison dos sites de redes sociais (SRS) como sendo “aqueles sistemas que permitem “i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator.” (RECUERO, 2009 apud BOYD; ELLISON, 2007). Dessa forma considera-se as plataformas tratadas nessa pesquisa, Facebook e Instagram, como sites de redes sociais dos quais os agentes podem se apropriar e dar significados a eles, bem como proporcionam a publicização dos conteúdos e dos indivíduos. Mais recentemente, o aplicativo de conversas Whatsapp pode ser pensado sob a perspectiva de site de rede social, no momento em que possibilita a apropriação pelos atores e favorece a visibilidade dos mesmos dentro de um grupo de contatos, por exemplo, em um grupo de integrantes da família. Entretanto ele não é percebido desta forma pelas informantes desta pesquisa, que diferenciam redes sociais (Facebook, Instagram) de Whatsapp ao se referirem às práticas comunicativas por meio de aplicativos.

Miller e Horst (2015) afirmam que mais incrível do que velocidade com que a cultura digital evolui, do ponto de vista das inovações tecnológicas, é a velocidade com que “a sociedade toma essas coisas por garantidas e cria condições normativas para seus usos” (MILLER; HORST, 2015, p.107), ou seja, incorpora as novidades aos fazeres cotidianos. O aceitar a normatividade e a incorporação moral da tecnologia abordados por Miller e Horst (2015) é visto por Hine (2015) como um processo que se dá, principalmente, nos lugares onde a internet já é um fenômeno amplamente difundido entre os indivíduos e já faz parte do cotidiano, não sendo mais vista como um espaço separado dos demais espaços habitados na vida diária e nas atividades corriqueiras. Nos filiamos à concepção de Hine (2004), que propõe pensar a internet como artefato cultural, sendo ela um elemento da cultura que assume diferentes significados dependendo do contexto em que ela é apropriada.

Em publicações mais recentes, Hine (2015, 2016) esclarece que não se experimenta mais a Internet como um “ciberespaço” no qual entramos e saímos, mas sim “a incorporamos em múltiplas estruturas de construção de significados.” (HINE, 2016, p.16). Hine (2015) propõe pensar na internet em três dimensões: incorporada, corporificada e cotidiana²⁹. Por ser incorporada compreende-se a presença constante da internet nas atividades diárias, conversar com amigos, fazer compras, se entreter, sem separação entre o online e o offline. Ela destaca ainda que o sentido de incorporada na qual se atem, não é aquele em que dispositivos inteligentes se tornam atores nos afazeres domésticos em uma relação humano-máquina, mas

²⁹ Os termos foram traduzidos do inglês *embedded*, *embodied*, *everyday* pelo Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais, ligado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Sandra Rúbia da Silva.

sim aquele sentido “mais geral em que a Internet se torna entrelaçada em uso com múltiplas formas de contexto e quadros de significados.” (HINE, 2015, p.33, tradução nossa).

A outra característica da internet é compreendida pelo seu caráter corporificado, uma vez que o ato de ficar online não é mais considerado uma experiência de fuga da realidade ou fora do corpo, mas sim acontece de forma paralela com outras materialidades. “A Internet se tornou muito mais rotineiramente um lugar para expressar um eu corporificado, em vez de um lugar para deixar o corpo para trás”. (HINE, 2015, p.43-44, tradução nossa). E, por fim, o terceiro aspecto característico da internet é o fato de ela ser cotidiana, ou seja, não é mais tratada como algo notável, mas sim um meio para se fazer outras coisas, tornando muitas vezes invisível a questão do acesso. Se tomado o acesso às plataformas de comunicação como algo garantido a todos de forma homogênea, deixa-se de ver as diferenciações que são feitas a partir da infraestrutura de conexão. Uma vez que garantir as redes técnicas que viabilizem o acesso universal às redes de comunicação digital pode se tornar um ato político e social, torna-se possível delimitar quem será ou não excluído desse processo. Hine (2015) alerta que se deve estar atento ao silêncio dos poderes sociotécnico “que se tornam invisíveis quando aceitamos tais tecnologias como uma parte da vida cotidiana.” (HINE, 2015, p.48, tradução nossa). E destaca ainda o “silêncio social” que se dá quando as pessoas sabem de algo, mas não falam porque para elas não se trata mais de um fenômeno digno de observação uma vez que já faz parte do seu cotidiano.

O crescimento da inclusão digital e do acesso aos sites de redes sociais são responsáveis por uma expansão da potencialidade participativa dos cidadãos nos circuitos de comunicação. Até o final do século XX, para que um conteúdo pudesse se tornar de conhecimento público precisava antes passar por uma escala hierárquica vertical de avaliação, checagem e publicação, dinâmica que se alterou nos últimos anos, chegando a uma hierarquia que se acreditou ser horizontal, sem precisar passar por instâncias decisórias, processo que Shirky (2011) definiu como o fim das barreiras entre textos públicos e textos privados. A participação na produção e na circulação de conteúdos, que antes era restrito aos poucos que tinham acesso aos meios massivos de comunicação, mudou, como aponta Benkler (2006), devido a dois fatores cruciais: às alterações na arquitetura da rede e nos custos da comunicação. Houve um deslocamento de uma arquitetura unidirecional e centralizada para um formato de conexões multidirecionais. Ao mesmo tempo, o relativo baixo custo para ter acesso à internet e às ferramentas de publicação possibilitaram que mais pessoas pudessem participar como emissoras no processo de comunicação. Para Benkler (2006), atualmente, a comunicação em rede possibilita que

indivíduos não mercantis tenham uma produção criativa e informacional que antes era restrita a poucos, criando assim uma esfera pública em rede.

Mais do que uma questão técnica, a esfera pública em rede possibilita que o cidadão comum perceba que suas práticas na internet o colocam em uma posição central, em que é participante em potencial dos debates públicos e da vida política, não apenas como receptor, mas também como produtor de informações que muitas vezes chegam a alimentar a mídia massiva.

A capacidade das pessoas armadas com meios de registro, processamento e comunicação de suas observações modificam seu relacionamento com o que acontece ao seu redor. O que você vê e ouve pode ser considerado matéria-prima para debate público, de maneiras que eram impossíveis quando esses meios estavam reservados para um punhado de organizações e seus milhares de funcionários. (BENKLER, 2006, p. 260, tradução nossa).

Castells (2015) afirma que é nos sites de redes sociais que acontecem as atividades mais importantes da internet, uma vez que, eles se tornaram plataformas para todo tipo de interação, desde a sociabilização, educação, ativismo, comércio etc. O autor também destaca o fator consumo, ao dizer que os sites de redes sociais são “construídos pelos próprios usuários” quanto aos critérios de agrupamento e de nível da privacidade dos relacionamentos.

Desse modo, são sociedades autoconstruídas pela rede e em conexão a outras redes. Entretanto não são sociedades virtuais: há uma estreita ligação entre redes virtuais e redes na vida em geral. Trata-se de um mundo híbrido, um mundo real; não um mundo virtual ou um mundo segregado. (CASTELLS, 2015, p.40)

Nesse mundo híbrido, as pessoas sociabilizam e também fazem coisas juntas. Compartilham conteúdos a baixo custo, emocional e físico, transcendem a relação tempo-espaco, estabelecem vínculos e práticas. “Os SRS são espaços de convivência que conectam todas as dimensões das experiências das pessoas”. (CASTELLS, 2015, p.41). A sociabilização em um universo de multimídia se dá no espaço dos fluxos.

Ao falar sobre a reconfiguração das relações sociais, Braga (2011) explica que a interação nos ambientes online, em geral, não dispensa os encontros presenciais.

Os encontros são concebidos, planejados e comentados no ambiente digital, e documentados nos ambientes de Internet por participantes. Nesse caso, as relações mediadas pelas tecnologias participam do contexto da interação e a propósito dela: blog + bar + e-mail + MSN + celular + fotografia digital + fotolog + lista de discussão restrita + Orkut + Twitter + Facebook. Esta espécie de interação, assemelhada à de um clube, associação de interesses compartilhados, utiliza as mídias disponíveis de modo complementar, a serviço da interação. (BRAGA, 2011, p.97).

No caso das mães nesta pesquisa, pode-se pensar nesses espaços de fluxo com uma interação via Facebook + Messenger + Whatsapp + Tenda da Vigília + sede da AVTSM. Não consideramos o Instagram como integrante desse circuito, pois mesmo que três, das quatro mães

tenham conta na plataforma, ele é pouco utilizado por elas. Ligiane faz do seu perfil no Instagram uma extensão do Facebook com a duplicação de publicações nas redes. Já Cida e Áurea fizeram o cadastro no aplicativo, no segundo semestre de 2018, mas ainda não apresentam domínio de uso.

4.2 A EXPERIÊNCIA PELO CONSUMO

Miller et al (2016) afirmam que para que seja possível compreender os usos das redes sociais por grupos ou indivíduos, é preciso analisar o contexto cultural no qual estão inseridos. Campanella e Barros (2016) destacam que as práticas realizadas nos ambientes online não podem ser vistas fora de um sistema social, isolado de outras esferas da vida, não sendo adequado ver a internet como determinante de comportamentos. “As ‘novas mídias’, portanto, entram na vida de sujeitos específicos, que se orientam a partir de códigos culturais particulares que criam práticas diversas a serem analisadas.” (CAMPANELLA; BARROS, 2016, p.8).

Na sociedade contemporânea, é por meio do consumo das redes sociais online que muitos indivíduos e grupos constroem um espaço de ação social a partir da criação de experiências pelas práticas desenvolvidas nesses ambientes. Barbosa e Campbell (2012) provocam uma reflexão: “se consumo é hoje, antes de tudo, experiência, como muitos afirmam, em que medida essa experiência é singular e específica em relação a outros tipos de experiências?” (BARBOSA; CAMPBELL, 2012, p.27). Castro (2014) defende a ideia de que as práticas de consumo vão além do aspecto material para se tornar algo simbólico de um estilo de vida e de maneiras de ser e de agir. “Estudar as práticas de consumo significa também procurar compreender as especificidades dos modos de apropriação de cada grupo social, que funciona segundo regras próprias de atribuição de sentido a produtos, serviços, marcas e afins.” (CASTRO, 2014, p. 62-63). Por isso, esta pesquisa foca nas experiências resultantes do consumo das redes sociais online por mães de vítimas da Boate Kiss.

Entretanto o consumo nem sempre foi visto como um fenômeno sociocultural, como adotamos nesta dissertação. Até pouco tempo, ele era visto como algo imoral produzido em larga escala, apresentado como um risco para a sociedade e o meio ambiente (MILLER, 2007). Tomado sob perspectivas hedonistas, moralistas e naturalistas foi por muitos anos o que causou o silenciamento de pesquisas acadêmicas a respeito do conceito e suas aplicações (ROCHA, 2004). A visão hedonista é construída com grande colaboração da mídia de massa na qual o bem é sinônimo de felicidade e sucesso. A perspectiva moralista parte de uma distinção associada às ideias de produção, como algo valoroso e útil, e de consumo, como algo fútil e

superficial o que colabora para a construção de um senso comum preconceituoso de consumo como algo não nobre. “Assim, falar mal do consumo é politicamente correto, e é de bom-tom que seja incriminado por tudo o que for possível.” (ROCHA, 2004, p.11). A partir dessa ideia, o consumo também é empregado para explicar problemas sociais que estariam atrelados a ele, como ganância, violência urbana, individualismo. O prisma naturalista foca na ideia de consumo como algo derivado de uma necessidade e não inserido em uma ordem cultural.

Entretanto estas perspectivas foram sendo alteradas nos últimos anos tendo como marcos referenciais Mary Douglas e Baron Isherwood a partir do livro *O mundo dos bens* e Pierre Bourdieu com a obra *A Distinção* (MILLER, 2007). Segundo Miller (2007), Bourdieu focava no consumo dos bens como formas de expressar e reproduzir distinções de classes de forma não aparente na sociedade. Já Douglas e Isherwood apresentam o consumo em uma analogia com a linguagem, como um sistema simbólico com o qual é possível se ler a sociedade (MILLER, 2007). Os autores ainda argumentam que o consumo desempenha um papel que estrutura valores, constrói identidades, regula relações sociais e agrega culturas (ROCHA, 2004). Para Rocha (2004), atualmente o consumo é visto como comportamento inserido em uma lógica cultural, “um sistema de significações” necessário para se “evidenciar e estabilizar categorias culturais, e que a função essencial do consumo é fazer sentido, construindo um universo inteligível”, além de servir como um código que “ao traduzir relações sociais, permite classificar coisas, pessoas, produtos e serviços, indivíduos e grupos” (ROCHA, 2004, p.16).

Douglas e Isherwood (2004) destacam que o consumo deve ser visto como integrante de um sistema social, do qual fazem parte também o trabalho e o bem. Esse sistema está inserido em uma cultura e é necessário para o relacionamento com outras pessoas, desde comidas, bebidas, flores e roupas utilizadas para compartilhar uma ideia ou um sentimento como as vestes de luto. Dessa forma, “a teoria do consumo tem de ser uma teoria da cultura e uma teoria da vida social.” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004, p.41). A tecnologia alterou a forma de cozinhar, com os fornos de micro-ondas, congeladores, assim como os programas televisivos de culinária alteram a cozinha doméstica, pensamento que se aplica a diferentes esferas da sociedade, assim como a comunicação. Dessa maneira, Douglas e Isherwood (2004) propõem entender o “sistema de *feedback* que se move entre o modo como as pessoas vivem quando dizem algo sobre si mesmas, através dos bens num determinado ponto do tempo, e o que fazem sobre esse modo de viver depois de receber mensagens e começar a emitir uma nova rodada” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004, p.43-44).

Ao propor uma reflexão sobre os bens como cultura material, carregados de significados, os autores ressaltam que os seres precisam dos objetos para se comunicar com os

outros e para entender o mundo a sua volta. As posses materiais além de suprir necessidades básicas, também estabelecem e mantêm relações sociais. Portanto se faz necessário pensar em como o consumo afeta as relações. Os autores se utilizam dos estudos de Robert Putnam para pensar no consumo como elemento capaz de funcionar como vínculo de integração ou desintegração social. Ao refletirem sobre a formação de comunidades como clubes, irmandades e também famílias, eles refletem sobre os rituais de consumo em que “os consumidores estão sempre fazendo seleções deliberadas entre seus pares, tanto para seus clubes quanto para seus rituais privados. O resultado de sua seleção é uma comunidade de tipo particular.” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004, p.43). Enquanto um grupo arregimenta o consumo dos seus membros ele também dá suporte social no enfrentamento de eventuais dificuldades. Dessa forma os bens são utilizados para assinalar aqueles que compartilham de um mesmo conjunto de valores. Sendo os bens agentes não vivos, é preciso entender de que forma eles são utilizados para comunicar algo a respeito de um indivíduo ou grupo. Assim é importante pensar nas práticas empregadas pelas pessoas para utilizar os bens como elementos de identificação e também como barreiras para se afastar de quem é indesejado. Ao consumir as redes sociais expondo marcadores de ligação com a tragédia da Boate Kiss, como figuras, fotos e tarjas em referência à tragédia, as mães de vítimas deixam claro que fazem parte de um grupo afetado pelo incêndio, estabelecendo elementos de integração social com aqueles que as apoiam, ou de desintegração com aqueles que criticam ou desaprovam suas ações.

A partir da perspectiva sociocultural do consumo, Miller (2007) sugere para que ele seja visto como algo a ser utilizado para compreender a sociedade e suas transformações. Como exemplo, ele cita as “novas tecnologias” que eram pressupostas como instrumentos de globalização e acabam se tornando importantes elementos de localização, com as quais é possível criar significados diferentes dependendo de quem as consome. “Estudos de cultura material trabalham através da especificidade de objetos materiais para, em última instância, criar uma compreensão mais profunda da especificidade de uma humanidade inseparável de sua materialidade.” (MILLER, 2007, p. 47).

Ao se tomar o Facebook como passível de ser consumido, estamos fazendo o que Barbosa e Campbell (2012) afirmam ser

quando estendemos o significado de consumo a inúmeras esferas onde antes ele não se encontrava presente, estamos utilizando-o para classificar dimensões da vida social a partir de uma nova perspectiva, investindo-o de uma função e importância que até então não lhe era atribuída, qual seja a de um dos mais importantes mecanismos de reprodução social do mundo contemporâneo (...) (BARBOSA; CAMPBELL, 2012, p.24).

Barbosa e Campbell (2012) também ressaltam que os usos que são dados ao que é consumido importa mais do que pensar em quem compra o quê. Para essa compreensão, é preciso se aprofundar nas experiências sociais vivenciadas pelos diferentes grupos. Os autores destacam ainda que o consumo não necessariamente está ligado à aquisição de bens e deve ser analisado como fator de cidadania, cultura, política e processos da vida social e, mais recentemente, também como uma forma de criar identidade, de autodescobrimento e de resistência. Os mesmos objetos que são consumidos para suprir necessidades básicas de moradia e alimentação, também são consumidos para mediar as relações sociais, conferir status, criar identidades e estabelecer fronteiras entre grupos. “E esses mesmos bens e serviços auxiliam na “descoberta” ou na “constituição” de nossa subjetividade e identidade.” (BARBOSA; CAMPBELL, 2012, p.22).

Dessa forma, voltamos a ideia inicial apresentada neste tópico de que para se compreender o consumo a partir das práticas de um grupo é preciso considerar entre outros aspectos “a própria experiência do consumo com toda a riqueza simbólica que configura cada qual como sendo única.” (CASTRO, 2014, p.64). Se as redes sociais online, mais especificamente o Facebook, muitas vezes não são vistas como passíveis de serem consumidas como um lugar de experiência, pode ser uma consequência do que Miller e Horst (2015) chamam de “ilusão da imaterialidade”.

Miller e Horst (2015) afirmam que é impossível ser humano, sem que para isso se leve em consideração a relação com os artefatos materiais, a ordem social está inscrita na materialidade. “Os artefatos fazem muito além de apenas expressar a intenção humana.” (MILLER; HORST, 2015, p.105). Os autores discutem a materialidade do digital em três aspectos: materialidade da infraestrutura, do conteúdo digital e do contexto digital. A argumentação começa pela própria definição estrutural de digital enquanto um “estado de coisa material” formado por códigos, atrelados a criação de softwares que, no momento em que são incompatíveis e forçam a uma escolha dos usuários, impedem uma participação livre e igual. Devido ao princípio da humildade das coisas³⁰, os autores falam que, quanto mais efetiva é a tecnologia digital, mais perdemos a consciência desse processo enquanto material e nos apegamos a ideia de imaterialidade da infraestrutura necessária para seu funcionamento.

Quanto a materialidade do conteúdo, Miller e Horst (2015) argumentam quanto ao impacto das tecnologias digitais sobre linguagem, texto e imagem. Os autores citam os sistemas

³⁰ No caso da internet, por exemplo, Miller (2013) afirma que ela deve ser considerada “em termos das capacidades que lhes são inerentes”, sendo essas capacidades compreendidas apenas quando se manifestam em usos e significados. (MILLER, 2013, p.167)

utilizados por websites para a atrair ou repelir os usuários da internet, mecanismos que podemos relacionar também com os algoritmos que atuam nos sites de redes sociais. Ao explicarem a materialidade do contexto, os autores discutem o momento em que o digital influencia na percepção do espaço absoluto, ao possibilitar a aproximação entre pessoas distantes fisicamente, e do tempo ao alterar as lógicas de interação, por exemplo, entre uma resposta imediata ou não, respectivamente se referindo ao telefone e ao Facebook. Além das mudanças na relação tempo e espaço, Miller e Horst (2015) também se referem ao contexto quanto aos parâmetros de interação humana com as tecnologias digitais. “Boa parte das tecnologias digitais contemporâneas são, em essência, mecanismos para busca de atenção” (MILLER; HORST, 2015, p.107).

Por toda essa “ilusão de imaterialidade” que Miller e Horst (2015) destacam a importância da perspectiva material para que seja possível compreender o papel desses objetos na sociabilização. Os autores ressaltam a importância da apreensão das práticas na definição das pessoas em suas particularidades, eles entram em diálogo com Bourdieu para afirmar que prática é “uma conjuntura do aspecto material com a sociabilização do *habitus*, que fazem o mundo cultural parecer como uma segunda natureza, ou seja, naturalizado.” (MILLER; HORST, 2015, p.107). O que eles afirmam ser sinônimo para a normatividade. Essa compreensão propõe pensar o digital não como uma mera tecnologia, mas sim definida pelo que se faz com ele, ou seja, as práticas de consumo. Miller (2007) explica que o consumo pode se manifestar enquanto produção de grupos sociais, e que, portanto, estes devem ser examinados em suas especificidades.

Essas práticas atualmente se dão em um contexto de multiplataformas de interação que é denominado por Miller e Horst (2015) como de polimídia. Eles afirmam que a escolha da plataforma utilizada é particular e se dá de forma relacional, ou seja, não se pode ter uma compreensão isolada de cada uma delas. “Não podemos facilmente tratar cada nova mídia independentemente, já que elas formam partes de uma ecologia de mídia mais ampla na qual o significado e o uso dependem da relação para com outros” (MILLER; HORST, 2015, p.100). Recuero (2009) chama a atenção para a existência de um fluxo de sociabilidade existente entre os sites de redes sociais, uma vez que, o mesmo usuário tem a possibilidade de criar diferentes perfis, em diversas plataformas e escolher como vai interagir com sua rede em cada uma dessas contas.

O universo polimídia faz com que nenhuma das plataformas seja alterada, sem que isso afete as demais. Da mesma forma, a ação de atores em um site de rede social se dá tendo em mente o grau de exposição propiciado, sendo relevante essa compreensão relacional para a

gerência de conteúdos e a construção de valores online. Com a facilidade de acesso às tecnologias de comunicação digital, a escolha da mídia deixou de ter como fator determinante do acesso à infraestrutura do meio e passou a ser mais uma escolha pessoal, tornando assim a sociabilidade escalonável (MILLER et al, 2016). Essa escolha individual, percebe-se entre as mães participantes desta pesquisa, acontece também pela habilidade em utilizar os recursos oferecidos pela ferramenta, além da velocidade que se precisa estabelecer uma comunicação. Em caso de necessidade de uma resposta instantânea, em geral, são utilizados o Messenger ou o Whatsapp, sendo esse ainda o escolhido quando a mensagem é considerada longa ou complicada de explicar por escrito, por apresentar o recurso de mensagem de áudio, com o qual a usuária pode gravar sua voz e enviar para outras pessoas ou grupos. Dinâmica semelhante foi constatada por BRAGA (2008) ao pesquisar as interações de mães no blog Mothern. O processo que ela chama de complementariedade das mídias é influenciado pelo caráter da comunicação que se quer estabelecer. Cada mídia é “acionada para atender diferentes demandas geradas pela situação, como privacidade, agilidade, coletividade, sociabilidade, legitimidade etc.” (BRAGA, 2008, p.142). Spyer (2018) ressalta ainda que a escolha do canal que será utilizado para a comunicação, requer uma compreensão moral das plataformas, “como existem muitas alternativas, escolhemos a plataforma para determinadas finalidades pelos valores que são atribuídos a elas coletivamente a partir do uso.” (SPYER, 2018, p. 260). Assim a escolha de compartilhamento é influenciada pelo tipo de conteúdo que se quer mostrar e para que grupo se acredita que aquele conteúdo será bem aceito.

Miller et al (2016) ainda destacam outro fator de influência na escolha do aplicativo para comunicação, a decisão depende do grau de interação que se quer estabelecer em duas relações: do mais privado para o mais público e do menor grupo para o maior grupo. “Grupos e plataformas podem se sobrepor, mas principalmente nós encontramos plataformas que se associam a gêneros específicos de comunicação que as pessoas consideram apropriadas para o grupo envolvido com essa particular plataforma.” (MILLER et al, 2016, p. 5, tradução nossa). Ou seja, um conteúdo recebido de um contato ou de um grupo com caráter mais íntimo no Whatsapp, grupo de familiares, por exemplo, pode ser compartilhado no Facebook ou Instagram, nos quais a exposição pode ter alcance a um grupo mais amplo e heterogêneo de usuários. Uma prática que se tornou corriqueira em 2018, devido a disputa eleitoral marcada pela polaridade de opiniões, foi a utilização da dinâmica de polimídia com a intenção de afrontar pessoas com pensamentos divergentes. Cida contou que depois da vitória de Bolsonaro para presidente nas eleições de 2018, alguns familiares e amigos também evangélicos, começaram a se arrepender de terem votado nele. Ela que, durante o período eleitoral, tinha tentado convencer

essas pessoas a não votarem nesse candidato, passou a enviar diretamente para eles, por Whatsapp, memes e notícias que falavam sobre atitudes do político que iam de encontro aos interesses dos evangélicos, mesmos argumentos que anteriormente tinham sido utilizados a favor dele.

Outra prática que se tornou comum nesse período, como alternativa para pessoas que queriam se afastar daqueles que tinham opiniões divergentes das suas, foi a exclusão de amigos no Facebook. Ligiane afirma ter “feito uma limpa” nos seus amigos da rede social, deletando aqueles que publicavam, em suas linhas do tempo, ideias e opiniões diferentes das dela. A atitude é semelhante a observada por Miller e Venkatraman (2018) ao analisarem os níveis e a natureza das interações no Facebook. Eles constataram que é uma prática comum às mulheres de classe média do sul da Índia, excluir do seu rol de amigos quem faz comentários desagradáveis. Segundo eles observaram, cada grupo apresenta uma variação típica de comportamento na rede, que se distingue de outros grupos, mas que tem uma unidade dentro dele mesmo.

Spyer (2018) e Miller et al (2016) chamam a atenção que a sociabilidade escalonável também pode existir dentro de uma mesma plataforma, no âmbito da compreensão da mensagem. Uma pessoa pode fazer uma publicação ou um comentário, em seu perfil em um site de rede social, que só vai fazer sentido para um grupo de pessoas que compartilham os mesmos referenciais, assim outras pessoas, mesmo estando na mesma plataforma, não vão obter significados daquelas postagens. É nesse contexto de fluxo que são estabelecidas as dinâmicas de sociabilização e de busca por visibilidade por meio das práticas de consumo dos sites de redes sociais, a partir da qual a criação de significados para as mesmas se dá de forma singular por indivíduos ou grupos.

As práticas de consumo dos usuários das redes sociais online são influenciadas pelos valores constituídos por cada sujeito em cada plataforma. A criação de valores online está relacionada com a gerência das plataformas de comunicação e tem relação direta com a visibilidade e o poder de mobilização dos demais usuários. Recuero (2009) aponta para quatro valores construídos pelos atores sociais por meio do consumo dos sites de redes sociais, são eles: visibilidade, reputação, popularidade e autoridades. A visibilidade está relacionada com o grau de conexões de um indivíduo. Quanto maior o número de conexões, maiores as chances de ele ter acesso às informações que circulam na rede e também de receber amparo de outros usuários em caso de necessidade. A reputação está ligada à ideia de confiança no ator e nas informações publicadas por ele e em como ele é percebido na rede pelos demais integrantes. “A reputação, assim, refere-se às qualidades percebidas nos atores pelos demais membros de

sua rede social.” (RECUERO, 2009, p.111). A popularidade está ligada à audiência do usuário e a sua posição na rede. É influenciada pelo número de pessoas com quem o usuário está conectado e também ao número de ligações estabelecidas por meio de interações. A autoridade é uma “medida de influência” que se refere ao poder do ator de receber grande número de citações e, além disso, sua capacidade de gerar conversação a partir do que publica.

Esses valores podem ser percebidos pelo número de interações de uma publicação. Recuero (2014) destaca a conversação nos sites de redes sociais como uma forma de apropriação simbólica, com a qual são construídos espaços sociais no cotidiano dos atores. Por meio dos mecanismos de curtir, comentar e compartilhar os usuários geram práticas online e criam significações para as plataformas. Deve-se considerar que desde 2016, além da opção curtir, os usuários também podem expressar outras reações simbolizadas por *emojis*³¹ e uma breve descrição, em três casos onomatopeicas: a figura de um coração, marcada como “amei”, uma carinha sorridente, descrita como “haha”, uma carinha de surpresa, assinalada como “uau”, uma carinha cabisbaixa, indicada como “triste” e uma carinha avermelhada de raiva, legendada como “grr” Esses recursos podem ser utilizados pelos usuários como uma forma de expressão, porém eles foram desenvolvidos com propósitos mercadológicos de forma a explicitar o interesse dos usuários sobre determinado conteúdo ou produto. João Rodrigues (2018) explica que o Facebook “utiliza esses dados para gerar mais conhecimento sobre seus usuários, criar segmentações de públicos e oferecer essas valiosas informações sobre as pessoas para marcas e negócios que investem em anúncios na plataforma.” (RODRIGUES, João, 2018).

Segundo Recuero (2014), as opções de interação desempenham uma série de funções no processo de conversação. A alternativa curtir uma informação é uma forma menos comprometida de apoio e visibilidade, uma maneira de legitimar e reforçar os valores sociais de quem fez a publicação. O botão compartilhar tem a função de ampliar o alcance de uma informação relevante o que cria um valor para quem o faz. Embora em alguns casos a ação seja feita para criticar, “tomar parte na difusão da conversação, na medida em que permite que os usuários construam algo que pode ser passível de discussão, uma vez que é de seu interesse, para sua rede social.” (RECUERO, 2014, p.120). A opção de comentar representa uma efetiva contribuição para a conversa a partir do que foi publicado, o que pode representar maior risco para quem interage, uma vez que fica mais exposto, “isso porque aquilo que é dito pode ser

³¹ Emoji é uma imagem que representa emoções, sentimentos, muito usada em aplicativos ou em conversas informais na Internet, embora tenha um significado particular, cada uma é interpretada de acordo com o contexto em que está inserida. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/emoji/>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

facilmente descontextualizado” (RECUERO, 2014, p.121), o que leva muitos usuários a desistirem de escrever comentários.

Ponderar os riscos em consequência a auto exposição também é uma prática na hora de fazer publicações no próprio perfil ou linha do tempo³². Áurea afirma que tem muito cuidado com o que vai postar no Facebook para não ferir ninguém. “Às vezes a gente pensa umas coisas bem ruins das pessoas e eu não posto, porque aquilo não vai ajudar em nada. E quando eu sei que o que eu vou falar, não vai chegar nas pessoas que precisaria. Só quando eu acho que posso fazer pensar.” (Áurea). Cida conta que, depois do processo do Ministério Público contra os pais, passou a ter mais cuidado com o que escreve nas redes sociais, por medo de represálias. Conta que evita citar nomes ou direcionar postagens, “mas quando eu posso dar uma indireta, eu dou!” (Cida).

As formas de disfarçar uma publicação mesmo que em modo público nas redes sociais é o que Spyer (2018) chama de “se esconder em plena luz do dia” (SPYER, 2018, p.77), ao se referir às publicações criptografadas ou indiretas. As mensagens criptografadas servem para restringir o número de pessoas que entendem o sentido das mesmas. “Essa forma de comunicação pode ser comparada, por exemplo, ao uso de eufemismo, metáfora, e ironia, que contam fortemente com um contexto para que sejam compreendidas.” (SPYER, 2018, p.77-78). Essa criptografia pode ser feita por meio da aplicação de filtros e da escolha de redes sociais para que uma mensagem seja compartilhada, mas também pelo desenvolvimento de habilidades de comunicação, alfabetização digital e de experiências cotidianas e contextos compartilhados. Enquanto as publicações criptografadas tentam evitar o confronto, as publicações indiretas têm como objetivo expor situações de tensão. Essa pode ser ecoada por outras pessoas que compartilham o mesmo sentimento, mas dificilmente será confrontada, uma vez que isso iria significar que “a carapuça serviu” (SPYER, 2018).

Porém, de forma geral, a linha do tempo do Facebook e os perfil pessoais das redes sociais, são compreendidas como lugares em que se pode alcançar um maior número de pessoas com determinada publicação. Miller (2017) constatou que as mulheres têm a tendência maior de utilizar o Facebook para compartilhar experiências íntimas, uma vez que elas costumam ser mais sociáveis que os homens no ambiente familiar. No caso das pacientes com doenças

³² A linha do tempo ou *timeline* é o lugar no Facebook onde o usuário faz suas publicações. Elas ficam visíveis para todos com acesso à internet, para amigos na plataforma ou apenas para grupos específicos em seus Feeds de Notícias variando de acordo com as configurações de privacidade definidas pelo dono do perfil. Ao fazer uma publicação, o usuário pode acrescentar fotos, vídeos, imagens, uma localização, uma figurinha, como está se sentindo ou o que está fazendo e marcar os amigos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/170116376402147?helpref=related>>. Acesso em 5 dez. 2018.

terminais, o Facebook era utilizado como uma forma de poder transformar uma experiência negativa, como a descoberta de um câncer mordaz, em relatos positivos que iriam dar esperança para outras pessoas e, ao mesmo tempo, contar sobre seu quadro de saúde e os procedimentos médicos aos quais elas eram submetidas para um grande grupo de pessoas de uma só vez, o que possibilitava que familiares distantes e amigos pudessem se manifestar em forma de apoio e solidariedade à situação.

Sob outra perspectiva, Spyer (2018), que pesquisou as práticas online de uma comunidade no interior da Bahia, observa que em alguns casos a manifestação na rede social pode se dar com o intuito de demonstrar solidariedade a alguém que está passando por uma situação difícil, mas que não necessariamente significa uma tomada de posição. Ele relata um caso etnográfico na comunidade pesquisada, da morte de uma menina por traficantes de drogas. Após o assassinato, grande parte do povoado se manifestou nas redes sociais fazendo publicações neutras em apoio à família, ou trocando a foto de perfil para uma imagem de uma flor com pétalas pretas e a palavra luto. Em nenhum momento eram citadas online as circunstâncias do crime, mesmo que essas fossem amplamente abordadas nas ruas em conversas face a face. Uma manifestação pedindo paz foi realizada, mas poucas pessoas participaram, segundo o autor porque os moradores tinham medo de sofrer represálias. Assim ele conclui que manifestar em uma rede social é como se a pessoa tivesse tomando partido de uma situação e explicitando suas convicções e crenças, “assim como postar algo nas mídias sociais, participar de um evento público indica que a pessoa está tomando lados.” (SPYER, 2018, p.234).

Shirky (2011) argumenta que cada pessoa tem uma motivação, uma vontade intrínseca para se manifestar e que as redes sociais online são capazes de viabilizar esses desejos. A possibilidade de participar da criação e circulação de conteúdo é uma forma de exercer a criatividade, mesmo com atividades simples de publicar fotos ou desabafar nas redes sociais. Ao se identificar com o perfil de um grupo na internet, o indivíduo passa a ter a necessidade de equilibrar a efetividade de suas ações para sua satisfação pessoal e dos demais integrantes. “Todos os grupos têm um componente emocional – emoção, de fato, mantêm os grupos unidos.” (SHIRKY, 2011 p. 146).

Além de satisfação pessoal, o indivíduo pode também exercer a liberdade proporcionada pela rede para criar valor social, por meio do compartilhamento de conteúdo. O autor classifica os tipos de engajamento partindo do princípio de compartilhamento, em quatro categorias: o compartilhamento pessoal feito por indivíduos que de que de outra maneira não estariam coordenados, nessa categoria os participantes agem de forma individual produzindo bases de dados de imagens, fotos, textos disponibilizados a baixo custo que em algum momento podem

ser úteis para outras pessoas da rede; o compartilhamento comum que acontece quando os colaboradores trocam informações e experiências para criar valor para os seus membros; o compartilhamento público, quando o grupo envolvido está disposto a criar um recurso público, se dá de forma semelhante ao comum, mas o valor público permite que outras pessoas se beneficiem dele, mesmo que não sejam participantes ativas do grupo e o compartilhamento cívico, que é tão aberto quanto o público, mas nele há o objetivo explícito de melhorar a vida, não só do grupo, mas também de todas as pessoas, é "um grupo está tentando ativamente transformar a sociedade" (SHIRKY, 2011, p.154). Indivíduos que antes não tinham condições de estabelecer conexões, podem criar vínculos em prol de uma causa compartilhada por eles. Seu valor social é dado por uma certa combinação de experiência partilhada e criatividade conjunta que permitem - bem como a sua eficácia - sua capacidade de dar a seus usuários uma sensação de propósito comum e apoio mútuo para alcançá-lo. (BENKLER, 2006).

Nas dinâmicas de compartilhamento, Spyer (2018) destaca a importância do uso de imagens especialmente por aqueles com menor nível de educação formal. Ao compartilhar vídeos e memes, por exemplo, as pessoas têm a possibilidade de expressar sua opinião e comentar sobre determinado acontecimento sem precisar necessariamente escrever sobre ele, é algo que se assemelha a uma conversa informal "com amigos on-line; ao compartilhar uma imagem ou vídeo, elas podem fazer piadas ou mostrar seus valores morais em relação a temas como política e religião." (SPYER, 2018, p.107). Essa percepção é endossada por Vanda Dacorso quando diz: "*eu penso que quando escrevo, compartilho ou deixo recados via rede social é como se eu estivesse em uma conversa bem informal com meus inúmeros amigos.*" (Vanda).

No caso pesquisado por Spyer (2018), muitas vezes só o fato de os moradores terem acesso ao computador ou ao smartphone e ter conhecimento suficiente para fazer uma publicação na internet, já é uma forma de demonstrar prestígio, uma vez que os recursos tecnológicos são comumente associados à modernidade e ao progresso, preceitos valorizados como formas de distinção na comunidade. Ao mesmo tempo em que o autor constata que a popularidade das plataformas de comunicação ali reflete um fortalecimento de valores e convenções tradicionais entranhados nas organizações sociais, como a família, as práticas de consumo também são uma forma de tentar romper com estereótipos e tornar visível aquela imagem que se pretende fazer de si. Em uma comunidade em que a população é, na grande maioria, negra, com baixa renda e pouca educação formal, a população vive em um relativo regime de invisibilidade uma vez que o preconceito racial pouco é abordado no Brasil, inclusive institucionalmente, onde não há leis que discutam de forma explícita a diferença racial, fazendo

esse assunto se tornar um tabu. Assim ora eles se aproveitam para usar sua invisibilidade para se esconder daqueles que tem o poder de “torna-los socialmente invisíveis”, ora agem em busca de formas para se tornarem “relativamente visíveis para algumas pessoas.” (SPYER, 2018, p.74). O pesquisador argumenta que é crucial compreender a invisibilidade social como aspecto importante na vida das pessoas e que influencia diretamente nas práticas online das mesmas. No caso das mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss, elas assumiram um papel de luta contra a invisibilidade das consequências da tragédia que pode ser causada pela naturalização da ideia de que não existe justiça no Brasil para os cidadãos comuns.

4.3 ENVOLTAS POR BOLHAS

Ainda que não seja o foco desta dissertação discutir as tecnicidades das plataformas digitais de comunicação, para se interpretar as práticas de consumo online das mães enquanto usuárias das mesmas é preciso compreender os regimes e as lógicas de funcionamento dos sites de redes sociais, uma vez que, os algoritmos que regulam esses sistemas influenciam no que é visto por cada usuário em seu perfil pessoal e no teor das informações que se tem acesso.

Para Van Dijck (2016) o grande número de sites de redes sociais se configura em um ecossistema de mídias conectivas. A autora destaca que dentro do ecossistema de plataformas online, cada uma tem seu próprio sistema de codificação que organiza os nichos específicos de sociabilidade, mas que todas estão relacionadas. As principais características desse ecossistema são: interdependência e interoperabilidade, “não consiste na mera soma dos microssistemas, mas em uma infraestrutura dinâmica capaz de influenciar a cultura e de ser influenciada por ela.” (VAN DIJCK, 2016, p.45, tradução nossa).

Para Benkler (2006) a produção de uma comunicação independente e criativa deve se dar em três camadas: física, de conteúdo e lógica. A camada de conteúdo inclui “o conjunto de recursos necessários para a produção e troca de informações” (BENKLER, 2006, p.495, tradução nossa), as habilidades de produzir e publicar, ou compartilhar uma mensagem. A camada física diz respeito a toda infraestrutura de acesso à internet e a camada lógica, aos mecanismos de direcionamento aos quais os usuários estão submetidos. Hine (2015) contextualiza a camada física ao refletir sobre as questões de infraestrutura que dificultam o amplo acesso a efetiva democracia digital. Hine (2015) afirma que “a internet é realmente um fenômeno de massa na América do Norte, Europa e Austrália, mas muito menos na África e em grande parte da Ásia, e em muitas áreas do globo ainda está completamente fora de alcance como uma proposta prática para grande parte da população” (HINE, 2015, p.7, tradução nossa).

Para explicar essa desigualdade, a pesquisadora aponta fatores como recursos econômicos, infraestrutura tecnológica e níveis de alfabetização. Mesmo nos locais onde a maioria das pessoas tem acesso à internet, cada indivíduo utiliza de forma diferente a tecnologia possibilitando uma experiência única para cada usuário. Miller e Horst (2015) também alertam para a importância de se considerar contextos culturais antes de fazer generalizações quanto ao potencial democrático do digital “negando premissas de que o digital está, necessariamente, homogeneizando e também dando voz e visibilidade àqueles que foram jogados às periferias por modernistas e perspectivas similares” (idem, p.92).

Ao se pensar na camada física, deve-se também refletir a respeito de quem detém o poder de comunicar e de quem tem acesso às tecnologias disponíveis para fazê-lo. Castells (2015) discute a democratização do acesso ao lembrar que na medida em que a internet se tornava o principal meio de comunicação da era digital “as grandes corporações passaram a dominar o seu negócio e as companhias de telecomunicação globais moldaram as plataformas móveis de comunicação” (CASTELLS, 2015, p.30). O que significa dizer que o poder organizacional da comunicação seguiu concentrado nas mãos de poucos. Destaca-se aqui que as três principais plataformas de comunicação utilizadas pelas informantes desta pesquisa (Facebook, Instagram e Whatsapp) pertencem a empresa Facebook. O Instagram foi a mídia social de maior crescimento progressivo em 2018 que tem aproximadamente 500 milhões de perfis pessoais e comerciais (RODRIGUES, João, 2018). Mas Castells (2015) ressalta que mesmo o universo da internet sendo constituído ao redor dos grandes conglomerados de mídia e de certa forma ainda regulado pelos governos, ele ainda é um modelo muito distinto de comunicação e “se caracteriza pela considerável autonomia dos sujeitos comunicantes em relação aos donos e reguladores da infraestrutura de comunicação (CASTELLS, 2015, p. 30).

Pensar em quem detém o poder de comunicar também está diretamente ligado à questão lógica de funcionamento das plataformas e a distribuição de conteúdos. Lanier (2018) alerta para as ameaças à democracia quando o universo da comunicação é dominado pelo que ele chama de Bummer, Behaviors of User Modified, and Made into an Empire for Rent, traduzido como Comportamentos de Usuários Modificados e Transformados em um Império para Alugar. Ele se refere à agência das plataformas de redes sociais que são operadas pelas corporações mais ricas da história, “cuja única forma de ganhar dinheiro é manipulando o seu [dos usuários] comportamento.” (LANIER, 2018, p.11). Ao citar como exemplo a campanha eleitoral nos Estados Unidos, na qual disputaram Hilary Clinton e Donald Trump, Lanier (2018) relata que um ano depois da eleição desse, um detalhe veio à tona, “o Facebook oferecera às campanhas de Clinton e Trump equipes presenciais para ajudá-los a maximizar o uso da plataforma, mas

só a campanha do republicano aceitou a oferta” (LANIER, 2018, p. 154). O autor destaca que não se trata necessariamente de uma questão ideológica, mas sim algorítmica. “A Bummer não é nem progressista, nem conservadora; é apenas a favor da paranoia e da imbecilidade generalizadas.” (LANIER, 2018, p. 151). Assim como nos Estados Unidos, no Brasil, Kalil (2018) destaca que a segmentação de informações direcionada para diferentes perfis de público, foi a estratégia de comunicação utilizada pelo candidato Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral.

A forma de funcionamento desses algoritmos é omitida da população por meio da circulação de discursos em que se cria uma necessidade de transparência no que é feito pelos usuários e de opacidade do que é feito por empresas e o Estado (SILVEIRA, 2018). Pariser (2012) discute que os algoritmos regem a lógica do acesso à informação nas redes digitais, uma vez que o conteúdo que chega a cada um é estabelecido com base em comportamentos anteriores do usuário. O comportamento prévio e os cliques dados em sites da internet fazem funcionar a dinâmica da bolha de filtros que direciona publicidades e notícias de forma personalizada de acordo com os interesses de cada um influenciando nas opiniões e decisões futuras “e com isso ficamos presos numa versão estática, cada vez mais estreita de quem somos – uma repetição infundável de nós mesmos” (PARISER, 2012, P.16). Assim, para o autor, a tela do computador vira um espelho do que se é com possibilidades limitadas de ampliar o universo de conhecimento e interesse. “Em um ambiente de informação baseado em indicadores de cliques, favorecerá o conteúdo que corrobora com nossas noções existentes sobre o mundo, em detrimento de informações que as questionam.” (PARISER, 2012, p.63). O que pode impedir o acesso a notícias ruins, mas ao mesmo tempo diminui o senso de cidadania. Diante desses argumentos não se pode pensar que a publicação de conteúdos na internet aconteça em uma dinâmica totalmente horizontal, como apontado inicialmente por Shirky (2011), uma vez que sofre múltiplas influências nos mais variados níveis desde a produção até a circulação.

A mesma lógica que afeta os conteúdos distribuídos, interfere na forma de construção de alguns valores de relacionamentos nas redes sociais online (VAN DIJCK, 2016). Os amigos não são mais estabelecidos levando em consideração qualidade e condição de relacionamento, mas sim em quantidade. A palavra “seguidores” perdeu a conotação religiosa de fervor, crença e devoção e passou a designar o número absoluto de pessoas que seguem um fluxo de publicações de um usuário. Quem é visualizado por quem em cada rede social não se dá exclusivamente por uma questão de gosto, mas sim por meio dos cálculos algorítmicos derivados dos seus cliques e dos seus amigos. Assim aquelas pessoas que têm muitos seguidores

passam a ser influentes e sua reputação aumenta conforme vai recebendo mais cliques em um ciclo que gira de acordo com a economia dos meios sociais online.

Esses mecanismos afetam todos os usuários de sites de redes sociais, entre eles as mães aqui pesquisadas. Na medida em que elas vão transformando suas plataformas digitais em um reflexo de seus interesses, por meio de seus cliques, curtidas e amizades, elas vão favorecendo a criação de uma bolha da qual passam a fazer parte. Assim elas têm, mais frequentemente, acesso a conteúdos que estão de acordo com o que elas pensam, e tendem a ser vistas por aqueles amigos que mais comentam e curtem as publicações delas, ou publicações semelhantes às delas. Dessa forma, as mães conseguem criar ambientes nos quais elas estão relativamente protegidas das opiniões contrárias às delas e não são obrigadas a terem seus sentimentos e propósitos questionados ou desqualificados.

A partir do que foi exposto neste capítulo, pretende-se ter firmado a proposta desta dissertação que toma o consumo como inserido em comportamentos sociais e culturais, capaz de servir como código, por meio do qual grupos podem comunicar algo a seu respeito e constituir campos de ação social no qual suas práticas vão refletir suas experiências e seus processos sociais. Ao se pensar no Facebook como lugar para experiências, se leva em consideração as tecnicidades que influenciam nas práticas humanas, mas sem tomá-las como determinantes de comportamentos. Assim acreditamos ser possível analisar as práticas de consumo das mães enquanto inseridas nesse sistema, aptas a criarem seus próprios significados.

5 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO: O CAMINHAR NO CAMPO

Para alcançar os objetivos propostos nesta dissertação, optou-se pela utilização de uma abordagem etnográfica para internet (HINE, 2015), que será explicada a seguir. Para tal, será feito um breve resgate histórico do ofício do etnógrafo, método originalmente adotado por antropólogos, e suas adaptações para o contexto atual no qual ambientes online e offline estão imbricados de forma dinâmica e inseparável.

5.1 A ABOARDAGEM ETNOGRÁFICA

O antropólogo Malinowski (1976) no texto clássico *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* explica que a etnografia tem a função de colocar ordem no mundo, transformando o que era visto como selvagem em grupos de comunidades, em suas próprias ordens e leis. Bronislaw Malinowski é um dos expoentes da primeira revolução etnográfica, quando a antropologia passou a ser considerada uma disciplina (WINKIN, 1998). Nesse período, o pesquisador instaura a ideia de que o trabalho do etnógrafo deveria ir além da simples coleta de dados exóticos e incomuns observados em povos distantes e deveria tentar compreender a visão de mundo da população estudada. Uma vez que foi aceito que as comunidades observadas pelos antropólogos apresentam suas formações sociais bem estruturadas e com fortes laços de pertencimento, o trabalho do pesquisador passou a ser o de “fornecer um esquema claro e firme da constituição social, bem como destacar as leis e normas de todos os fenômenos culturais” (MALINOWSKI, 1976, p.24) para que seja possível então compreender o ponto de vista dos indivíduos observados e suas visões de mundo, sendo assim possível desenvolver sentimento de solidariedade com os nativos e “pode ser que, percebendo a natureza humana sob uma forma muito distante e estranha para nós, se acenda alguma luz sobre a nossa.” (MALINOWSKI, 1976, p. 37).

O termo “nativos” utilizado por Malinowski para se referir ao grupo de pessoas foco da investigação do antropólogo, mudou de definição nos anos 50 quando a terceira revolução etnográfica libertou os cientistas sociais da tendência “de fazer pesquisas sobre os pobres, os desajustados, os dominados, por exemplo, os índios, os camponeses, os mendigos etc.” (WINKIN, 1998, p.131). Dessa forma o termo etnografia passa a ser aplicado em “todos os lugares, em todas as circunstâncias – mas com pleno conhecimento teórico de causa” (idem, p.132). Para o autor o método consiste na arte de saber ver, ser e escrever, sendo extremamente pertinente na compreensão social e na atribuição do respeito que lhe é devido. Dessa forma a

aplicação do método etnográfico é acionado para a compreensão de grupos diversos, para a extração de regularidades que ora pertencem à comunidade, ora ao global (WINKIN, 1998) possibilitando a compreensão cultural da ordem social ali estabelecida. No Brasil, desde os anos 1970, os antropólogos fazem pesquisas nas grandes cidades. Dentro do estudo de uma alteridade próxima abriu-se a possibilidade de pesquisar “temas urbanos sensíveis, que vão de estilos de vida da classe média a hábitos culturais do psiquismo, consumos de drogas e violência.” (PEIRANO, 1999, p.11). A autora ainda reitera, em outro trabalho, que se os antropólogos que a antecederam privilegiavam a exploração do exótico “hoje reavaliemos e ampliamos o universo pesquisado com o propósito de expandir o empreendimento teórico/etnográfico, contribuindo para desvendar novos caminhos que nos ajudem a entender o mundo em que vivemos.” (PEIRANO, 2014, p.389). A autora ainda destaca que a etnografia não é um método, uma vez que o trabalho de campo não tem momento determinado para começar ou terminar e que nos tornamos “agentes da etnografia” quando nos surge a necessidade de entender e examinar eventos vividos ou observados que de alguma forma nos surpreendem. Contexto no qual se encaixa a pesquisa desta dissertação, uma vez que perpassa a compreensão das experiências do cotidiano e os reflexos nas práticas de consumo de sites de redes sociais de mães enlutadas após a tragédia da Boate Kiss.

5.1.1 A transformação do familiar em exótico

Jornalista por formação, eu trabalhava na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013 como repórter da emissora de televisão RBS TV Santa Maria (afiliada da Rede Globo). Mesmo estando na escala de folga para aquele domingo, fui acionada antes das seis horas da manhã para que fosse trabalhar na cobertura de um incêndio que teria feito vítimas em uma boate de Santa Maria, ainda que, naquele momento, ninguém tivesse ideia das dimensões da tragédia. Logo que as autoridades vislumbraram o grande número de mortos, como consequência do incêndio durante a festa universitária na Boate Kiss, foi decidido que os corpos seriam levados para ginásios do Centro Desportivo Municipal (CDM). Eu, juntamente com um cinegrafista e um técnico, passei a acompanhar desse local as atualizações da tragédia e as a transmiti-las ao vivo em rede nacional.

Ao longo do dia os corpos de todas as vítimas foram levados para o CDM onde familiares deveriam se dirigir para fazer a identificação dos mortos. Nesse momento começou a se estabelecer a minha relação com os pais de algumas vítimas, uma vez que no desempenho das minhas funções estava ali para ouvir seus testemunhos e tentar contar, em formato

jornalístico, os detalhes daquele dia. Para além do dia 27, nas semanas, meses e anos que se sucederam à tragédia, nos quais foram se dando os desdobramentos do incêndio, fui me aproximando cada vez mais dos familiares devido a realização de incontáveis reportagens retratando os mais diversos aspectos e consequências do fato. Vínculo que se manteve em especialmente com algumas mães e pais os quais seguem aplicando esforços na busca de justiça e do não esquecimento da tragédia.

Sendo mulher e propensa a identificação com pessoas de mesmo gênero que sofreram a dor de perder um filho, posso dizer que desenvolvi uma certa familiaridade com algumas mães de vítimas, que mesmo diante desse sofrimento sempre foram solícitas e compreensivas às minhas demandas profissionais. Ao decidir me afastar do mercado de trabalho para me dedicar às pesquisas acadêmicas, fiquei com a sensação de que deixava uma lacuna na minha função social de jornalista, uma vez que me sentia, de certa forma, responsável pela missão de dar visibilidade ao caso, trabalho que vai ao encontro dos anseios daqueles que buscam justiça. Dessa forma, voltando meu olhar, agora acadêmico, às práticas comunicativas de mães de vítimas da Boate Kiss sinto que assumo um novo papel, para dar um olhar científico e uma nova forma de visibilidade para a tragédia. Entretanto por essa prévia proximidade com quem agora é também objeto (sujeito) da minha pesquisa se faz necessário um exercício de estranhamento, o que Da Matta (1978) chama de transformar em exótico o que é familiar, movimento que ele explica como sendo o ato de “estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como as crianças quando perguntam os “porquês”) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação.” (DA MATTA, 1978, p. 29).

Esse movimento consiste em enxergar nossas instituições, práticas políticas e religiosas que se deseja “objetificar e inventariar” de forma a nos levar a uma “viagem vertical” para dentro ou para cima para chegar “no fundo do poço de sua própria cultura” (DA MATTA, 1978, p. 29), levando o pesquisador a um encontro com o outro e ao estranhamento, para que então, ao estranhar o que era próximo, seja possível estudá-lo. Da Matta (1978) ainda ressalta que é necessário um desligamento emocional, uma vez que, o conhecimento que se tem sobre o grupo a ser pesquisado não foi obtido por meio de leituras e estudos realizados por outros, mas sim pela convivência social “veio do estômago para a cabeça.” (1978, p.30).

Fonseca (1998) sugere que, mesmo que a pesquisa seja feita em um ambiente em que as pessoas estão submetidas às mesmas pressões estruturais, valores e crenças, supor de antemão essa semelhança reduz as possibilidades de enxergar outras lógicas, outras dinâmicas culturais. Ela alerta que se deve estar aberta a ver as alteridades de forma a lutar contra a massificação e caminhar para a abertura de diálogo. A pesquisadora sugere cinco passos, para que seja possível

viabilizar a experiência de campo em um grupo social não distante simbolicamente do nosso e transformá-la em interpretações analíticas, dos quais destaco aqui: o estranhamento no qual consiste o esforço de observar além dos comportamentos culturais naturalizados; e a desconstrução que apela ao pesquisador para de fato ouvir o que o interlocutor tem a dizer e seus significados particulares e não correr o risco de “colocar um verniz cientificista nos estereótipos do senso comum.” (FONSECA, 1998, p.69).

Ao se focar em um grupo pequeno de análise etnográfica, não se pode prescindir da compreensão dos sentimentos e das emoções que, segundo Fonseca (1998), são a matéria-prima da subjetividade. Entretanto é preciso estar ciente dos ritos sociais “que fazem parte do vasto leque de experiências e que servem como educação sentimental dos envolvidos” (FONSECA, 1998, p.63). A pesquisadora cita Mauss (1979) ao dizer que as emoções podem ser consideradas fatos sociais totais e dessa forma influentes em diferentes esferas da vida social. Assim ao se querer interpretar, por exemplo, o choro “é preciso conhecer bem a sociedade de onde vem – dos padrões residenciais e normas de herança até as atitudes corporais e os critérios estéticos e morais” (FONSECA, 1998, p.63), sendo necessário ao pesquisador ir fundo no trabalho de imersão participante no campo para dar conta da compreensão total desses sistemas que regem a sociedade no qual aquele grupo está inserido.

Chegar ao conhecimento profundo de um determinado grupo, é o que Geertz (1978) chama de ir além da “descrição superficial” e alcançar a “descrição densa” em que o objeto observado pode ser percebido como “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos dos quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existem” (GEERTZ, 1978, p.5). Uma descrição densa, portanto, se alcança no momento em que o etnógrafo vai além da simples coleta de dados e mergulha em uma observação minuciosa de todo o comportamento, desde os mais claros até os mais implícitos. Geertz (1978), inspirado em Max Weber, define cultura como sendo teias de significados nas quais os indivíduos estão amarrados. A análise dessa cultura então “não é como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (1978, p.4). A partir das observações e interpretações é possível fazer formulações teóricas culturais para então “tornar possíveis descrições minuciosas; não generalizar através dos casos, mas generalizar dentro deles” (GEERTZ, 1978, p.18), fazendo assim uma inferência a respeito dos atos simbólicos culturais de determinado grupo a fim de ser possível fazer uma análise social do mesmo.

5.2 ADAPTAÇÃO DA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

A abordagem etnográfica é explicada por antropólogos clássicos e contemporâneos partindo do princípio da aplicação em contextos offline, com observações participantes, entrevistas realizadas pessoalmente por meio de interações face a face. Entretanto Silva (2016) nos atenta para a necessidade de novas estratégias etnográficas, diante da globalização na prática antropológica em especial nos estudos em interface com o campo da comunicação. Marcus apud Silva (2016) sugere a realização de uma etnografia “multissituada” por meio da qual a construção do objeto de estudo acontece por diferentes técnicas, seguindo os fluxos culturais, no caso do campo da comunicação um exemplo é seguir os circuitos do consumo e da mídia. Como este trabalho se propõe a compreender as práticas online nas redes sociais digitais por mães enlutadas de vítimas da Boate Kiss, se faz necessária a análise das manifestações em ambientes online, além dos offline. Vale ressaltar que não entendemos os dois ambientes online e offline como dimensões distintas, mas sim interconectadas e inseparáveis de acordo com Hine (2015). Portanto para se compreender a relação dessas mães com as redes sociais se pretende adotar uma etnografia para internet.

5.2.1 Etnografia para internet

Desde o estabelecimento da internet como meio de comunicação e de socialização entre indivíduos, viu-se a possibilidade de utilizar a etnografia para pesquisas de grupos que migraram para a internet ou que se constituíram nela. Fragoso; Recuero e Amaral (2012) afirmam que, a partir dos anos 1990, surgiram diferentes termos para se referir a transferência do método etnográfico para os ambientes digitais sendo eles netnografia, etnografia virtual, webnografia e ciberantropologia. Polivanov (2013) afirma que a principal discussão acerca das terminologias, se distintas ou sinônimas, se deu quanto ao fato de se considerar, ou não, o ciberespaço como um lugar.

A compreensão adotada para esta dissertação é a defendida por Hine (2004) de que a Internet deve ser vista como artefato cultural, sendo ela um elemento da cultura que assume diferentes significados dependendo do contexto em que ela é apropriada. O número de recursos que ela possibilita, bem como os regimes de aprendizagem por quem a utiliza “são desenvolvidos em um processo de negociações e interpretações no contexto específico para o qual elas são trazidas e em que são empregadas.” (HINE, 2004, p. 42), sendo vista então como resultado do contexto cultural na qual é consumida. Também ancorada na perspectiva de Hine

(2004), se considera que ambientes online e offline funcionam em uma dinâmica contínua de influência, sem uma separação, “a Internet pode ser representada como uma instância de múltiplas ordens espaciais e temporais que cruzam uma e outra vez a fronteira entre o online e o offline” (HINE, 2004, p.20). Em publicações mais recentes, Hine (2016) esclarece que não se experimenta mais a Internet como um “ciberespaço” no qual entramos e saímos, mas sim “a incorporamos em múltiplas estruturas de construção de significados.” (HINE, 2016, p.16).

Como Miller et al (2016) afirmam, são os usos dados às plataformas digitais que atribuem sentido a elas, portanto serão compreensíveis no momento em que forem pensadas dentro dos contextos nas quais são apropriadas se para uso familiar, profissional, socializante ou outros. Os autores ainda alertam que é preciso recorrer à premissa de que não sabemos em que aspectos da vida das pessoas pesquisadas a internet influencia, portanto deve-se estar atento a essas possibilidades, além disso nenhum desses fatores deve ser observado de forma isolada, uma vez que eles se articulam dinâmica e interdependentemente na vida dos indivíduos. Assim é importante fazer o que Miller et al (2016) chamam de contextualização holística. O holismo a que se referem é problematizado por Miller e Horst (2015) que explicam como sendo um compromisso em entender o contexto mais amplo da integração de várias instituições ao se estabelecer uma análise, levando-se em conta três fatores “as razões pertencentes ao indivíduo, aquelas pertencentes ao etnográfico e aquelas pertencentes ao global” (MILLER; HORST, 2015, p.100). Essa visão holística faz-se necessária também diante de um grande número de plataformas que propiciam a interação social em um ambiente polimídia (MILLER et al, 2016).

Todavia ao se pensar de forma abrangente tanto sobre o universo de possibilidades de plataformas de comunicação, quanto os aspectos pessoais que são influenciados pela internet, Hine (2015) faz a importante ressalva de que é impossível se fazer uma pesquisa que seja completamente holística, uma vez que ela envolve muitas dimensões. O que existe é a vontade de “estudar a Internet como fenômeno contextual e contextualizador” (HINE, 2015, p.27, tradução nossa) e assim entender o que as pessoas fazem dela seguindo suas características fluidas, dispersas e flexíveis, dando atenção às formas particulares de indivíduos e grupos de suas conexões e dinâmicas de incorporação.

Para tal Hine (2015) propõe o estudo das apropriações por meio do método da etnografia para internet que possibilita uma compreensão sobre as mudanças na vida individual e comunitária, partindo de uma visão multifacetada, focando em como a vida é vivida em aspectos familiares, culturais, de gênero entre outros e tendo foco na contextualização e na incorporação das tecnologias e as adaptações por diferentes pessoas e grupos sem fazer distinção entre os ambientes online e offline.

Para explorar esses campos cheios de conexões, Hine (2015, 2016) atenta para os desafios e as adaptações criativas para o método de forma a garantir o compromisso com princípios metodológicos fundamentais na produção de conhecimento. A autora alerta que, por estar incorporada na rotina social, não há como estabelecer fronteiras entre online e offline, o que dificulta uma definição do campo de pesquisa, tendo ele que ser construído através de escolhas do pesquisador de explorar caminhos de investigação e os tipos de conexões que quer seguir. Sendo possível focar nas práticas na internet, mas ciente de que as consequências extrapolam espaços online específicos.

O caráter corporificado da internet torna difícil, para o etnógrafo, manter uma posição distante daquilo que está sendo observado. Entretanto Hine (2016) afirma que o pesquisador deve ter um engajamento ativo nos ambientes virtuais, se envolver e participar das atividades interagindo com os participantes o que “permite ao etnógrafo que desenvolva *insights* e teste teorias em desenvolvimento através da interação”. (HINE, 2016, p. 16). O fato de a internet ser cotidiana também reque um esforço do pesquisador para enxergar as particularidades de cada contexto.

Hine (2016) alerta ainda que a experiência da internet é muito individual e que, portanto, pode não ser compartilhada por outras pessoas. Mas o estudo etnográfico, no qual o pesquisador é também um usuário das mesmas ferramentas de interação utilizadas pelos participantes, torna passível uma reflexão dos movimentos particulares que contribuem para uma interpretação, “a dimensão reflexiva da etnografia se torna especialmente significativa”. (HINE, 2016, p.22).

Miller e Horst (2015) chamam a atenção para o relativismo antropológico que nos leva ao estudo das particularidades para que sejam postas em contraste com as perspectivas globais. Os autores alertam que a “comparação é essencial se quisermos entender o que pode ser explicado por fatores regionais e paroquiais e o que dá suporte a generalizações de maiores níveis” (MILLER; HORST, 2015, p.101). Sob essa perspectiva proposta pelos autores, de desenvolver pesquisas alinhadas com as “atuais demografias e as realidades de nosso mundo” (idem, p.103), é o ponto onde se encaixa este trabalho de dissertação, uma vez que se busca a compreensão das particularidades de apropriações no contexto brasileiro, gaúcho e santamariense de mães que perderam filhos na tragédia da Boate Kiss.

Vale ainda a reflexão sobre as contínuas transformações nas plataformas, que são utilizadas para comunicação e sociabilização. Sabemos hoje que plataformas como o Facebook, Instagram e Whatsapp mudam constantemente as funcionalidades e introduzem novos recursos; dessa forma partilhamos da perspectiva de Miller et al (2016) de que esta dissertação não é sobre as plataformas, mas sim “um estudo sobre o que as pessoas publicam e como se

comunicam através de plataformas, por que publicam e as consequências dessas postagens.” (MILLER et al, 2016, p.1).

Por fim ressaltamos que mesmo se dando nos ambientes online e offline, a etnografia para internet pode manter o rigor metodológico, como apresentado por Hine (2015) e também atender as três condições de uma boa etnografia exposta por Peirano (2014) sendo elas: levar em consideração o contexto em que a comunicação se dá; a transformação do que foi vivido de forma intensa em campo em uma linguagem escrita eficiente e fidedigna; e detectar as ações sociais de forma analítica e interpretativa. A etnografia para internet prima pela aplicação das técnicas de engajamento e imersão para uma compreensão de como a internet incorporada, corporificada e cotidiana faz sentido para as pessoas (HINE, 2016). Para tal é realizado um intenso trabalho de campo, no qual são aplicados alguns instrumentos de coleta de dados que, nesta dissertação, foram utilizados para se chegar aos resultados apresentados. A construção do corpus de pesquisa e as ferramentas de trabalho de campo serão apresentados nos próximos tópicos.

5.3 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ANÁLISE

Bourdieu (1999) problematiza a construção do objeto de análise no campo das ciências sociais afirmando que se deve abandonar a ideia de que está pré-construído ou pronto para ser observado, mas, ao contrário, a construção de um objeto pressupõe que este será estabelecido ao redor de uma problemática teórica e que poderá ser testado e submetido a questionamentos sistemáticos confrontando com a realidade. A reflexão do sociólogo é pertinente também quando se pensa em pesquisas realizadas com olhar concomitante dos ambientes online e offline. Hine (2016) nos alerta que a partir do reconhecimento da complexidade e da natureza imprevisível dessas conexões é importante que o etnógrafo da internet construa seu campo de pesquisa por meio de escolhas que o vão levar a desvendar seus principais objetivos. A autora nos alerta que com a quantidade de dados disponíveis na internet e atividades em curso é preciso escolher uma localidade e um período de tempo específico mapeando as atividades online “o que permite um foco restrito para manter o projeto etnográfico dentro da capacidade interpretativa individual do etnógrafo.” (HINE, 2016, p. 20).

Hine (2016) afirma que fazer um mapeamento das atividades online é importante para que o etnógrafo possa identificar e direcionar sua atenção para os locais de análise que são de seu interesse realizando uma “topografia de campo antes de decidir no que focar em profundidade” (HINE, 2016, p.20). Dessa forma foram selecionadas quatro mães de vítimas da

Boate Kiss, que possuem perfil em site de rede social e frequentam a Tenda da Vigília. Como todas as mães utilizam o Whatsapp e o Facebook, foram as plataformas escolhidas para dar ênfase neste trabalho. Entretanto essa observação é feita em conjunto com as atividades realizadas pelas mães na Tenda da Vigília, no centro de Santa Maria, também vista como uma mídia, uma vez que é utilizada pelas mães como forma de mediar a relação delas com a sociedade e dar visibilidade para a luta por justiça numa dinâmica de complementariedade de mídias (BRAGA, 2008).

Como destacam Miller e Horst (2015), ao focar nas publicações feitas nas plataformas online não nos faz fechar os olhos para as múltiplas conexões possíveis entre demais ferramentas de sociabilização e também sem esquecer que, atualmente, ninguém vive uma vida completamente digital, assim como nenhuma mídia e tecnologia existe fora da rede de relações com as mídias analógicas.

5.3.1 Tricotando Quadrinhos de Amor: o trabalho de campo

O trabalho de campo compreende uma série de atividade que são aplicadas e desenvolvidas por meio de algumas técnicas que respondem ao desafio de uma pesquisa etnográfica para internet. O trabalho etnográfico utiliza em geral o método de “observação participante” o que pressupõe o envolvimento do pesquisador na vida dos observados para que haja uma real compreensão dos fatos (MILLER et al, 2016). Para esta dissertação utilizou-se a observação participante nos ambientes online, por meio das publicações feitas pelas mães em plataformas de redes sociais e nos ambientes offline por meio da convivência semanal com as mães na Tenda da Vigília, em situações esporádicas a convite delas e também com a realização de entrevistas. Essas ferramentas são empregadas, segundo Miller et al (2016), uma vez que “os antropólogos estão constantemente fazendo julgamentos sobre a validade do que eles ouvem, sendo abertos, mas também cético sobre fofocas. Um pouco como um detetive, tentamos constantemente verificar em nossas fontes, sempre procurando evidências adicionais ou melhores.” (MILLER et al, 2016, p.35). Essas nuances da realidade que ficam implícitas nos comportamentos, como também ressaltou Geertz (1978), são possíveis de serem compreendidas pelo pesquisador no momento em que ele convive com os participantes, faz um trabalho de imersão no campo e de aproximação com os indivíduos observados e das conversas criteriosas que, segundo Hine (2016), são caminhos que proporcionam uma construção de confiança e do encorajamento de que os participantes possam falar com sinceridade sobre suas experiências e perspectivas.

Para ser possível a realização da observação participante na Tenda da Vigília, estreitei laços com as mães que frequentam o local. Iniciei meu contato com Ligiane, em janeiro de 2018. Na época ela estava realizando uma vigília para arrecadação de velas que seriam utilizadas nas homenagens aos falecidos previstas para o dia 27 daquele mês. Meu primeiro contato com ela foi via Instagram. Ao nos encontrarmos pessoalmente na Tenda, contei da minha pesquisa e ela prontamente se dispôs a participar e a me ajudar a encontrar outras mães dispostas ao mesmo. A partir de então, passei a frequentar a Tenda da Vigília todas as quartas-feiras, dia em que elas se reúnem no local e também no dia 27 de cada quando mais gente visita o espaço. A convivência e a observação das publicações das mães começaram em janeiro de 2018, pois foi quando defini, juntamente com minha orientadora, que trabalharíamos com o grupo de mães de vítimas da Boate Kiss como objeto de análise deste trabalho. Eu já as conhecia previamente devido ao meu trabalho jornalístico, mas nossa convivência era limitada aos poucos minutos da realização de entrevistas para reportagens televisivas, de forma que foi de extrema importância conviver mais intimamente com elas. Mesmo que as mães não parem de fazer publicações em suas redes sociais, por questões práticas, dei o trabalho de campo por encerrado no dia 27 de dezembro, quando as atividades na Tenda da Vigília foram suspensas temporariamente devido às altas temperaturas marcadas em Santa Maria. As atividades no local foram retomadas no dia 24 de janeiro para a Vigília pelo aniversário de Andrielle e no dia 27 para a celebração em homenagem às vítimas pelos seis anos da tragédia e seguiram, semanalmente, a partir de março de 2019.

Assim como a arrecadação de velas, a Tenda funciona como um ponto de arrecadação para outras campanhas promovidas pelas mães em nome da AVTSM. Uma das ações de maior extensão é a Quadrinhos de Amor, que começa antes do inverno e perdura por todos os meses de frio. A ideia é arrecadar novelos de lã para que as mães de vítimas possam tecer quadrinhos que depois são costurados juntos e formam um cobertor. As mantas confeccionadas são doadas para crianças recém-nascidas em um hospital público de Santa Maria. A campanha começou no inverno de 2016 e continua sendo realizada todos os anos, sempre no mesmo período.

Todas as quartas as mães recebem doações não apenas de lãs, mas também de quadrinhos já tricotados e de peças de roupas prontas como casaquinhos, calças, tocas e meias. Com o que é arrecadado as mães montam kits completos de agasalhos para doação. O trabalho é coordenado por Ligiane e conta com a colaboração de outras voluntárias. Dessa forma, as mães passam os dias gelados tricotando roupinhas e quadrinhos, trocando experiências sobre tipos de pontos e de lãs. Para me sentir mais à vontade pedi a Ligiane que

me lembrasse de como tricotar, atividade que havia aprendido quando criança com a minha avó, e passei a fazer quadradinhos de lã.

Como parte do trabalho de campo tomei como hábito fazer anotações em um diário de campo, sobre diversos aspectos observados por meio da convivência com as mães como características de personalidade, variações do estado de humor, relatos sobre as relações familiares além de anotar as manifestações delas a respeito das redes sociais. Algumas opiniões e pensamentos foram expostos de forma espontânea e outros em resposta a meus questionamentos. Conforme Winkin (1998) destaca, ter um diário de campo é importante para que o pesquisador possa extravasar seus sentimentos, possa anotar tudo o que chamar a atenção durante as sessões de observação e também que esse assumo a função reflexiva analítica, a partir da qual será possível observar regularidades e padrões de comportamento com os quais será possível “propor enunciados de natureza generalizante.” (WINKIN, 1998, p.139). Para me aprofundar em pontos mais objetivos também lancei mão da realização de entrevistas individuais. Citando Lago, Fragoso; Recuero e Amaral (2012) alertam para a importância das entrevistas para que o pesquisador possa compreender os sentidos do que observa e possa entender os significados que os indivíduos observados atribuem para as próprias ações.

Dessa forma, uma série de materiais e técnicas foram empregados para obtermos as conclusões apresentadas no capítulo analítico: 1) observação das publicações feitas pelas mães nas redes sociais, entre janeiro e dezembro de 2018, o acompanhamento das postagens foi diário, seguindo o perfil das mães no Facebook. Muitas dessas publicações foram copiadas com o recurso de captura de tela por meio do aplicativo Nimbus Screenshot, extensão do Google Chrome próprio para essa função. Totalizando cerca de 480 publicações copiadas e categorizadas de acordo com o assunto de cada uma; 2) observação participante com as mães nos encontros semanais na Tenda da Vigília, nos quais eu passava as manhãs com as mães tricotando, conversando e tomando chimarrão; 3) anotações no diário de campo as quais são utilizadas em alguns momentos no capítulo de análise quando cito de forma indireta opiniões e frases ditas pelas mães e 4) entrevistas em profundidade gravadas com as mães e transcritas. Trechos delas são citados de forma direta ao longo da análise e estão sinalizados com aspas e fonte em itálico.

Lançando mão dessa gama de recursos e da convivência prolongada com as mães foi possível ter um certo grau de intimidade com elas, o que me permitiu compreender um pouco melhor a personalidade de cada uma, os valores que às mobilizam a se engajar mais ou menos na causa da tragédia e que, conseqüentemente, se refletem em suas práticas de consumo das redes sociais. Com base nessas observações e munida das teorias de abordagem etnográfica,

pretendemos, no próximo capítulo, responder às inquietações que nos moveram ao longo desta pesquisa.

6 “LUTAR NÃO É LOUCURA”: AS EXPERIÊNCIAS DIGITAIS DAS MÃES

Para responder ao nosso problema de pesquisa que consiste em compreender qual o papel das práticas de consumo online exercidas por mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss para criar experiências no cotidiano e reestruturar a vida após a perda trágica dos filhos, a análise foi realizada em três movimentos interdependentes: primeiramente selecionamos semanalmente publicações feitas pelas mães³³, em seus perfis pessoais no Facebook, sobre os mais variados temas, ao longo de todo o ano de 2018. Posteriormente as separamos por categorias para compreender sobre o que as mães estavam falando, ao mesmo tempo em que íamos observando as dinâmicas de interação social realizadas por elas para entender o significado do consumo das redes sociais online. Assim foi possível compreender como as mães vivenciam a perda trágica do filho por meio das experiências digitais.

Percebemos que o consumo das redes sociais, em especial o Facebook, assume uma centralidade na vida das mães, sendo em alguns casos quase que inteiramente ocupadas com assuntos relativos à temática Kiss. Para fins de análise, com referência no aporte teórico acionado neste trabalho, agrupamos as experiências digitais das mães em três categorias baseadas nas práticas de consumo: **práticas de integração e desintegração social** as quais possibilitam que as mães articulem o consumo das diferentes redes sociais online para alcançar seus objetivos, além de criarem códigos de identificação social; **práticas de visibilidade** por meio das quais as mães expõem suas demandas e seguem lutando por justiça, legitimidade e respeito e **práticas de volta ao cotidiano** com as quais as mães buscam meios para reabitar o mundo.

As imagens apresentadas ao longo do capítulo são capturas de telas do Facebook feitas pela autora desta dissertação com autorização das mães.

6.1 PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO E DESINTEGRAÇÃO SOCIAL

O consumo das redes sociais está integrado em um sistema do qual fazem parte diferentes esferas da vida social e cultural. No momento em que as mães exercem práticas de consumo e se colocam na esfera da comunicação, elas também precisam lidar com a mensagem que retorna a elas em um constante movimento cíclico de *feedback*, como destacado por

³³ As imagens foram capturadas com o auxílio da ferramenta Nimbus Screenshot, extensão do Google Chrome para essa finalidade.

Douglas e Isherwood (2004). Ao se apropriarem das redes, as mães passam a criar códigos que possibilitam que as pessoas se identifiquem, ou não, com suas ações.

Castells (2015) alega que as interações sociais em um universo de multimídia se dão no espaço dos fluxos, uma vez que os sites de redes sociais conectam todas as dimensões das experiências das pessoas, entretanto percebemos que algumas experiências vividas pelas mães de vítimas da Boate Kiss são mantidas em uma esfera privada, desconectadas dos espaços de mídia. Nas redes sociais, elas não fazem publicações sobre tratamentos médicos e psicológicos dos quais passaram a ser pacientes. As mães não expõem nas *timelines* os remédios que começaram a utilizar depois da tragédia, como controladores de pressão e antidepressivos e também não relatam os encontros frequentes que têm com psicólogos. A participação delas em rituais religiosos como os realizados em centros espíritas ou de umbanda também não são compartilhados nas redes sociais. Embora esses dois assuntos sejam frequentes entre elas na Tenda da Vigília. Dessa forma, percebemos que as mães fazem a gestão daqueles assuntos que serão exibidos publicamente e daqueles que serão mantidos longe do conhecimento dos amigos nas redes sociais.

Ao observarmos os assuntos que são publicados pelas mães, percebemos que, por meio de perfis pessoais criados em diferentes aplicativos sociais de comunicação, elas gerenciam os níveis de intimidade com os usuário, com práticas específicas em cada site de rede social tendo a possibilidade de decidir como interagir com as pessoas em um constante fluxo de sociabilidade (RECUERO, 2009). Nesse ambiente polimídia elas interagem de acordo com suas demandas em diferentes níveis de maior ou menor privacidade ou número de pessoas (MILLER et al, 2016), ou de agilidade e legitimidade (BRAGA, 2008).

As quatro mães desta pesquisa se relacionam nos ambientes offline por meio das atividades realizadas pela AVTSM especialmente aquelas feitas na Tenda da Vigília onde são centralizadas, além de homenagens aos falecidos, outras ações como arrecadação de objetos para campanhas solidárias, realização de festinhas para crianças por ocasião do Dia das Crianças e do Natal, além de vigílias temáticas como o aniversário de Andrielle, filha de Ligiane e de Dudu, filho de Áurea. As relações que acontecem nos ambientes online e offline, como afirma Braga (2011), acontecem de forma semelhante a um clube em que as envolvidas se utilizam das tecnologias disponíveis a serviço da interação em um sistema de complementariedade das mídias acionadas de acordo com a necessidade das mães em cada ocasião.

Elas consideram como site de rede social o Facebook e o Instagram e os diferenciam ao se referirem ao Whatsapp e ao Messenger utilizados por elas para conversas mais diretas e com

necessidade de respostas imediatas. Em uma dinâmica de sociabilidade escalonável (MILLER et al, 2016) o Whatsapp é o meio mais utilizado para comunicação direta entre elas. Nove mães fazem parte de um grupo chamado “Quadrinhos de Amor”, criado no segundo semestre de 2018, com o propósito inicial de manter o contato entre as mães que participavam da campanha de mesmo nome. Áurea não integra este grupo. Mesmo que a motivação para a criação do grupo tenha sido uma finalidade específica e apesar do término da produção de quadrinhos de lã (que é realizada apenas nos meses de frio) o grupo no Whatsapp se manteve e é utilizado para que as mães troquem mensagens entre elas tanto para combinar atividade quanto para interagirem. Fui incluída neste grupo e pude observar que as mensagens são baseadas em textos de autoajuda, memes de bom dia e de saudade, que muitas vezes também são compartilhados no Facebook e outras com teor mais privado que não aparecem nos perfis pessoais das mães em sites de redes sociais em função dos valores atribuídos coletivamente para as plataformas (SPYER, 2018), o que poderia comprometer a imagem que as mães pretendem manter para fora deste grupo. Para as mães, essa prática de trocar mensagens entre elas desempenha um papel terapêutico, ora como momento de descontração, ora de entretenimento. Cida, por exemplo afirma ler todas as mensagens e memes que recebe, sendo essa uma forma de distração e de esquecer o silêncio que virou a casa onde mora. No Facebook elas costumam compartilhar publicações umas das outras, o que acontece com maior frequência quando o assunto é o luto de mãe, atividades promovidas pela AVTSM e pedidos de justiça no caso da tragédia, objetivos partilhados por todas.

O número de amigos no Facebook que cada uma das mães enfocadas nesta pesquisa varia bastante. Ligiane tem mais de dois mil e 300 seguidores, Cida tem mais de mil e 500, enquanto Áurea tem cerca de 600 e Vanda, menos de 500. A quantidade de amigos com os quais as mães estão conectadas influencia nas interações que elas estabelecem e na criação de espaços sociais de conversação (RECUERO, 2009, 2014). Ligiane conta que passou a receber dezenas de convites de amizade no Facebook após a tragédia e que costumava aceitar todos por acreditar que se tratavam de pessoas que se sensibilizavam pela sua dor, até a filha a advertir de que o interesse dos usuários poderia ser em bisbilhotar a vida da família. A intenção de espionar o Facebook alheio é destacado por Spyer (2018) como uma relação que quebra a confiança, pressuposta no momento do convite para a conexão.

Entretanto devido ao grande número de amigos no site, percebe-se que Ligiane costuma ter maior número de curtidas, comentários e compartilhamento de suas publicações, fazendo com que ela tenha maior visibilidade e popularidade, assim como mantenha alta a reputação e a autoridade (RECUERO, 2009) que estão relacionadas à confiança na pessoa e no poder de

influência e na capacidade de gerar conversação. Ela afirma que a maioria dos comentários feitos em suas publicações é de pessoas de outras cidades, muitas que ela nem conhece pessoalmente, mas que se solidarizam com ela. Quase nunca as interações partem de familiares. Além disso, Ligiane acredita que, ao dar o exemplo, consiga influenciar outras mães a fazerem publicações no Facebook especialmente nos dias 27. Conta que antes outras mães não costumavam compartilhar assuntos sobre a Kiss, mas que tem acompanhado nas *timelines* delas que passaram a falar dos filhos e da tragédia nesse dia todos os meses.

Percebe-se que os valores cultivados no online e no offline são mutuamente influentes. Ligiane é considerada por outras pessoas como a “chefe da Vigília”, uma vez que é a única mãe que participa das atividades todas as quartas-feiras, é sempre a primeira a chegar e a última a sair sendo a responsável, junto com o marido, pela montagem, organização e desmontagem do espaço. Ela também faz as publicações de convite para participação e depois com relatos do dia, que costumam ser compartilhadas por outros usuários. Essas práticas de domínio sob as atividades, o envolvimento constante e o engajamento com a documentação das ações contribuem para legitimar suas publicações, especialmente àquelas em que pede justiça e fazer com que sejam compartilhadas por outras pessoas. Para Ligiane, cultivar esses valores online contribui para o bem-estar dela, uma vez que se considera valorizada e respeitada em sua dor e sua luta ao ver que suas publicações recebem curtidas e comentários “*eu acho que isso fortalece. As pessoas estão se dando ao trabalho de ler*” (Ligiane). Assim percebe-se que a prática de cultivar amigos no Facebook varia de acordo com a importância que cada mãe dá à rede social e às interações possíveis por meio dela.

Por meio de práticas de consumo do Facebook, as mães criam elementos de integração ou desintegração social (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004). No momento em que as mães colocam em seus perfis pessoais, imagens e referências relacionadas à tragédia, como fotos de capa e de perfil, tarjas temáticas, *hashtags*, elas expõem de forma bem explícita seus valores e propósitos o que facilita a identificação com outras pessoas que compartilham os mesmos ideais ou sentimentos. Essa é uma forma de fazer com que aqueles que compartilham dos mesmos sentimentos possam se integrar à causa delas, aumentando o grupo de apoiadores, da mesma forma que afasta os que não compactuam com as ações das mães, levando a uma desintegração social e evitando atritos sociais. Percebe-se que a mesma dinâmica de temáticas relacionadas à Kiss também se aplica a outros assuntos como a política.

Em 2018, o Brasil e o Rio Grande do Sul passaram por um processo eleitoral conturbado que polarizou opiniões fortemente expressadas nas redes sociais. Durante a disputa do segundo turno, como candidatas à presidência estavam Fernando Haddad (PT) político filiado ao partido

envolvido em escândalos de corrupção no país e o candidato Jair Bolsonaro (PSL) político com 27 anos de carreira pública no Rio de Janeiro, sem aprovação de projetos em benefício social e com opiniões preconceituosas a respeito de minorias como mulheres, pessoas de classe popular, negros e comunidade LGBT. Para o cargo de governador concorreram Eduardo Leite (PSDB) político com 27 anos de idade, que foi prefeito de Pelotas, uma das maiores cidade do Estado e o então candidato a reeleição José Ivo Sartori (PMDB) que nos quatro anos à frente do governo estadual, parcelou o salário dos funcionários públicos, extinguiu fundações estaduais e colocou no cargo de Secretário de Segurança Pública, Cezar Schirmer, prefeito de Santa Maria em janeiro de 2013, quando a Boate Kiss incendiou.

Muitas das postagens feitas pelas mães citavam diretamente nomes de políticos, entretanto outras podem ser consideradas indiretas ou criptografadas. Por mais que a intenção não fosse “se esconder em plena luz do dia” (SPYER, 2018), a ideia era tentar atenuar os efeitos das mensagens, uma vez que sabem da pluralidade de opiniões que circula nas redes sociais e das possíveis tensões entre aqueles que pensam diferente. Dependendo da situação e do nível de alfabetismo digital dos usuários, algumas mensagens nem chegassem a ser compreendidas de fato. Na Figura 6, Vanda compartilha uma charge para se referir a um episódio em que Bolsonaro repreende publicamente o filho, que também é político, por aparecer em um vídeo falando sobre a facilidade de uma intervenção militar no Supremo Tribunal Federal, o que só era possível de ser compreendido por aqueles que estavam a par do contexto e das últimas notícias.

O mesmo fato também levou Áurea a fazer uma publicação em referência à democracia (Figura 7), sem citar o fato, nem os envolvidos, ela compartilha uma postagem para incentivar a reflexão sobre as consequências da volta de um regime ditatorial no país. Segundo ela, como professora sempre trabalhou a favor dos direitos dos cidadãos e, por isso, sente a obrigação de combater formas de violação dos mesmos.

Em algumas publicações, o atual contexto brasileiro é diretamente associado à tragédia da Boate Kiss, uma forma de mostrar que as consequências das escolhas políticas que são feitas pelos cidadãos, impactam na vida de todas as pessoas. Cida compartilha a imagem com uma bandeira do Brasil suja de sangue com dizeres em referência aos mortos na tragédia (Figura 8).

Figura 6 – Charge com mensagem criptografada compartilhada por Vanda.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Figura 7 – Publicação sobre democracia feita por Áurea.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Figura 8 – Publicação sobre política feita por Cida.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Ligiane compartilha uma figura, publicada originalmente pela página Kiss: Que não se repita, na qual o candidato a governador do Estado aparece acompanhado de Cezar Schirmer e há uma mensagem de repúdio aos dois (Figura 9), relacionando a tragédia com as figuras políticas e a má gestão administrativa dos mesmos. Dessa forma as práticas online das mães demonstram que a política não está distante dos cidadãos, mas sim que afeta o cotidiano de todos e que é percebida quando tragédias acontecem e quem deveria defender os direitos das vítimas é omissivo ou corrupto. A sensação de desamparo social sentido por elas, foi compartilhado por milhares de brasileiros em 2013 e nos anos que se seguiram até o ano eleitoral de 2018. Assim as mães lutam para que a tragédia da Boate Kiss não seja vista como mais uma entre tantas outras que acabam sem resolução, em um país em que a corrupção foi naturalizada a ponto de invisibilizar a falta de justiça na morte de 242 pessoas. A mudança que supostamente se espera é feita também pelos cidadãos comuns que escolhem os governantes, por isso o esforço delas em denunciar as falhas daqueles com os quais não concordam com a conduta e apresentar seus representantes para que sejam vistos por seus amigos no Facebook.

Ainda na Figura 9, se pode observar que o comentário feito por uma amiga de Ligiane revela uma prática que se tornou comum nas redes sociais durante as eleições o de excluir amigos dos sites de rede social, ela escreve “teve gente que me criticou porque eu estava contra o pobre Sartori expliquei mostrei a verdade e mesmo assim ficaram de mau exclui das minhas redes sociais não preciso desse tipo de gente na minha volta”. Ligiane me contou que “fez uma limpa” nos seus amigos do Facebook, com alguns desfez a amizade e com outros deixou de seguir para não ver as publicações. Segundo ela, uma forma de evitar o contato com opiniões e conteúdos que a desagradavam. O mesmo costuma fazer Cida que afirma excluir principalmente aquelas pessoas que postam algo de teor religioso que a desagrada.

Figura 9 – Publicação de Ligiane sobre política no Facebook.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Ao se acionar os mecanismos de exclusão de amigos, ou acionar as ferramentas de interação para expressar emoções, que são utilizadas pelo Facebook com valores mercadológicos para direcionar conteúdo (RODRIGUES, José, 2018), as usuárias colaboram para restringir seu círculo de convivência dificultando o livre acesso às informações. Se por um lado a capacidade de gerir os amigos no Facebook colabora para evitar tensões e desentendimentos, por outro contribui para a criação de uma bolha de filtros (PARISER, 2012) que reduz a capacidade cidadã e favorece o direcionamento e a modulação do comportamento dos usuários (LANIER, 2018).

Por suas práticas de desintegração no Facebook, as mães criam um ambiente no qual elas estão relativamente protegidas das opiniões divergentes das suas. O contato com a realidade acontece fora dos perfis pessoais. Na Figura 10, vemos uma publicação do jornal Diário de Santa Maria sobre a pintura temática da Kiss feita em um viaduto do centro da cidade. Foram mais de 900 reações e 76 compartilhamentos, entre os 54 comentários pode-se perceber muitos repudiando a ação “(...) pouco mais de um mês após pintarem da cor original, já está cheio de desenhos mal feitos (que chamam de arte) e agora mais essa dos nomes... o povo gosta de viver na sujeira mesmo. (...)”, associando a questões religiosas “Pobres Almas. Nunca poderão descansar. (...)” e políticas, bem como às atividades da AVTSM para perpetuar a memória dos falecidos “Desde 2013, o centro de Santa Maria virou um mausoléu a céu aberto”. Porém outras pessoas argumentam a favor da iniciativa e solidárias à dor dos familiares “Vocês falam isso por que não perderam nenhum filho lá, queria ver se tivessem perdido e tivessem que conviver com a impunidade, os culpados soltos vivendo suas vidas felizes! (...)” ou “(...) A dor das famílias não vai diminuir, mas com certeza vai ajudar a seguir em frente lutando por justiça. (...)”.

A notícia publicada pelo jornal criou um espaço social (RECUERO, 2014) para a população debater o assunto, por meio da possibilidade de comentar a publicação, os usuários da rede apresentam suas opiniões e estabelecem uma conversa a partir de seus pontos de vista, aos quais as mães das vítimas têm acesso. Segundo Ligiane, a dinâmica de interações entre os usuários permite, na maioria dos casos, que ela não precise se envolver na discussão, pois se sente representada por aqueles que defendem a homenagem às vítimas.

Figura 10 – Recortes de publicação na página do Diário de Santa Maria.

Diário de Santa Maria
25 de novembro às 23:01

Trabalho feito por acadêmicos de Artes Visuais será concluído no próximo sábado



DIARIOSM.COM.BR
Nomes das 242 vítimas da Kiss são escritos em viaduto no Centro

543 54 comentários 76 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Mais antigos

Ver comentários anteriores 1/2 de 5

... Lhe minha pequena saudades!

Curtir Responder 3 d 5

... 🙄

Curtir Responder 3 d

... O POVO GOSTA DE VIVER NA SUJEIRA MESMO...
MÊS PASSADO ALGUNS AMIGOS FORAM LÁ APAGAR (PAGANDO DO PRÓPRIO BOLSO) A SUJEIRA QUE OS ESQUERDISTAS BADERNEIROS PICHARAM LÁ NO DIA DO #ELENÃO.
PINTARAM DA COR ORIGINAL. JÁ QUE A PREFEITURA NÃO SE PRESTA A APAGAR AS PICHACOES
HOJE, POUCO MAIS DE UM MÊS APÓS PINTAREM DA COR ORIGINAL, JÁ ESTÁ CHEIO DE DESENHOS MAL FEITOS (QUE CHAMAM DE ARTE) E AGORA MAIS ESSA DOS NOMES...
O POVO GOSTA DE VIVER NO MEIO DA SUJEIRA MESMO. NÃO PODE VER NENHUMA PAREDE LIMPA QUE JÁ QUER IR LÁ "GRAFITAR", ACHANDO QUE VIVE EM ALGUM BAIRRO DO SUBÚRBO DE NOVA IORQUE...

Curtir Responder 2 d Editado 35

39 Respostas

- ... Pobres Almas. Nunca poderão descansar. Sempre estão inventando alguma coisa para as pessoas ficarem lembrando o nome delas 😞
Onde já se viu??? Escrever o nome de pessoas que já morreram em um túnel onde passa Milhares de Carros, Motos, Ônibus, entre outros meios de transporte todos os dias 😞
- Curtir Responder 2 d 25
- 4 Respostas
- ... EU HEIN...
Ainda bem que não preciso passar por ali. Imagina só... Ver mais
- Curtir Responder 2 d 16
- 9 Respostas
- ... DESDE 2013, O CENTRO DE SANTA MARIA VIROU UM MAUSOLÉU A CÉU ABERTO 😞
- Curtir Responder 2 d 5
- 2 Respostas
- ... Vocês falam isso por que não perderam nenhum filho lá, queria ver se tivessem perdido e tivessem que conviver com a impunidade, os culpados soltos vivendo suas vidas felizes! Tem que homenagear sim, todos os dias, o resto da vida! Quando a gente perde alguém que ama e ainda mais de uma maneira tão triste, toda homenagem traz um pouco de consolo pro coração!
- Curtir Responder 2 d 49
- 6 Respostas
- ... Eita, olha os filhotes de Dória na cidade. Prefere tudo cinza.
Meus queridos, se vocês não entendem, se recolham à suas respectivas insignificâncias.
Os nomes estão ali para não serem esquecidos, já se passaram CINCO anos e nada foi feito. A dor das famílias não vai diminuir, mas com certeza vai ajudar a seguir em frente, lutando por justiça. Mas com certeza são contra pq não querem ver o povo ter voz...
- Curtir Responder 2 d 19

Fonte: captura de tela feita pela autora.

Porém ao mesmo tempo em que elas podem ter acesso às opiniões dos usuários da rede em situações em que a publicação alcança uma diversidade de público, em seus espaços particulares – seus perfis pessoais – elas dificilmente têm contato com sentimentos hostis. As quatro mães compartilharam em suas linhas do tempo notícias sobre o mesmo tema, mas não despertaram reações adversas de seus seguidores, como se vê na publicação de Ligiane (Figura 11) que recebe apenas um comentário em concordância com a ação.

Figura 11 – Publicação de Ligiane sobre pintura em homenagem às vítimas.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

O contato com outras realidades acontece também na Tenda da Vigília onde as mães estão vulneráveis a qualquer pessoa que queira se fazer ouvir. Pude presenciar, inúmeras vezes, pessoas que adentraram o espaço para falar mal dos jovens mortos, supor teorias religiosas para a tragédia e sugerir formas para as mães “deixarem os filhos descansar” e “superarem a perda”. Episódios que as levam a temer por reações mais extremas como revela Ligiane durante conversa com outra mãe, elas demonstraram ter medo de que alguém armado entrasse na Tenda e atirasse contra os que estivessem ali.

Dessa forma percebe-se que, por meio de suas práticas digitais, elas possibilitam uma desintegração social, ou seja, a emissão de mensagens que levam a um afastamento daqueles que não compartilham de seus propósitos. As mães criam um ambiente protegido dentro das bolhas de filtros da internet em seus perfis pessoais, nos quais outras pessoas não ousam invadir para desqualificar suas dores, ou agredi-las verbalmente. Elas conseguem fazer com que seus perfis pessoais, ainda que públicos dentro de uma lógica de visibilidade do Facebook, tenham uma certa privacidade gerada a partir de suas formas de consumo da plataforma.

Entretanto o mesmo sistema que às protege, pode reduzir o alcance das publicações feitas por elas, diminuindo a visibilidade que gostariam de dar à temática devido à economia dos meios sociais online e os cálculos algorítmicos (VAN DIJCK, 2016).

6.2 PRÁTICAS DE VISIBILIDADE

A compreensão do contexto no qual as plataformas são utilizadas é essencial para compreender as práticas de consumo dos indivíduos que se orientam por códigos culturais, bem como objetivos diferentes (CAMPANELLA; BARROS, 2016). Ao pensarmos nas mães analisadas neste trabalho, percebemos que elas fazem parte de uma realidade política na qual a falta de justiça e o esquecimento coletivo de tragédias e mortes fazem com que elas precisem ter ações autônomas para lutar contra a invisibilidade ocupando os espaços públicos de diferentes maneiras.

No que tange à materialidade do contexto digital (MILLER; HORST, 2015) e o acesso às mídias sociais, as quatro mães enfocadas nesta dissertação têm acesso à internet e às redes sociais por meio do próprio *smartphone* e para cada plataforma utilizada atribuem sentidos (CASTRO, 2014) diversos para as suas práticas online. Por mais que elas nem sempre tenham disponibilidade de se conectar à internet 4G, por falta de créditos no celular, em casa ou em outros lugares elas acessam às plataformas sociais por meio de redes wifi. Um dos motivos que faz com que poucas vezes conteúdos sejam publicados ao mesmo tempo em que estão acontecendo. Entretanto a viabilidade no acesso, pelo relativo baixo custo, e a arquitetura da rede (BENKLER, 2006) fazem com que elas possam colocar conteúdos em circulação por meio de postagens e compartilhamentos. Assim suas práticas criam uma esfera pública em rede na qual têm a possibilidade de se incluir no fluxo de informação sem prescindir de outras pessoas.

Mesmo que as mães não se vejam como produtoras de notícias sobre a Kiss, mas sim experienciem o Facebook como uma espécie de diário, no qual elas podem relatar suas angústias e pensamentos, o site é entendido por elas como um espaço de exposição, no qual o

conteúdo das publicações pode ser visto por qualquer usuário da rede. Dessa forma suas práticas online levam em consideração o alcance dessas publicações. E é justamente a consciência dessa abrangência que leva às mães a refletirem sobre suas próprias publicações, chegando a não se manifestarem sobre determinado assunto por medo das opiniões contrárias especialmente daquelas pessoas que são significativas para elas, como alguns amigos e familiares. Percebe-se que, ainda que a ideia de internet corporificada seja naturalizada, ou seja, acessar a internet não é compreendida como uma experiência de fuga do próprio corpo (HINE, 2015, 2016), essa percepção ainda é difusa em alguns momentos. Vanda disse:

Quando estou "brigando" por justiça sou outra pessoa. Não meço esforços, nem palavras. Nas redes sociais sou mais discreta possível. Imagina se eu fosse explicitar tudo que penso sobre determinado assunto ou pessoa. Já estaria presa. (Vanda)

Para ela as ações de luta por justiça nas ruas fazem com que tenha um comportamento mais expansivo que seria justificado pela situação de mãe que perdeu a filha, mas ela demonstra acreditar que suas práticas nos ambientes online poderiam ter maior alcance e assim mais consequências e, portanto, age de forma diferente em cada ambiente.

No caso das mães de vítimas da Kiss, em um primeiro momento o Facebook foi tomado como ferramenta de mobilização por ações protagonizadas e endossadas por moradores de Santa Maria (SILVA; BRIGNOL, 2018) para pedir paz e justiça no caso da tragédia. Mas pouco tempo depois o apoio se dissipou. As mães, porém, constituíram seus perfis pessoais na mesma plataforma como ambientes nos quais têm legitimidade para reclamar sua dor. Por mais que não sejam ambientes dedicados exclusivamente a falar sobre os filhos mortos, ao se manifestarem sobre o luto e a relação com a tragédia elas criaram espaços para falar de si e também para expor suas reivindicações e demandas (FARIA; LERNER, 2018).

Na Figura 12, Cida explicita qual o significado de um filho na vida de uma mãe, destacando a centralidade na vida de uma mulher “são nossa razão de viver, e são o nosso amor maior”. Já Ligiane (Figura 13) reafirma a ideia popular de que a morte de uma filha é a pior coisa que pode acontecer a uma mãe. As publicações colaboram para que as mães sejam percebidas no topo da “hierarquia da dor” (PEIXOTO, 2014) no momento em que colocam os filhos no topo da hierarquia de amor materno.

Figura 12 – Publicação de Cida sobre amor materno.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Figura 13 – Publicação de Ligiane sobre a dor da perda.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Essas mulheres, ao se colocarem na posição de mães enlutadas que sofrem com a dor da perda, utilizam o Facebook como ferramenta para ampliar suas vozes, uma vez que acreditam no amplo alcance do que é publicado ali, de modo que aproveitam para mandar recados, ainda que de forma indireta (SPYER, 2018), como nas publicações em que convidam a uma reflexão

sobre o lugar do outro em um pedido de empatia numa tentativa de resistência à indiferença (Figura 14).

Figura 14 – Publicações feitas pelas mães em seus perfis pessoais pedindo empatia.



Fonte: capturas de tela feitas pela autora.

Mesmo diante do pedido de “coragem para se colocar no lugar do outro” feito por Ligiane, vemos o comentário de uma amiga, em resposta à publicação, com um texto, que parece ter sido copiado de outro lugar, que reproduz a ideia do imperativo da felicidade, do pensamento positivo como solução para todos os problemas e depositando na pessoa toda a

responsabilidade pelos próprios sentimentos, “seja leve. Releve. Ignore o que precisa ser ignorado. (...) Não gaste seu tempo tentando convencer os outros a aceitar os seus próprios pontos de vista.” A resposta da amiga pode demonstrar um nível de analfabetismo digital (SPYER, 2018) pela falta de capacidade para compreender a própria mensagem ou a inadequação do espaço para a publicação. Nem a própria Ligiane curtiu a resposta. Ela conta que não gosta quando comentam nas publicações que ela “tem que ser forte”, porque a impõe uma exigência que nem sempre ela consegue atender.

Outra ameaça a ordem social é a presença de pessoas que tem comportamentos destoantes. As mães de vítimas da Kiss não escapam do estereótipo de loucura que com frequência acomete àquelas que saem do espaço doméstico para ocupar o espaço público (GONÇALVEZ, 2012) com suas reivindicações e sua dor. Na Figura 15, Ligiane compartilha um texto no qual explica que uma mãe fica louca depois da morte de um filho e por consequência passa também a apresentar “sintomas de insanidade” ao falar o tempo todo do próprio filho e a se preocupar com o filho de outras, que recebem “receitas” como “chás e livros e simpatias” para que se curem. O texto que não é de autoria dela, mas copiado de outra mãe, “*porque a dor de uma mãe que perde o filho é a mesma coisa. Tudo que tá escrito ali é a mesma coisa, é tudo o que eu passo hoje*” (Ligiane). Ligiane usa a ideia de loucura para justificar seu sofrimento e suas atitudes, além de se ancorar na ideia de uma condição compartilhada por outras mães.

Figura 15 – Texto sobre loucura compartilhado por Ligiane.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Passados mais de seis anos da tragédia, as mães percebem um esforço coletivo cada vez maior para que elas parem de falar no assunto. Segundo Ligiane, já foram convidadas, sutilmente, por empresários a se retirarem da Praça Saldanha Marinho, por meio do oferecimento de uma sala exclusiva para que elas fizessem vigília, dentro de um edifício, portanto “*longe das vistas das pessoas*” (Ligiane). Elas precisam lidar com olhares de desaprovação, narizes torcidos e até discursos de pessoas que entram na Tenda para desqualificar o trabalho das mães. Para mostrar que não são loucas porque, apesar do tempo, ainda lutam por justiça elas utilizam o Facebook para repetir constantemente que “lutar não é loucura”, mas sim uma forma de resistência, como ilustrado na Figura 16. A mesma frase está impressa em um banner exposto na Tenda nos dias de vigília.

Figura 16 – Publicações das mães em seus perfis pessoais repudiando a associação da luta com loucura.



Fonte: capturas de tela feitas pela autora.

A “loucura” está também no ato de falar repetidamente dos filhos falecidos o que para muita gente soa como uma constante lembrança da efemeridade da vida e que, portanto, quebra

o contrato tácito de todos serem felizes. As mães afirmam que no Facebook todos se fazem parecer felizes, mas que ao encontrar pessoalmente alguns indivíduos a imagem da internet nem sempre corresponde à realidade. Mesmo assim, elas são cobradas a demonstrar felicidade para se adequarem ao que é exigido pela sociedade. Dessa forma elas se esforçam para justificar os motivos pelos quais ainda estão tristes e ainda sofrem. Na Figura 17, estão duas publicações em que Cida fala sobre o luto permanente em que vive e o impacto nas emoções após a morte do filho. Ela desabafa “*tenho saudade do que eu vivi e saudade do que eu não vivi, do que poderia ter sido a nossa vida*” (Cida).

Figura 17 – Publicações de Cida sobre luto.



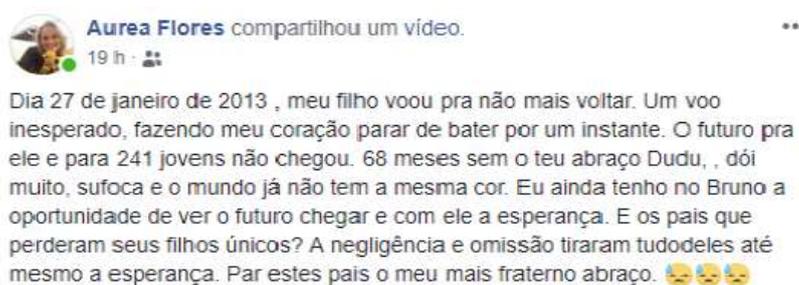
Fonte: capturas de tela feitas pela autora.

Ao se relacionar a dor da perda com a imagem da mãe se quer levar a uma associação óbvia de sofrimento, capaz de despertar em algumas pessoas o sentimento de solidariedade (FREITAS, 2002). Uma vez que a imagem social de maternidade está ligada a uma “função nobre”, uma vocação, um trabalho quase de “santa mulher” (BADINTER, 1985) e que nossas emoções são educadas por instituições como família, escola e mídia a respeitar a figura das mães (FREIRE FILHO, 2017), reforçar esses estereótipos contribui para justificar a transformação de mães sofredoras em mães guerreiras no momento em que elas tomam a morte

dos filhos como bandeira de luta (BRITES; FONSECA, 2013) e vão às ruas gritar e lutar. Vanda diz que o sentimento de injustiça e de vontade de outras mães não passem pelo mesmo sofrimento as motiva. “*Por isso que a gente grita, por isso que a gente chora, se revolta, por isso que a gente se abraça e se une.*” (Vanda).

O emprego da linguagem do corpo é outra prática das mães no espaço público para expressar suas emoções, sendo essa adotada não de forma intencional, mas para tentar descrever uma sensação que é, em sua essência, indescritível. Áurea escreve em um texto dedicado ao filho, publicado no Facebook dia 27 de setembro (Figura 18): “27 de janeiro de 2013, o dia em que meu coração parou de bater por alguns segundos. Hoje sou um coração pela metade (...) dói muito, sufoca e o mundo já não tem a mesma cor”. Ao dizer que o coração parou, que está partido, que sente dor e quase não consegue respirar ela é capaz de produzir sensações que podem ser sentidas, ou pelo menos imaginadas por aquele que lerem a mensagem. Ao corporificar as emoções (SIQUEIRA; VÍCTORA, 2017) as mães tentam demonstrar a intensidade do impacto causado pela perda, numa tentativa de que o pedido de justiça não seja confundido com o de vingança. O corpo também é utilizado para falar sobre o vínculo que uma mãe tem com o filho, quando tentam explicar o amor materno conectado com o ato de gerar e de amamentar.

Figura 18 – Publicação de Áurea sobre a perda do filho.



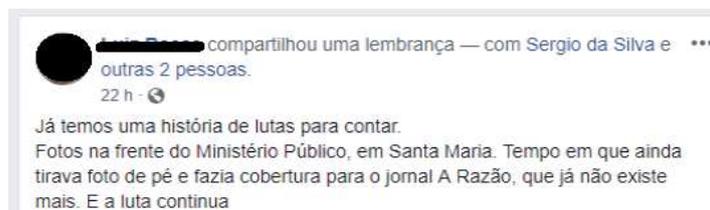
Fonte: captura de tela feita pela autora.

A ideia de separação de funções sociais de acordo com o gênero (SCAVONE, 2001) é assumida pelas próprias mães e também encarada como elemento propulsor das atitudes realizadas por elas. Áurea faz referência a outros seres vivos e cita vídeos que ela compartilhou no Facebook sobre filhotes de vaca e de elefante sendo defendidos pelo que aparentemente seriam suas mães e diz “*a mãe é um exemplo de ser guerreiro, né. Ela briga, ela luta, ela faz tudo que puder pela cria. Tanto nós quanto as que tu vê no reino animal*” (Áurea). Comparação

semelhante feita por Ligiane “*quando alguém mexe com o filho da leoa o que ela faz? Defende! Eu só estou fazendo o meu papel de mãe, agora se quer me chamar de guerreira, sou indiferente. Eu só sou uma mãe que tá lutando pela memória da filha.*” (Ligiane).

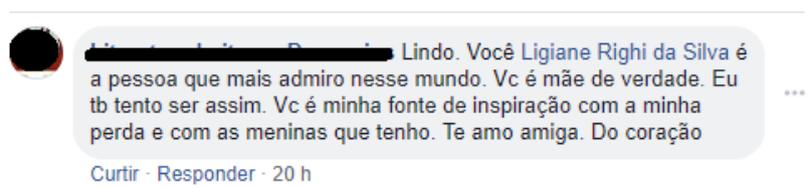
Por mais que não seja a intenção delas serem vistas como guerreiras, suas práticas levam a formação dessa ideia naqueles que às acompanham. Na Figura 19, um amigo de Ligiane destaca o caráter lutador assumido por ela ao longo dos anos à frente do caso Kiss. Na Figura 20, a amiga que a chama de “mãe de verdade” e afirma ser “fonte de inspiração com a minha perda”, na Figura 21, a usuária a menciona como “querida guerreira”. Os três trechos mostram que Ligiane é tomada como referência de mãe e de lutadora capaz de motivar outras pessoas.

Figura 19 – Publicação feita por amigo no perfil de Ligiane.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Figura 20 – Comentário de amiga em publicação de Ligiane.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Figura 21 – Publicação de amiga de Ligiane direcionado a ela.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Apesar de afirmarem não se importar com os adjetivos recebidos, elas acreditam que por meio de suas ações podem servir como motivação para outras mães.

Eu vejo as mães Kiss como uma coisa forte, que as pessoas respeitam. Não é pena, eu não vejo pena, ah! coitadinha das mães Kiss, mas eu vejo as pessoas que chegam até mim e dizem, eu admiro vocês, a força que vocês têm. Se fosse comigo eu não conseguiria lutar, não conseguiria fazer metade do que vocês fazem. Acho que somos um exemplo para outras mães, que perdem seus filhos da maneira que seja. (Cida)

A ideia de serem conhecidas como Mães Kiss, não as agrada muito, mas alegam que aceitam serem chamadas assim para que possam ser relacionadas com a causa pela qual lutam. Mesmo com a existência do movimento Mães de Janeiro, o nome não é amplamente utilizado nem por elas, nem em referência ao grupo.

Assim como elas hoje servem de modelo para outras pessoas, elas veem as Mães da Praça de Mayo como exemplos de luta e persistência. Em novembro de 2014, as mães de vítimas do incêndio de Santa Maria participaram do Simpósio Internacional sobre Tragédias Evitáveis em Casas Noturnas³⁴, realizado em Buenos Aires, organizado por familiares argentinos em memória aos dez anos da tragédia na boate Republica de Cromañón. Na ocasião Nora Cortiñas, atual presidente do Movimento Mães da Praça de Mayo, participou de uma mesa redonda e falou para as mães, o que marcou Ligiane “*ela dizia: não desistam, não desistam, lutem até o fim, não desistam, porque eu estou aqui e até hoje eu espero meu filho chegar (...) sejam fortes, sejam mães.*” (Ligiane).

Percebe-se assim que as mães apesar de apresentarem estratégias distintas de apropriação da plataforma, mantêm uma imagem em comum das mães de vítimas que lutam por justiça no caso da tragédia. Essas mães consomem o Facebook para legitimar seu lugar de sofrimento, seu lugar de fala e seu de direito a sofrer. Ao reforçar o posicionamento na “hierarquia da dor” (PEIXOTO, 2014), com publicações relacionadas ao sofrimento da perda de um filho sob a perspectiva de uma mãe, elas corroboram para despertar o sentimento de solidariedade por aqueles que conseguem se colocar no lugar delas, e para os que não conseguem elas utilizam a plataforma para pedir por compreensão.

Percebe-se também que elas deixam claro que a tristeza da mãe enlutada nunca acaba, que é reforçada pela falta de justiça que impossibilita a elaboração do luto (OLIVEIRA-CRUZ, 2018) o qual apenas se modifica com o tempo e impulsiona ações de busca por justiça, memória e mudança social.

³⁴ Disponível em: < <http://www.masfm887.com/2014/09/simposio-internacional-sobre-tragedias-evitables-en-el-anbito-de-la-seguridad-a-10-anos-de-cogmanon/>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

Ainda pensando como uma prática de visibilidade, as mães ocupam os espaços públicos como forma de resistência na luta por justiça e memória que são dois objetivos explícitos delas ao consumirem o Facebook. A partir do momento em que os órgãos e os entes públicos que as deveriam, antes proteger e depois defender, como secretários municipais, prefeito, bombeiros e Ministério Público se eximiram de suas responsabilidades, ou as cumpriu de forma insatisfatória, elas passaram a ver na figura do Estado o responsável pelo atual sofrimento em que se encontram (VIANNA; FARIAS, 2011) e utilizar as redes sociais para denunciar o que elas acreditam se tratar de um descaso com as famílias dos mortos. Cida afirma que luta porque acredita que mesmo que os quatro réus sejam presos, a justiça ainda não será feita *“a gente sabe que no poder público, no funcionalismo tem mais gente culpada, responsáveis e simplesmente foram blindados. É essa parte que me corrói, que quando eu penso eu me revolto.”* (Cida).

Ao perceberem que teriam que empreender esforços por conta própria para alcançar seus objetivos, subverteram uma ordem social levando a maternidade e todo seu simbolismo de casa para a rua (VIANNA; FARIA, 2011). Dessa forma elas acionaram seus lugares de fala (BRITES; FONSECA, 2013) em nome das mães de vítimas, para lutar por todas, assim como fizeram outras mães que perderam os filhos de forma violenta em diferentes situações. Ao transformar a dor da perda do filho em bandeira de luta, elas passam à condição de mães sujeitos políticos.

O *slogan* do Movimento do Luto à Luta *“meu partido é um coração partido”* explicita o teor político da mobilização em que os ideais que elas defendem não estão ligados a questões partidária, mas sim à dor de ter um coração machucado pela perda dos filhos e pela falta de justiça. A frase que estampa camisetas é vestida por familiares de vítimas e explicitada nas publicações nas redes sociais, como na Figura 22, que mostra uma postagem feita por Ligiane. Ao levantar uma bandeira em nome de uma causa, ela se apresenta politicamente, se propõe a falar pelas mães, pais, sobreviventes e todos aqueles que estiverem de acordo com os propósitos da batalha.

Figura 22 – Foto da camiseta do Movimento Do Luto à Luta publicada por Ligiane.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Antes da tragédia, as quatro mães enfocadas nesta pesquisa nunca tinham dado entrevista. Áurea e Vanda costumavam se envolver em pequenos protestos, esta por mais recursos para a escola de alunos especiais onde a filha mais velha estuda e aquela por melhorias na educação pública. Ligiane organizava ações sociais dentro da paróquia do bairro e Cida reprovava o comportamento de pessoas que saíam às ruas gritando. As quatro, pouco usavam o Facebook. Entretanto essa condição mudou no momento em que se viram como vítimas (DAS, 1996) de uma tragédia que tirou brutalmente a vida de seus filhos. Elas viram como única possibilidade lutar por justiça. Dessa forma, participaram desde o início das mobilizações e foram ativamente atuantes nas associações e movimentos organizados pelos familiares. As quatro eram constantemente assediadas pela mídia para participarem de reportagens e outras produções com diferentes finalidades editoriais, pois além de dar depoimentos coerentes ainda o faziam com emoção.

O envolvimento com essas atividades fez com que elas desenvolvessem o que Vianna e Faria (2011, p.87) descrevem como “domínio crescente de códigos de conduta e de elaboração de estratégias para se fazer ouvir”. Além de estabelecerem um estreito vínculo com os veículos tradicionais de comunicação da cidade o que favorece um circuito sistemático de realimentação midiática. Ao mesmo tempo em que elas estão sempre disponíveis para entrevistas sobre o assunto para os veículos tradicionais que abordam notícias pontuais sobre a tragédia, como as campanhas sociais, atos de vandalismos na Tenda, ou aniversário anual da tragédia, a presença

das mães na mídia reforça a imagem delas apresentando seus propósitos, suas antigas e novas mobilizações.

Durante as manifestações, as mulheres se deram conta de que eram mais respeitadas do que os homens. Tanto no Ministério Público, quando as Mães de Janeiro se reuniam com promotores para cobrar justiça, quanto em ocasiões mais recentes. Ligiane conta que em 2017, um grupo de familiares foi até à Assembleia Legislativa Estadual, em Porto Alegre, arrecadar verbas para a construção do Memorial e perceberam que os deputados eram frios quando abordados pelos pais, mas mudavam de comportamento quando as mães falavam com eles. “*É diferente a receptividade, é só tu dizer eu sou mãe, perdi minha filha na Kiss, muda. Tu vê pelo rosto, a expressão.*” (Ligiane).

Se num primeiro momento após a tragédia, o Facebook foi tomado como ferramenta de mobilização por ações protagonizadas e apoiadas por moradores de Santa Maria (SILVA; BRIGNOL, 2018) para pedir paz e justiça no caso da tragédia, logo em seguida muito do apoio engajado de terceiros se dissipou, ficando para as mães o papel de buscar formas de chamar a atenção para a causa, pondo em prática as habilidades e estratégias comunicativas desenvolvidas por elas ao lidarem com a mídia tradicional.

A busca por visibilidade das mães, também é experienciada na forma de luta por memória. Por meio de marcadores de rituais operados por meio de bens materiais (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004), os familiares ocupam a Tenda da Vigília todo o dia 27 de cada mês, como parte de um ritual estabelecido para definir publicamente o significado daquele espaço, assim como as mães o fazem também nas quartas-feiras. A prática de divulgação das atividades realizadas na Tenda é feita por meio das redes sociais com publicações no Facebook com o intuito de dar visibilidade as ações pontuais, mas que estão ligadas a uma causa maior, a luta por justiça e memória da tragédia. Todas as semanas, Ligiane publica em seu perfil pessoal convites para que as pessoas participem das vigílias e depois compartilha fotos das atividades realizadas no dia, essa prática faz parte da rotina dela de utilização da plataforma (HINE, 2015). A exemplo da Figura 23, Ligiane convida para que os amigos do Facebook participem da Vigília em memória aos 65 meses da tragédia, dia 27 de junho. Na publicação, Ligiane marca pessoas que frequentam a Vigília. Vanda e Cida compartilharam a postagem. Também à mensagem, ela acrescenta uma figura e um sentimento “se sentindo de coração partido”. Esses elementos evidenciam o que Miller e Horst (2015) chama de materialidade do conteúdo digital, que são empregados para chamar atenção do que é publicado atendendo à lógica de funcionamento da plataforma.

Figura 23 – Convite para vigília dos 65 meses da tragédia publicado por Ligiane.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Como marco temporal se atualiza a contagem dos meses que se passaram sem que a justiça tenha sido feita sendo compartilhado pelas mães em seus perfis no Facebook, a exemplo do que faz Áurea na Figura 24. A cada dia 27, as quatro mães fazem publicações sobre a Kiss em seus perfis pessoais. Em setembro, por exemplo, Áurea fez seis publicações na sua *timeline*, uma sobre a Kiss. Cida postou oito vezes, duas sobre a tragédia. Vanda fez 17 postagens, sendo oito sobre o incêndio e Ligiane das sete publicações, seis foram relacionadas à tragédia. Elas consideram importante usar a data como referência para lembrar a tragédia nos ambientes online e também na Tenda da Vigília onde passam o dia.

Figura 24 – Notícia compartilhada por Áurea compartilha com contagem de meses transcorridos da tragédia.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Em setembro, as mães realizaram vigílias diárias para arrecadar brinquedos para a Festa das Crianças que seria promovida no mês seguinte, em virtude do Dia das Crianças. Na ocasião foi produzida uma reportagem televisiva³⁵ pela equipe da RBS TV Santa Maria, afiliada local da Rede Globo, explicando e convidando a população a contribuir com a campanha. Na chamada da reportagem, a apresentadora utiliza como mote o aniversário de mês da tragédia, mas o destaque é para o trabalho feito pelos familiares como forma de dar novo significado ao acontecimento. O repórter apresenta a Tenda da Vigília como sendo “o local que se tornou espaço de conversas, orações e busca por justiça para que a tragédia não seja esquecida, é o ponto pra comunidade doar”. Vanda e Cida dão entrevista para explicar a campanha. Cida fala da alegria de ver as crianças fazendo festa ao ganhar um presente e destaca o sentimento das mães das vítimas do incêndio, “*e pra nós, ameniza a nossa dor*”. Nesse momento, as duas mães aparecem abraçadas demonstrando afetividade e apoio (Figura 25).

³⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/santa-maria/v/familiares-de-vitimas-da-kiss-usam-trabalho-voluntario-para-tentar-ressignificar-tragedia/7048851/>>. Acesso em: 9 nov. 2018.

Figura 25 – Frame da reportagem sobre a campanha de arrecadação de brinquedos na qual aparecem Vanda e Cida.



Fonte: captura de tela do site G1 feita pela autora.

Durante aquela tarde, pude presenciar dezenas de pessoas que foram até a Tenda levar doações para a campanha e o brinquedo mais doado foi a bola, conforme havia pedido Vanda na reportagem, fato que dá ideia da dimensão do impacto que tem a presença delas na mídia tradicional, ajudando a reforçar as ações, em geral, divulgadas unicamente pelo Facebook.

Na reportagem também foi recuperado o caso judicial ainda sem definição, passados cinco anos e oito meses da tragédia. Entretanto para falar sobre o processo quem dá entrevista é um pai, presidente da Associação de Familiares e Sobreviventes da Tragédia o que reforça a percepção do lugar de fala das mães como ocupando o espaço relativo às emoções e às ações sociais. Ligiane afirma que quando se trata de dar entrevista, prefere falar sobre o amor materno e deixar para o marido (vice-presidente da AVTSM) as questões burocráticas.

Ao lutarem por justiça, as mães acreditam que não estão fazendo isso apenas por elas, mas sim pelos familiares de todos os 242 mortos. Uma forma de mostrar que a luta não é exclusiva em busca de propósitos individuais, mas sim de todos aqueles que foram afetados pela tragédia e envolver a coletividade em um clamor por justiça (BRITES; FONSECA, 2013) é a utilização de *hashtags* como #justiça, #paranaoesquecer, #paranãorepetir, #BoateKiss242, #KissQueNãoSeRepita. Nos sites de redes sociais, essas marcas são símbolos de uma unidade temática e servem para que demais usuários possam se identificar com a mensagem e também reproduzi-la. Elas também empregam *hashtags* como #Kiss68meses e #Kiss5anos9meses para

dar a dimensão do tempo transcorrido sem que a justiça tenha sido feita. Por mais que não exista um padrão na escrita das *hashtags* publicadas, ou seja, cada uma coloca da maneira que percebe como sendo mais apropriada, observa-se a repetição das mesmas temáticas (justiça, memória, tempo, vítimas) e estando sempre presentes nas publicações relacionadas à justiça e à memória, como na Figura 26 em que Ligiane atualiza a foto de capa de seu perfil em função dos cinco anos da tragédia e escreve #kissquenaoserepita.

Figura 26 – Atualização do perfil por Ligiane em função dos cinco anos da tragédia.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

A busca por visibilidade é apontada como uma das principais motivações das mães para o consumo do Facebook. Para Vanda, se a plataforma fosse extinta ela afirma que “*começaria do zero: cartas via correio, cartazes, e-mail, outdoor, fumaça... Faria o que fosse possível para ser ouvida ou vista para que a justiça fosse feita.*” (Vanda). Além da luta por justiça, as mães apontam a relevância do Facebook para a nova configuração de vida e os projetos empreendidos após a perda dos filhos. Ligiane afirma que:

faria falta nas campanhas dos Quadrinhos de Amor para arrecadação de lãs (teria que fazer de outra forma para divulgar), para as festas das Crianças no dia 12/10 e Natal. Não ia mais ler palavras de incentivo à nossa luta. (...) Perderia a forma que encontrei de viver meu luto. Uso muito o Facebook para escrever sobre a perda da minha filha, sobre a minha ressignificação de viver. (Ligiane)

Áurea também aponta prejuízos para a divulgação das ações da Rede Dudu Bem “*se não existisse outra ferramenta, partiria para panfletagem, jornal, conversa, marcaria encontro por telefone. Igual a rede [Facebook]. Um passa para o outro. Criaria um grupo para trocas*

de ideias e ações” (Áurea). As duas, entretanto apontam como um aspecto positivo, que talvez as pessoas seriam forçadas a se encontrar mais pessoalmente. Já Cida afirma que simplesmente ficaria chateada sem a rede social.

6.3 PRÁTICAS DE VOLTA AO COTIDIANO

A morte de um filho quebra o que culturalmente é aceito como ciclo natural da vida, em que os mais velhos, portanto os pais, seriam os primeiros a morrer. Os jovens ainda cheios de objetivos e projetos pensados por eles e para eles quando partem resultam no que Elias (2001) chama de morte sem sentido, aquela que desestabiliza um arranjo familiar estruturado, destruindo não somente a vida de quem se foi, mas arruinando expectativas e alegrias daqueles que ficaram. A morte por causa externa, que não se pode controlar é explicada por José Rodrigues (2006) como anormal e inaceitável, assim como é vista pelas mães de vítimas da Kiss a morte de seus filhos. Por mais que elas tentem buscar explicações, esbarram nas ordens estruturais criadas para a compreensão do mundo, mas que se desfazem no momento da perda e forçam as mães a repensarem suas categorias de vida.

A gente vai percebendo que não existe regra. Nós que criamos, para poder facilitar a nossa vida. Aí quando acontece isso a gente não tá preparado, porque ah! é a lei natural. Quem disse? Não é lei natural pra nós, Jesus nunca disse! Tanto que ele morreu antes que a mãe dele. A gente que vai se iludindo, construindo isso. (Áurea).

O que as mães de vítimas da Boate Kiss vivenciaram com a morte dos filhos é o que Das (1996) chama de “evento crítico”, aquele que desestabiliza o mundo e tira as referências do que se tinha como certo e como justo. “*Eu era uma pessoa até o dia 25 [de janeiro de 2013], agora eu sou outra*”, afirma Ligiane. Áurea diz: “*uma coisa dessas desconstrói com tudo aquilo que tu acreditava*.”. Buscar reestruturar a vida depois da perda do filho é parte do processo de vivência do luto que é proibido de ser expressado em muitos espaços, visto como um assunto interdito e uma ameaça à felicidade coletiva (ÁRIES, 2017, RODRIGUES, José, 2006) que parece estar muito mais evidente nos sites de redes sociais. Assim alguns espaços específicos passam a ser experienciados como legítimos para que se possa falar livremente da morte sem que se sofra recriminações de outros usuários (NEGRINI, 2010). Vanda compartilha uma mensagem e destaca que “*nada será como antes!*” (Figura 27).

Figura 27 – Publicação de Vanda sobre a vida depois da Kiss.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Vanda conta que não existe superação na morte de uma filha, mas que depois de cinco anos ela superou a dificuldade em falar da morte da jovem. Mesmo tendo participado de protestos, manifestações e entrevistas contando sobre a tragédia e as lembranças da filha, ela alega que “*não pensava que a Vitória estava morta*”. Ao ir em uma cerimônia fúnebre no mesmo cemitério onde a filha estava enterrada teve o “*choque de realidade, quase surtei*”, mas aprendeu a falar na morte da filha. Brites e Fonseca (2013) pontuam que contar a sua história é parte importante no processo de luto. Lacerda (2018) afirma que ao romper a barreira do silêncio criada pela brutalidade e violência do fato, no caso após a morte dos filhos e a impunidade dos culpados, se vai ao espaço público falar sobre a tragédia e tornar coletiva o que antes era particular.

Pela dimensão do incêndio da Boate Kiss não se pode considerar que em algum momento tenha sido um caso particular. Com a morte de 242 pessoas, dezenas de familiares partilharam o sentimento de dor criando uma “comunidade moral” (DAS, 1996) daqueles que sofrem que foi estendida a outros segmentos da sociedade. Três mães de vítimas do incêndio da Cromañón se deslocaram de Buenos Aires, na Argentina, até Santa Maria para dar apoio aos familiares de vítimas da Kiss³⁶, centenas de santa-marienses se mobilizaram em solidariedade

³⁶ Disponível em: < <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/02/maes-de-tragedia-argentina-chegam-santa-maria-para-apoiar-familiares.html>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

às famílias logo após a tragédia. Além disso, um grupo de familiares de vítimas assumiu as tarefas de representar os interesses das demais mães, pais e sobreviventes. Algumas dessas pessoas seguem até hoje unidas pelo sentimento de injustiça e de vontade de mudar essa realidade, passando a constituir o que eles chamam de “nova família”.

Entretanto com o passar dos anos, o esforço em silenciar os familiares e apagar as marcas da tragédia tem sido tão constante e intenso que o consumo do Facebook pelas mães hoje se revela como um esforço para fazer com que o fato não deixe de ser coletivo e passe a ser tratado como uma dor individual. Por mais que essa “comunidade moral” tenha reduzido de tamanho passados poucos meses da tragédia, uma vez que nem todos conseguem vivenciar em seus corpos (DAS, 1996) a dor de mães e pais que ainda sofrem a perda dos filhos, as mães insistem em tornar visível sua dor no espaço público tanto presencial quanto digitalmente.

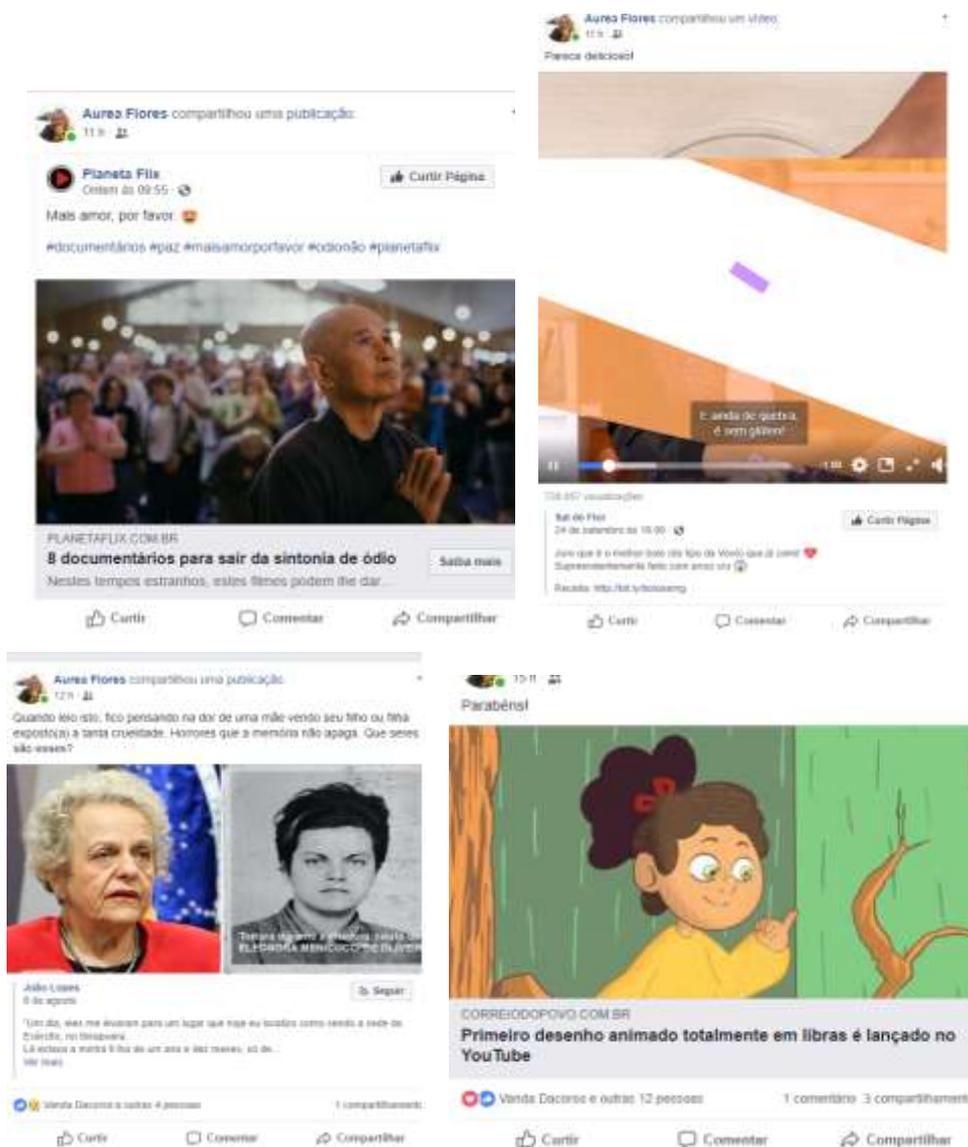
Após o evento crítico e de uma suspensão temporária das atividades de rotina, cada mãe precisa buscar formas de “descer ao cotidiano” (DAS, 2011). Sendo a linguagem uma forma de reificar um sentimento em forma de testemunhos da própria história e os sites de redes sociais espaços para a criação de narrativas, percebe-se que as mães passam a construir uma nova forma de habitar o mundo e de demonstrar sua presença no espaço público, sendo ele online nos sites de redes sociais, ou offline na Tenda da Vigília. Assim o conteúdo de suas postagens está carregado com o conhecimento da tragédia e da impunidade, que é demonstrado de forma sutil, mas sempre presente, de forma a frustrar a expectativa social de superação do luto como forma de protesto.

Ao publicarem frases, textos, memes e imagens sobre determinados temas, prática comum nos sites de redes sociais, as mães as fazem sobre a influência daquela dor que, como elas afirmam jamais será superada. Os conteúdos publicados por elas, passam a ter um teor terapêutico, que remetem a um trabalho de autoajuda. Ligiane publicou no dia 23 de janeiro de 2018 a frase: “Porque as coisas mais importantes da vida não são coisas.” Apesar de não ter nenhuma referência explícita sobre a morte da filha, ao conhecer o contexto no qual a publicação foi feita é possível compreender a quem ela se refere. Ligiane conta que tem o Facebook como um diário, no qual pode expressar seus sentimentos e se sentir mais aliviada, tendo incorporado a prática como parte do processo de assimilação do luto, como foi constatado pelo seu psicólogo e relatado em outros casos de mães enlutadas (FARIA; LERNER, 2018, PERLUXO, 2015, FRIZZO, 2015, FARIA, 2017).

Percebe-se que o ambiente online está incorporado (HINE, 2015) às práticas cotidianas, ao observarmos uma sequência de publicações feitas em um dia na linha do tempo pelas mães. Notamos que ela segue uma variação de temáticas remetendo a uma alteração constante de

estado de espírito, humor, pensamentos, comportamento que não foge à normalidade, uma vez que, ao longo do dia experimentamos diversos sentimentos e sensações. Na Figura 28, mostramos uma série de publicações feitas por Áurea no dia 27 de setembro. Ela sugere documentários para serem assistidos, compartilha uma receita de bolo, em seguida uma publicação que fala sobre torturadas durante a ditadura brasileira inserindo comentários sobre a perspectiva de uma mãe. Seguem as publicações com temáticas variadas, até a última em que ela escreve sobre a saudade do filho falecido. As publicações estão em concordância com sua personalidade e tem uma temática variada de acordo com o passar do dia demonstrando que a plataforma online está incorporada aos seus pensamentos.

Figura 28 – Recortes da linha do tempo de Áurea no dia 27 de setembro.



19 h

Dia 27 de janeiro de 2013, meu filho voou pra não mais voltar. Um voo inesperado, fazendo meu coração parar de bater por um instante. O futuro que ele e para 241 jovens não chegou. 66 meses sem o teu abraço Dudu, dói muito, soffoca e o mundo já não tem a mesma cor. Tu ainda leito no fundo a oportunidade de ver o futuro chegar e com ele a esperança. E os pais que perderam seus filhos únicos? A negligência e omissão tiraram tudo deles até mesmo a esperança. Foi estes pais o meu mais fraterno abraço 🙏🙏🙏



13.563.210 visualizações

Dicas Extras 19 de novembro de 2017 Curtir Página

32 9 comentários 1 compartilhamento

Titular Comentar Compartilhar

Querida Aures Flores, queria escrever muitas coisas para confortar teu coração mas sei que nada fará passar esta dor imensa... Continue firme com seus trabalhos, voltados aos meus favorecidos. Todo esse amor dedicado a eles retorna a ti, seus familiares, amigos em forma de bênçãos, e ao teu Anjo Dudu muito paz e luz. Um grande abraço carregado de ESPERANÇA 🙏🙏🙏

Curtir Responder 19 h

Aures Flores Oi minha prima sei das suas lutas pois nossos filhos partiram tão cedo e marcados pela violência omissão decaço... acabamos nos aproximando pela dor, quem diria. Tuas palavras e teu carinho são exemplos pra mim. Deus continue te dando forças para estar sempre conosco. Embora longa sempre perto do coração. Bjs

Curtir Responder 19 h

Aures Flores 🙏🙏

Curtir Responder 19 h

Estava indo responder

Compreendo tua saudade! Um dia se encontrarão na eternidade. Um forte abraço... Ver mais

Curtir Responder 19 h

Um grande beijo ao meu coração!

Curtir Responder 19 h

Sempre contigo 🙏🙏

Curtir Responder 17 h

Razo pelo Dudu, pelos jovens que partiram e por vocês mães, pais, avós que ficaram com essa lacuna de dor e saudade. O que torna esta ausência mais difícil é saber que as pessoas que foram responsáveis pela tragédia continuam impunes. A caridade que vocês fazem certamente está iluminando ainda mais o teu filho amado

Curtir Responder 17 h

Tia Aures... sei bem o que você sente lá uma dor uma saudade muito grande... que penso que nunca vai passar... Uma vontade de dar aquele abraço, um carinho. Deus me deu a Cecília que é minha alegria de todos os dias, mas sempre falta alguém pra felicidade ser completa... E o amor de cada filho é único. Foi tão boa aquela conversa so nossa. Estou sempre aqui com você. Bjs

Curtir Responder 16 h

Aures Flores respondeu · 1 resposta

Curtir Responder 16 h

Fonte: captura de tela feita pela autora.

A nova configuração de vida dessas mulheres afetou sua relação com outros temas. Em 2018, assuntos relativos à política tomaram conta das redes sociais, as quatro mães analisadas nesta publicação se envolveram de diversas maneiras em manifestações nas ruas e nas redes sociais, como já mostrado anteriormente. Uma semana antes da votação para segundo turno (entre os dias 21 e 27 de outubro), acompanhei, contabilizei e analisei as publicações das mães. Áurea fez cem publicações em seu perfil pessoal, dez delas sobre política, a maioria se posicionando indiretamente, falando sobre as divergências ideológicas dela com o candidato do PSL, quanto a situação estadual, em nenhum momento ela se posicionou online. Ela afirma que faz questão de lutar pelo que acredita, pois depois da morte do filho *“as injustiças passaram a gritar dentro de mim. A omissão e o descaso com as pessoas me incomodam muito mais hoje.”*. Áurea e Ligiane participaram da mobilização nas ruas de Santa Maria, organizada via redes sociais, da campanha #EleNão³⁷ que teve protestos em todo o país.

Cida também viu na própria dor uma motivação para demonstrar publicamente seu posicionamento político especialmente a respeito de figuras públicas estaduais. Na Figura 29, ela aparece segurando um cartaz utilizado pelos familiares para protestar contra Cezar Schirmer que estava em Santa Maria, no dia 27 de setembro, em campanha para o candidato a governador do Estado Ivo Sartori. Para ela, Schirmer representa todo o sofrimento por qual ela tem passado desde a morte do filho e o descaso com o qual é tratado o caso na justiça. Ao protestar contra o político e também publicar em sua rede social, Cida faz questão de se posicionar, de forma explícita (SPYER, 2018) em oposição a alguém que, para ela, é símbolo da injustiça ligada à Boate Kiss. Essa também é uma forma de mostrar fidelidade aos seus propósitos e resistência, indo de encontro aos anseios políticos e empresariais da cidade que muito logo passaram a operar uma dinâmica de esquecimento da tragédia. (TOMAIM, 2018).

Ligiane também se envolveu em outros protestos pedindo justiça em casos como do menino Bernardo e da Isadora (nota de rodapé no perfil de Ligiane, no capítulo 2). Ela afirma que percebeu depois de perder Andrielle que *“tive que lutar e ainda luto pela injustiça não consigo ficar calada e esperar que aconteça a mudança. Temos que nos posicionar sempre no que acreditamos.”*(Ligiane).

³⁷ Disponível em: <<https://diariosm.com.br/not%C3%ADcias/protesto-contrabolsonaro-re%C3%BAnmanifestantes-em-santa-maria-1.2098078>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

Figura 29 – Foto publicada por Cida de protesto contra o político Cezar Schirmer.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Os sites de redes sociais online também servem para que as mães possam se envolver em novos projetos de vida. Um deles está relacionado com as dinâmicas familiares. A tragédia teve o poder de romper laços, mas também foi capaz de estabelecer novos (DAS, 2011). Publicações indiretas (SPYER, 2018) são feitas sem endereçamento preciso, como no caso da Figura 30 em que Ligiane escreve aos “familiares” e “amigos, sem citar nomes, que “não vou parar de postar fotos dela e não vou deixar de falar nela é a forma que encontrei de viver meu luto.” E ainda deixa claro que “Graças a Deus que colocou muitos “Anjos” na minha vidam que me apoiam e me dão forças pra viver!” em referência a nova família por ela constituída.

Figura 30 – Mensagem com indireta publicada por Ligiane.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Ao mesmo tempo, o Facebook oportuniza que a nova família seja apresentada e valorizada. Como na publicação de Cida em que, no dia 29 de janeiro de 2018, ela compartilha uma foto junto de outras quatro mães que também perderam os filhos na tragédia com a legenda “Apesar da dor ganhei amigas mais que amigas amo VCS”. Ou Áurea que, no dia 13 de junho de 2018, compartilhou uma comemoração de amizade no Facebook, com outra mãe de vítima com a legenda “Amizade que veio através da dor e infinitamente permanece pelo amor. Bjo amiga.”.

Essa nova família é agora formada não mais por vínculos tradicionais de relação consanguínea, mas sim pela partilha de sentimentos e objetivos em uma busca pelo bem comum, origem epistemológica da palavra comunicação, destacada por Paiva (2012). As mídias sociais possibilitam a criação de “comunidades morais” (DAS, 1996), ou como afirmam Paiva, Malebra e Custódio (2013) de “comunidades afetivas”. Por meio das narrativas criadas pelas mães, se possibilita a transmissão dos sentimentos para outras pessoas capazes de se solidarizar com a dor de outros corpos. Indivíduos são sensibilizados e, mesmo que sem dividir espaços físicos ou experiências, compartilham sentimentos. Como na Figura 31, em que uma seguidora de Ligiane, faz um desabafo em apoio a situação. Ela diz que se sentiu muito mal após saber da tragédia, mesmo sem conhecer nenhum dos envolvidos. Ela diz: “(...) sou de São Bernardo do Campo/SP Eu apenas me colocava no lugar dos familiares dos sobreviventes (...)”, demonstrando uma ligação pelo “sensório” e pelo afeto (PAIVA, GABBAY, 2017). Segundo

Ligiane, a maioria das pessoas que demonstram solidariedade a sua dor, não fazem parte da família de sangue, sendo um grupo grande que ela nem conhece pessoalmente.

Figura 31 – Comentário de uma amiga em uma publicação de Ligiane.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Outro novo objetivo de vida para as mães é o de manutenção da memória da tragédia. As quatro mães têm concepções diferentes do que seria justiça no caso da Kiss, mas todas concordam que a tragédia não deve ser esquecida e precisa servir como exemplo. Como afirma Ligiane, “*o brasileiro esquece muito rápido, ele banaliza a morte*”. Ainda que as publicações feitas por elas tenham alcance limitado ao Feed de Notícias de seus amigos nas redes sociais online, em função das dinâmicas de funcionamento das mesmas, e que são rapidamente substituídas por outras feitas por elas mesmas ou demais usuários, as mães acreditam estar desempenhando um trabalho de construção da memória. Ainda que Assmann (2011) alegue que as mídias digitais, por seu caráter efêmero, não possibilitem a criação de uma memória cultural, as mães acreditam que estão colaborando para fixar o caso na memória social.

As mães se posicionam como “guardiãs” da memória dos filhos (FARIA; LERNER, 2018). Elas constituem uma memória da tragédia não pela repetição do fato em si, mas sim pela contínua recordação daqueles que, por causa dela, não estão mais presentes e pela lembrança de que ninguém foi responsabilizado pelo incêndio. Talvez as redes sociais por si não possam

servir de “lugar de memória” (NORA, 1993), assim como o documentário “Janeiro 27” e o livro “Todo dia a mesma noite”, mas com a insistência e o esforço das mães possam colaborar para que a tragédia não seja esquecida.

Entretanto se observarmos a linha do tempo no perfil de Ligiane, seria possível considerar que ela criou um “espaço de memória”, uma vez que a apresentação de seu perfil e a maioria das publicações estão relacionadas com a tragédia. Como exemplo, podemos citar o mês de janeiro de 2018, quando das 309 publicações feitas por ela, apenas 13 não tinham ligação com a Kiss. A ideia de “assumir uma dívida com os mortos” (TOMAIM, 2018, p.338), foi levada ao pé da letra por Ligiane. Ela afirma ter como missão, fazer com que a morte da filha e das amigas que estavam com ela na Boate não sejam esquecidas, um juramento que fez a jovem momentos antes de vê-la pela última vez já dentro do caixão. Com frequência ela publica no Facebook que “A melhor homenagem que posso fazer para minha filha Andrielle é não deixar de lutar”.

A manutenção da memória traz a reboque, além da justiça o propósito de mudança social. Não basta que a tragédia seja lembrada, mas também que não seja repetida para que as mortes não tenham sido em vão. Associado a isto está a ideia de que a morte coletiva de 242 pessoas teria um motivo maior, assim os familiares passam a empreender um projeto de transformação, criando novos significados para a tragédia. Na Figura 32, Áurea compartilha a programação das atividades organizadas pelas AVTSM, previstas para lembrar os cinco anos do incêndio, realizadas na semana do dia 27 de janeiro de 2018, que tem como destaque o apelo para que casos semelhantes não aconteçam novamente, em uma demonstração de preocupação para que a sociedade não volte a ser infringida por esse sofrimento que ainda faz parte da vida deles. Esse projeto em criar valor cívico (SHIRKY, 2011) de mudança social se configura também como um novo propósito na vida das mães, uma nova forma de habitar o mundo (DAS, 1996) e uma motivação para a qual elas consomem as redes sociais online e se mantenham atuantes nos espaços públicos.

As quatro mães abordadas aqui querem não apenas a responsabilização dos culpados, mas principalmente que outras mães não passem o mesmo sofrimento que elas. Acreditam que alguns avanços já foram feitos, como a criação da Lei Kiss, mas que muito ainda precisa ser feito. O esforço delas é para que Santa Maria seja lembrada, não como a cidade da tragédia, mas a cidade exemplo de prevenção e segurança. A cidade que aprendeu com a morte de seus moradores e com a dor daqueles que ficaram. As mães acreditam que o Memorial vai servir ao objetivo não só de homenagem e respeito às vítimas, mas também para que outras gerações, novos estudantes que venham para Santa Maria possam conhecer o passado trágico que vitimou

jovens como eles, para que possam desenvolver a consciência de que também são responsáveis pela própria vida e que tem o direito e o dever de se divertirem com segurança.

Figura 32 – Publicação de Áurea sobre atividades da AVTSM nos cinco anos da tragédia.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

A vontade das mães em criar um valor cívico e transformar a sociedade (SHIRKY, 2011) também é percebida no desenvolvimento de campanhas beneficentes. Ao promover ações de arrecadação de brinquedos, doces, alimentos, novelos de lã e roupinhas que são doados a famílias carentes essas mulheres estão utilizando a própria condição como motivação de mudança. Ligiane escreve nas publicações “Transformando dor em solidariedade”, segundo ela uma forma de dar significado adicional à presença delas na praça central de Santa Maria, com resultados que vão beneficiar outras pessoas. Outra forma de criar valor cívico é quando elas apresentam como sendo um dos propósitos de luta a não repetição da tragédia. A agregação de novos propósitos à busca por justiça e memória, como a realização de campanhas sociais e projetos de mudança social, colaboram para a permanência (FARIA; LERNER, 2018) do movimento de mães e tornam coletivas as lutas do grupo.

As atividades que constituem novas ocupações e novos propósitos encontrados pelas mães e pais de vítimas também são um meio para levar o nome e a memória dos filhos adiante (FRIZZO, 2015, FREITAS; MICHEL, 2014). São exemplos desses projetos as campanhas, realizadas pela AVTSM e operacionalizadas pelas mães de vítimas, Quadrinhos de Amor,

Festa de Dia das Crianças, Natal das Crianças. Ou as campanhas promovidas por familiares de forma individual, como Áurea e o marido por meio da Rede Dudu Bem. As redes sociais tornam possível a divulgação das ações e a adesão da comunidade, além de funcionarem como um meio de prestação de contas. Na Figura 33, Áurea agradece a colaboração das pessoas que doaram dinheiro para a compra de cobertores para moradores de rua. Ela diz que em menos de dois dias conseguiram um montante para comprar o dobro de peças que tinham como objetivo inicial. Por meio da Rede Dudu Bem, Áurea também organiza outras ações, como a coleta de alimentos no dia do aniversário do filho. Para ela, essa é uma forma de, além de ajudar quem precisa, já que os mantimentos são doados para famílias carentes, também de manter por perto os amigos de Dudu que costumam ir até a Tenda da Vigília (ponto de arrecadação) para levar as doações e abraçar ela e o marido.

Figura 33 – Publicação de Áurea agradecendo o sucesso da campanha de arrecadação de cobertores.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Ligiane também faz questão de publicar sobre as doações recebidas e a destinação das mesmas. Na Figura 34, ela compartilha uma reportagem publicada pelo jornal Diário de Santa

Maria que noticiou a entrega das doações de roupas de tricô para recém-nascidos de uma maternidade pública de Santa Maria. Ela já havia feito outras publicações sobre a entrega das doações, mas compartilhar a notícia publicada por um veículo de comunicação conhecido na cidade é uma forma de ampliar a credibilidade e legitimar a ação desenvolvida pelas mães.

Figura 34 – Notícia compartilhada por Ligiane sobre campanha Quadrinhos de Amor.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Ao mesmo tempo em que as mães encontram uma nova ocupação e uma forma de celebrar a memória dos filhos, elas agregam um significado para a presença delas na Tenda da Vigília. Elas estão ali não só para lutar por justiça e memória, mas também para ajudar outras pessoas.

Sob a perspectiva de construção de valores por meio do compartilhamento de Shirky (2011), as mães de vítimas também realizam outras práticas online. Por meio do compartilhamento pessoal em seus perfis no Facebook estão constantemente produzindo base de dados com fotos, imagens e textos relativos à Kiss que podem ser utilizados por outros usuários. O compartilhamento comum, aquele que tem como objetivo trocar informações e experiências em benefício do grupo, acontece principalmente no Whatsapp onde elas trocam saberes específicos como pontos de tricô ou modelos de roupas. Entretanto a troca de informações para a construção de conhecimento fica restrito a elas, não permitindo que outras

peças se beneficiem com ele, exceto pelo produto final, como exemplo a nova roupinha tecida com o ponto recém descoberto.

Outra prática de consumo online das mães de vítimas da Boate Kiss é a apropriação dos sites de redes sociais para mediar a comunicação com os filhos. Na Figura 35, Áurea conversa com Dudu como se ele pudesse responder aos seus questionamentos e marca na publicação o perfil do filho que segue ativo na rede social. Mesmo não obtendo respostas materializadas, ela consegue exteriorizar um sentimento, por meio de um comportamento habitual de mãe, de perguntar como o filho está. Áurea diz que a “saudades sufoca” e por isso precisa achar meios para conversar com o filho e expressar o que sente “*é uma forma de eu me sentir com ele perto, porque saudades de uma mãe com o filho, eu acho que não tem coisa pior.*”, um esforço empreendido por ela na tentativa de levar a vida de volta para um estado de equilíbrio anterior à perda (MELO, 2016). Na publicação, por mais que não possa ser respondida pelo filho, a quem a mensagem foi direcionada, ao revelar sua tristeza, Áurea recebe o apoio de outras pessoas que por meio de comentários completam o circuito de uma comunicação a qual pressupões pelo menos dois integrantes (MELO, 2016). Ler essas mensagens é uma forma de alívio para a dor.

Figura 35 – Publicação de Áurea direcionada ao filho.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

As postagens também passam a servir como uma forma de recordar do filho e de continuar demonstrando orgulho. Independentemente da ação do tempo, para as mães é impossível projetar um futuro sem a presença do filho, mesmo que essa presença esteja apenas na memória. Na Figura 36, Áurea compartilha uma notícia que fala sobre um projeto desenvolvido por Dudu, que tinha como objetivo ajudar pessoas com limitações motoras. Ela diz que essas são as lembranças que o filho deixou e que seguir compartilhando-as é uma forma de manter o filho vivo.

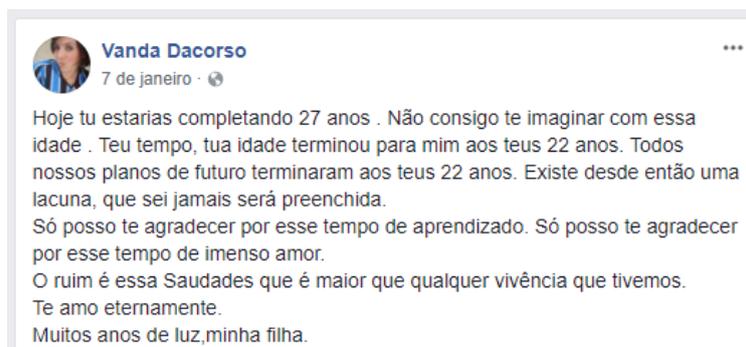
Figura 36 – Notícia compartilhada por Áurea sobre projeto do qual o filho fazia parte.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Em um texto reflexivo sobre como seria a vida da filha se não tivesse sido interrompida pela tragédia (Figura 37), Vanda estabelece uma conversa com Vitória em um exercício de pensar sobre as próprias emoções (BOUSSO, 2014), de imaginar um futuro não vivido e de expressar o amor pela filha. Na impossibilidade de estar fisicamente com a jovem, ela utiliza o Facebook para lembrar a data em que estaria fazendo aniversário.

Figura 37 – Publicação de Vanda direcionada à filha.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

Desde 2014, Ligiane passou a realizar festas de aniversário para Andrielle na Tenda da Vigília. No dia 24 de janeiro, ela organiza uma mesa com pertences da filha o tênis All Star preferido, um ursinho com camiseta do Grêmio, o violão e o presente que ela ganhou das amigas no Natal de 2012, uma latinha personalizada com uma garrafa de cerveja dentro, “que ela não teve tempo de tomar”, além de fotos. Os objetos expostos por Ligiane na data especial colaboram para a manutenção da imagem da filha com aquelas características que ela tinha de mais marcante que a fazem original e insubstituível (MILLER, 2013). A atividade é divulgada nas redes sociais e, no dia, ela recebe dezenas de amigos que vão até a Tenda para abraça-la e entregar singelos presentes.

A Tenda da Vigília também é o local, por excelência, para falar sobre os filhos mortos e a dor da perda. Elas citam características físicas e psicológicas, lembram de situações cotidianas anteriores à tragédia. Como também acontece no Facebook, os tempos verbais são muitas vezes trocados, ora as mães se referem aos filhos no presente, como se os jovens ainda estivessem vivos, ora no passado, conscientes da separação física o que revela a dificuldade em construir uma narrativa que assimile a atual condição de vida. A Tenda se apresenta assim como um espaço terapêutico (PEIXOTO, 2014) que contribui para a vivência do luto. Além de um conforto compartilhado entre as mães de vítimas do incêndio, o local é visto como esteio para outras mães enlutadas, que vão até lá para contar suas histórias, falar de seus filhos e trocar experiências com as Mães Kiss.

Na tentativa de estabelecer uma comunicação de qualquer natureza com os filhos, outras ferramentas disponibilizadas pelo Facebook são apropriadas pelas mães como forma de mediar uma comunicação. Na Figura 38, Cida participa de um teste de adivinhação, por meio de um

aplicativo disponibilizado pelo site, no qual recebe uma mensagem apresentada como “de uma pessoa amada que está no céu”.

Figura 38 – Mensagem recebida por Cida por meio de um jogo do Facebook.



Fonte: captura de tela feita pela autora.

O mesmo aplicativo é utilizado por Áurea que também compartilha a mensagem em seu perfil no Facebook. Por mais que elas saibam que os aplicativos promovem interações fantasiosas, utilizá-los é uma forma de se sentirem mais próximas dos filhos. A transferência para o Facebook da mediação da comunicação com os jovens vem também de uma crença comum às quatro mães de que irão reencontrá-los em uma outra condição espiritual após a morte delas.

Após a análise apresentada ao longo do capítulo, podemos perceber que dentre as redes sociais, o Facebook assume uma centralidade na vida das mães passando a ser extremamente relevante como espaço constituído para lidar com a perda dos filhos, adquirindo significados a partir dos quais elas encontram meios para agir e articular diferentes esferas de suas novas vidas. A partir da observação das práticas exercidas pelas mães, embora estejam interligadas, identificamos três eixos nos quais elas podem ser agrupadas de acordo com esses significados.

As **práticas de integração e desintegração social** são evidenciadas quando elas se apropriam das redes sociais online, acionando as ferramentas disponibilizadas para criar mecanismos de aproximação e também de proteção. No momento em que as mães explicitam

o envolvimento com a Kiss, por meio de tarjas, frases, ou figuras, em seus perfis pessoais, elas estabelecem códigos com os quais as pessoas podem se identificar. Ao mesmo tempo em que suas práticas, de curtir, comentar ou excluir amigos, por exemplo, colaboram com os algoritmos das redes sociais na criação de bolhas de filtros, dentro das quais elas ficam protegidas de *haters*, como são chamados os usuários que postam comentários de ódio, ou críticas sem argumentos. Assim as redes sociais significam a possibilidade de proteção por meio da possibilidade de construir, manter ou desfazer vínculos sociais.

As **práticas de visibilidade** são acionadas, especialmente no Facebook, quando elas fazem publicações sobre amor de mãe, luto e as dores da perda para buscar legitimidade do lugar de fala, para buscarem a aprovação do outro para terem o direito de viver o luto da forma que acharem mais conveniente e serem respeitadas por isso. Ao compartilharem textos e frases sobre loucura elas tentam lutar contra este estereótipo que menospreza o sentimento de mãe e desqualifica a luta do grupo. Por meio do apelo à linguagem do corpo, elas expõem as emoções corporificadas na tentativa de sensibilizar os usuários da rede e também de serem vistas como guerreiras. As mães também acionam as práticas de visibilidade como forma a fixar significados, especialmente para o dia 27, tanto de forma presencial na Tenda quanto digital nos sites de redes sociais. Por fim, as mães se utilizam da lógica de funcionamento das plataformas de comunicação como *hashtags*, definição de sentimentos, memórias para se incluírem na dinâmica de visibilidade do site e se fazerem mais visíveis online. Dessa forma o Facebook assume o significado de lugar de resistência, onde elas podem levantar a bandeira do “coração partido” e lutar pela justiça. É também onde podem receber declarações de admiração, apoio e solidariedade o que para elas significa sensação de esperança e de que não estão sozinhas.

As **práticas de volta ao cotidiano** são aquelas em que as mães consomem as redes sociais para criar uma nova vida após a perda dos filhos. Elas utilizam o Facebook para narrar suas dores, contar as próprias histórias e as dos filhos, em uma espécie de diário onde podem desabafar, para compartilhar mensagens de autoajuda e se engajar em outras causas, em especial aquelas que fazem parte do universo de preocupação dessas mães, a luta por justiça e igualdade social. Assim, o site assume significado terapêutico. Na busca de ressignificar o cotidiano, as mães compartilham conteúdos para construir valores até o nível cívico e também acionam a memória para reivindicar mudança social ao defender a ideia de “que não se repita”. Com propósito semelhante está o envolvimento em projetos solidários com os quais podem criar novos objetivos de vida. Suas práticas também são desenvolvidas como forma de tentar manter a existência dos filhos, mesmo na ausência deles, experimentando jogos online, estabelecendo

conversas mediadas pelo Facebook, as vezes direcionada aos filhos, com referências linguísticas, com tempos verbais, ou digitais, marcando o perfil do filho, como formas de experienciar a separação e tentar tornar a distância entre os dois menor. Dessa forma o Facebook assume significado de memória e também de uma nova forma de ser mãe.

Com o que foi exposto, acreditamos que mesmo que tenhamos separado as práticas de consumo das redes sociais online em categorias, percebe-se que elas estão interconectadas tendo o Facebook como ponto de conexão, onde as experiências são articuladas de forma a contribuir para que elas voltem a habitar o cotidiano. Ao mesmo tempo em que o consumo da rede significa dar visibilidade para seu lugar de fala, suas dores e propósitos de luta, ela significa a possibilidade de proteção, pela integração e desintegração social, criando assim um ambiente no qual suas experiências se refletem em estratégias para seguir vivendo, mesmo depois de terem perdido as referências de um mundo que acreditavam ser seguro.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como problemática desta dissertação propusemos investigar qual o papel das práticas de consumo das redes sociais exercidas pelas mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss para que elas criem experiências no cotidiano de forma a reestruturar a vida após a morte trágica de um filho. Tanto a observação das práticas online, quanto a convivência com as mães nos revelou que a luta por justiça e memória foi assumida por elas como um objetivo de vida que perpassa diferentes instâncias sociais, no sentido em que suas ações e suas atividades são direcionadas a encontrar novas formas de habitar o mundo após terem perdido as estruturas que sustentavam aquilo que tinham como verdades a respeito de política, religião, família e futuro. Percebemos também que relevância semelhante assume o Facebook para as mães, uma vez que elas consomem a rede social para colocar em funcionamento esferas da vida social e cultural na sua nova configuração de vida.

Dessa forma, a partir desse amplo universo de possibilidades a serem mirados sob as mais diversas perspectivas, se considerou acertada a abordagem metodológica aplicada de uma etnografia para internet (HINE, 2015) proporcionando a observação em campos multissituados tanto nos ambientes online quanto offline. A resolução do problema foi possível ao explorarmos as novas configurações de vida das mães abordando os motivos contextuais que as levaram a se tornarem sujeitos políticos erguendo uma bandeira em nome dos filhos e compreendendo a imagem social construída a respeito da figura materna enlutada, o que nos permitiu interpretar as práticas de consumo online das plataformas de comunicação pelas mães em suas novas experiências de estar no mundo.

Nossos objetivos específicos de pesquisa foram cumpridos ao criarmos três categorias analíticas com base na observação das experiências digitais das mães nas redes sociais online. As práticas de integração e desintegração social que nos viabilizaram apreender os processos comunicacionais e sociais em torno das temáticas ligadas à Kiss. Já as categorias práticas de visibilidade e práticas de volta ao cotidiano nos proporcionaram compreender as singularidades do consumo e verificar como ele contribui para que as mães possam voltar a viver depois da perda de um filho.

Percebe-se que a internet tomada como artefato cultural proporciona diferentes apropriações de acordo com o contexto e as dinâmicas de interação articuladas pelas mães. Ao consumirem as plataformas de comunicação online, elas conectam dimensões de experiências empreendidas na reestruturação da vida, desde aquelas de luta por justiça e memória dos filhos, até as com finalidades terapêuticas. Assim o Facebook assume diferentes significados dentre os

quais destacamos principalmente: **significado de resistência, significado de proteção, significado terapêutico, significado de memória e significado de uma nova forma de ser mãe.**

Significado de resistência – a principal função do Facebook, por sua lógica de funcionamento baseada na exposição de pessoas e conteúdos é a visibilidade. Porém para as mães, a visibilidade almejada pelo consumo da plataforma se dá como uma forma de resistência. A figura materna é carregada de sentidos construídos socialmente. Elas devem ser amorosas, pacificadoras e conciliadoras, porém se estranha quando, justamente por amor aos filhos, elas alteram sua condição para raivosas, guerreiras e briguentas. O que demonstra uma sociedade baseada em valores conservadores e patriarcais que, independente da circunstância e do sofrimento que acomete uma mulher, se supões que ela deva seguir atendendo às expectativas historicamente estabelecidas para não desregular o que se tem como estruturas de uma vida normal. Ao insistir em expor suas dores e suas demandas nos espaços públicos, as mães se tornam incômodas, mas também resistem à tentativa de serem silenciadas.

Uma mãe que luta e que manifesta a sua dor no espaço público é vista como uma ameaça à inconsciência tácita da efemeridade da vida, quase um atentado contra a felicidade coletiva que se dá de forma ainda mais latente nos sites de redes sociais, em especial no Facebook. Num espaço em que todos aparentam estar sempre bem, sorrindo e aproveitando a vida, a lágrima, a fraqueza e a dor são destoantes e incomodam aqueles que não sabem como lidar com esses sentimentos. Para desqualificar a luta, são chamadas de loucas, são interpeladas para que saiam da vista pública e parem de atrapalhar o desenvolvimento da cidade. Em contrapartida, elas utilizam as mesmas redes sociais como resistência, como forma de dar visibilidade aos seus propósitos, de insistir nas suas lutas e ressignificar suas vidas.

Percebemos então que existe na sociedade uma inversão de valores no momento em que se cobra das mães que “deixem Santa Maria voltar a sorrir” ao invés de cobrar das autoridades responsáveis que a justiça seja feita. Após a tragédia, as mães encontraram uma nova forma de habitar o mundo por meio da luta por justiça e memória, para tal elas acionam o Facebook para combater a naturalização das injustiças que tenta fazer com que a morte de 242 pessoas seja vista como uma fatalidade.

O significado de resistência do Facebook também é percebido pelas práticas de consumo online quando as mães buscam a manutenção da legitimidade do direito de sofrer ao exporem as dores de uma mãe enlutada, a saudade causada pela ausência e os motivos dessa falta e desse sofrimento. Para serem ouvidas e, quem sabe atendidas, as mães criam narrativas em suas *timelines* carregadas de elementos que tentam corporificar a sua dor no corpo de outros. Mesmo

aqueles textos que não remetem diretamente a tragédia levam significados que, ao mesmo tempo que contribuem para que as mães possam refletir e administrar os sentimentos da sua nova condição de vida, buscam despertar solidariedade. As estratégias adotadas por elas nas redes sociais foram possíveis devido ao protagonismo assumido na luta por justiça, a partir da legitimidade da sua presença no espaço público, em parte pela ideia social do sofrimento materno a partir da morte do filho, em parte pela presença delas nas mídias. Num primeiro momento a cobertura jornalística por veículos de comunicação fez com que essas mães ficassem amplamente conhecidas imagetivamente e diretamente ligadas com a tragédia e a luta por justiça. Depois, a permanência delas nos espaços públicos offline e online ratificaram a relação das mães com os seus propósitos de vida.

A resistência se manifesta ainda quando as mães tomam uma dor própria para levantar uma bandeira política de luta por justiça. Quando elas levam toda a carga simbólica do ser mãe e se posicionam no espaço público como agentes políticos, representativas dos ideais pelos quais as mães vivem e se apropriam das redes sociais e espaços públicos, elas criam espaços de resistência, de busca por cidadania e de identidade, e suas atitudes querem mostrar que essa não é uma briga individual, mas sim coletiva, significando assim uma forma de serem vistas e suas vozes ouvidas.

A partir de então as mães tomaram uma dor particular em resistência a naturalização das injustiças, não só as sofridas por elas, mas também as protagonizadas por outras pessoas, consumindo o Facebook para expor essas situações e também apresentar os valores seguidos por elas. Se antes elas defendiam seus posicionamentos com ações mais focais, nas escolas e igrejas, por exemplo, elas perceberam que suas vozes precisavam ter um alcance maior e passaram a atuar em outras mobilizações por justiça, campanhas políticas e expressar suas opiniões publicamente nos ambientes online. Quanto mais comprometidas e convictas de seus ideais, mais enfáticas são suas publicações e o empenho com os temas nas ruas.

Em um país em que as notícias sobre corrupção, desvios de caráter, mortes brutais e violação de direitos ocupam os meios de comunicação diariamente e que pouco se vê os efeitos da justiça, as mães compartilham essas notícias em suas linhas do tempo no Facebook em uma tentativa de mostrar que todos fazemos parte do mesmo sistema, que tragédias podem acontecer – e ficar impunes – a qualquer pessoa em um país no qual entes públicos não estão preocupados com a população, mas sim com manter seus cargos e posições.

Significado de proteção – as práticas de consumo online das mães de vítimas tornam possível a reconstrução de suas subjetividades, agora atreladas à figura dos filhos, e a criação de uma imagem com a qual querem ser reconhecidas e que corrobora para a manutenção de seus propósitos. Em seus perfis pessoais, elas criam valores e categorias de referência com os quais as mães de vítimas da Boate Kiss, e até mesmo mães que perderam os filhos por outros motivos, conseguem se reconhecer naquelas publicações.

Nos espaços sociais criados pelos sites de redes sociais, como os comentários de uma notícia jornalística publicada no Facebook, qualquer pessoa se sente no direito de julgar o comportamento das mães e daqueles que as apoiam com base em suas próprias concepções de mundo e acionar discursos diversos como religioso, político, ambiental para justificar seus pensamentos preconceituosos, sem se importar em magoar aquelas que são as principais afetadas pela tragédia. Fato que muitas vezes obriga as mães a se abrigarem em uma bolha digital criada pelos filtros da internet, a partir de suas práticas online, por mais que não sejam intencionais, uma vez que, elas têm pouco conhecimento a respeito do funcionamento dos algoritmos e de como eles impactam na visualização e distribuição de conteúdos na rede.

No Facebook elas estão mais protegidas de serem hostilizadas e verbalmente agredidas por aqueles que discordam da sua luta. Diferente dos espaços sociais tradicionais, como a Tenda da Vigília, onde as mães ficam suscetíveis ao desprezo alheio. A nova condição de vida dessas mães as levou também a restringirem seus círculos de convivência se afastando dos familiares e constituindo novos laços e novos ambientes de sociabilização baseados no compartilhamento dos mesmos sentimentos e afetividades.

Significado terapêutico – as práticas delas de escrever no Facebook quando estão tristes, quando veem algo que as fazem lembrar da tragédia, ou quando lembram dos filhos, como dito por elas em uma prática semelhante a escrever em um diário, mostram o significado terapêutico assumido pelo Facebook.

A dor de perder um filho é dita como a pior que uma mãe pode sentir e que a lágrima, o desabafo e a profusão de sentimentos passam a ser compartilhados por todas aquelas que passam pela experiência da dita inversão no ciclo da vida. Ao constituírem espaços sociais, no site ou na Tenda, legitimados a falar de morte, dor e tristeza as mães criam locais que servem como apoio para outras mães que sofrem com a morte dos filhos.

Dessa forma pelas práticas online e offline, elas constituem espaços sociais legitimados a falar de morte, dor e tristeza tanto em seus perfis pessoais, como na Tenda da Vigília possibilitando que esses sirvam como espaços terapêuticos não somente para as mães de vítimas da Boate Kiss, como também para outras mães enlutadas que se sentem à vontade para falar

sobre suas perdas, e veem nas Mães Kiss exemplos de “guerreiras” capazes e disponíveis a compartilhar a sabedoria de mães que já viveram diferentes fases do luto.

A forma como as mães articulam sua presença nos ambientes digitais e nos sociais tradicionais também está ligada à construção de valores individuais que influenciam na forma como elas são vistas pelos outros e os efeitos disso na vivência do luto. Ligiane que tem seu Facebook e Instagram tomados por manifestações a respeito da Kiss e da filha é também quem tem maior envolvimento com a luta do grupo, dessa forma, ela é reconhecida pelos demais como a “chefe da vigília” e a principal autoridade para falar sobre a tragédia, de quem as outras mães compartilham as publicações. Além disso, para ela o Facebook significa uma forma de receber apoio e se sentir valorizada, sentimentos que a ajudam a lidar com o luto.

Significado de memória – as práticas online das mães também buscam manter a memória da tragédia. Apesar da volatilidade das publicações online, que concorrem com as dos demais usuários e rapidamente são substituídas por outras mais atuais, as mães apostam na insistência para não permitir que se pare de falar no assunto. Por meio da lembrança constante da impunidade do caso e da saudade causada pela ausência, as mães buscam a manutenção da memória a serviço da justiça. O Facebook também é uma forma de reforçar o significado do dia 27, tomado como marco da luta dos familiares. Para Ligiane o Facebook é ainda um local para construir um “espaço de memória” em que ela empreende esforços diários para que a tragédia não seja esquecida.

A memória serve como luta por justiça e assume a função de um novo propósito de vida: o de manutenção mnemônica da tragédia para que não se repita. Também em nome da memória dos filhos, as mães empreendem ações solidárias que acabam assumindo a função de uma nova ocupação em suas vidas, operacionalizada pelo Facebook. A plataforma é consumida como principal forma de comunicação das mães com a sociedade para a realização de ações beneficentes promovidas pela AVTSM, como as campanhas Quadrado de Amor e Natal das Crianças e as organizadas pelas Rede Dudu Bem como a arrecadação de cobertores e materiais escolares. O Facebook significa a existência de um espaço onde elas podem divulgar as campanhas para pedir doações e prestar contas.

Ao ampliarem os objetivos da mobilização em busca por mudanças na sociedade e ao criar novos propósitos para a presença delas na Tenda da Vigília, elas buscam agregar sentidos para sua presença nos espaços públicos, criar valores cívicos compartilhados e atingir os anseios de outros grupos para assim conquistar empatia para a sua causa.

Significado de um nova forma de ser mãe – o Facebook não é consumido apenas como mediação entre as mães e a sociedade, mas também entre elas e os filhos, visível quando utilizam o Facebook no intuito de tentar estabelecer um diálogo com os que já partiram, ou escrevem textos direcionados a eles, mesmo sabendo da impossibilidade de uma resposta materializada. Essa é uma forma de elas continuarem se sentindo mães, ainda incumbidas de comportamentos que são típicos de mães, como demonstrar preocupação com o bem-estar dos filhos, declarar amor incondicional e comemorar o aniversário. A manutenção dos perfis pessoais dos filhos no Facebook, assim como a preservação de objetos e a conversa direta com eles é uma maneira que as mães encontraram de manter a existência deles, mesmo na ausência. Uma forma de lidar com a saudade e a nova condição física dos jovens.

A conversa mediada pelo site de rede social, também passa a impressão de que a distância entre os dois é menor, que eles não estão separados por planos de existência, mas por apenas alguns quilômetros. Uma forma de amenizar a dor da separação causada pela morte até que seja possível um novo reencontro, como elas mesmas acreditam.

Dito isso, concluímos que talvez seja cedo para apontar o legado social deixado pelas Mães Kiss, a exemplo das Mães da Praça de Mayo que há mais de 40 anos lutam para encontrar seus filhos e só depois de algum tempo passaram a servir como exemplo de resistência para outras mães e outras causas humanitárias. Talvez seja preciso um distanciamento histórico, proporcionado pelo passar dos anos, para que se reconheça nas Mães Kiss o valor da mobilização materna, e a centralidade das redes sociais desta época, para que possam “ver a justiça ser feita” e para que “nunca mais outra mãe passe pela dor que elas passam”.

Por meio da indicação desses significados do Facebook, assumidos a partir das práticas de consumo das mães, não se quer enaltecer a plataforma que serve a interesses mercadológicos de acordo com lógicas algorítmicas que modulam o comportamento dos usuários, entretanto quer-se apontar que o Facebook é tomado como espaço de ação no qual as mães podem experimentar diferentes situações resultantes da morte dos filhos. Por meio dessa plataforma elas conseguem acionar mecanismos de visibilidade e legitimidade de suas ações, que resultam em meios de resistência ao esquecimento e à injustiça. Elas conseguem colaborar para as lógicas algorítmicas do Facebook para criar espaços de proteção de *haters* e daqueles que às veem como ameaça à felicidade. No site, as mães encontram formas de vivenciar o luto, por meio da construção de narrativas, do compartilhamento de textos e memes. Com o Facebook elas conseguem insistir na memória da tragédia e empreender novos projetos para os quais direcionam esforços e atenção e, por fim, elas têm a possibilidade de ter práticas com as quais encontram novas forma de ser mãe agora em um novo arranjo de vida.

Concluimos, portanto, que sendo o valor das coisas relativo ao lugar que elas ocupam em comparação a outras, o Facebook se destaca como a rede social mais relevante para as mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss, ao qual elas atribuem os sentidos imprescindíveis para sua nova configuração de vida encontrando as experiências e os significados necessários para voltarem a habitar o cotidiano, por mais entranho que agora ele pareça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

ÀRIES, Phillip. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

AROSI, Ana Paula. “**Lutar não é loucura**”: gestão de desastres, de crises psicológicas e movimentos sociais de familiares de vítimas após o incêndio na Boate Kiss. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, RS, 2017.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BADINTER, Elisabeth. **Amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: _____ (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 21-44.

BARICHELLO, E.M.M.R. A autoria na elaboração de uma tese. In: MOURA, C.P., LOPES, M.I.V. **Pesquisa em Comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BENKLER, Yochai. **The weath of networks**. Yale: Yale University Press, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A profissão de sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOUSSO, Regina. et al. Facebook: um novo *locus* para a manifestação de uma perda significativa. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 172-179, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n2/0103-6564-pusp-25-02-0172.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

BRAGA, Adriana. **Personas materno-eletrônicas**: feminilidade e interação no Blog Mothern. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

BRAGA, Adriana. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. **Desigualdade & Diversidade**: revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, n. 9, p. 95-104, ago./dez. 2011. Disponível em:<http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/09%20DeD%20_%20n.%209%20-%20artigo%204%20-%20ADRIANA.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.

BRITES, Jurema; FONSECA, Cláudia. As metamorfoses de um movimento social: mães de vítimas da violência no Brasil. **Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**. ICS. v. 48, n. 209 – out./ nov./ dez. 2013. p. 859- 877. Disponível em:<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_209_d02.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2018.

CAMPANELLA, Bruno; BARROS Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: e-papers, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Redes de indignação e esperança**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASTRO, G. G. S. Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado. **PragMATIZES**: Revista Latino Americana de Estudos em Cultura, Rio de Janeiro, a. 4, n. 6, p. 58-71, mar. 2014. Disponível em: < <http://www.pragmatizes.uff.br>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnógrafo, ou como ter “Antropological Blues”. In: NUNES, Edson. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

DAS, Veena. **Critical events**: an anthropological perspective on contemporary India. 3. ed. New Deli: Oxford University Press, 1996.

_____. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividades. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.37, p. 9-41, jul./dez. 2011. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645006>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200003>>. Acesso em 18 dez. 2018.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DUARTE, Elizabeth; CASTRO, Maria Lília. Preâmbulo Boate Kiss: nova versão de uma antiga tragédia. In: SILVEIRA, Ada (Org.). **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. 2.v. p. 9- 30.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FARIA, Aline. **Dos silêncios do luto à comunicação**: um olhar sobre a exposição do sofrimento de mães que perderam os filhos. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2017.

FARIA, Aline; LERNER, Kátia. “A maior das dores”: o luto de mães no espaço público. **Lumina**. UFJF. v. 12, n. 2, mai./ago. 2018p. 118-135.

FONSECA, Cláudia. **Quando cada caso não é um caso**. In: Reunião Anual da ANPEd, 21, Caxambu, 1998.

FONTENELLE, Isleide; POZZEBON, Marlei. A dialectical reflection on the emergence of the 'citizen as consumer' as neoliberal citizenship: The 2013 Brazilian protests. **Journal of Consumer Culture**. 2018.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FREIRE FILHO, João. Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder. **Matrizes**. v. 11, n.1, jan./abr., 2017. São Paulo. p. 61-81.

FREIRE, Milena. **O Som do silêncio**: a angústia social que encobre o luto – Um estudo sobre isolamento e sociabilidade entre enlutados do cemitério Morada da Paz (Natal/RN). 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005.

FREITAS, Joanneliese; MICHEL, Luís H. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 273-283, abr./jun. 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n2/10.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

FREITAS, Rita de Cássia. Famílias e violência: reflexões sobre as Mães de Acari. **Psicologia USP**. v. 13, n. 2. Jul. 2002, p. 69-103. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/53502>>. Acesso em: 9 nov. 2018.

FRIZZO, Heloísa. **Blogs de mães enlutadas**: o luto e as tecnologias de comunicação. 2015. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GONÇALVEZ, Renata. De antigas e novas loucas: Madres e Mães de Maio contra a violência de Estado. **Lutas Sociais**. São Paulo, n.29, jul./dez. 2012, p.130-143.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno. BARROS, Carla (orgs.). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

_____. **Ethnography for the internet**: Emedded, Embodied and Everiday. London: Bloomsbury, 2015.

_____. **Etnografia virtual**. Barcelona: UOC, 2004.

KALIL, Isabela. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em:

<<https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FE%20SPSP.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

LACERDA, Paula. O sofrer, o narrar, o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, jul./dez. 2014, p. 49-75.

LAGE, Leandro. Mídias jornalísticas e o trabalho de memória: o incêndio da Boate Kiss na primeira página. In: SILVEIRA, Ada (Org.). **Mediatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. 2.v. p. 309- 319.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MELLO, Carlos. Ritos digitais, táticas e finitude: Confrontando a morte no Facebook. **Revista Novos Olhares**. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 90-101, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/107113/115369>>. Acesso em: 8 jan. 2019.

MILLER, D. HORST, H. O digital e o humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Revista Parágrafo**, v. 2, n. 3, p. 91-111, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/viewFile/334/352>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200003>. Acesso em: 13 jan. 2019.

MILLER, Daniel. Prefácio. In: **Mídias sociais no Brasil emergente**. Londres: UCL Press, 2018.

MILLER, Daniel; COSTA, Elisabetta; HAYNES, Nell; MCDONALD, Tom; NICOLESCU, Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shriram. **How the World Changed Social Media**. London: UCL Press, 2016.

MILLER, Daniel; VENKATRANAM, Shriram. Facebook Interactions: Na Ethnographic Perspective. **Social Media + Society**. 2018.

MILLER, Daniel. **The comfort of people**. Cambridge: Polity Press, 2017.

_____. **Treco, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NEGRINI, Michele. A morte no ciberespaço: um estudo etnográfico da comunidade do Orkut “Profíles de Gente Morta”. **Discursos Fotográficos**, v. 6, n. 8, p. 13-33, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. PUC, São Paulo, n. 10, dez, 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, Juliana. **Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da Boate Kiss**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena. O trauma coletivo da perda e as experiências privadas do luto: reflexões sobre o caso de Santa Maria. In: SILVEIRA, Ada (Org.). **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. 2.v. p. 365 381.

PAIVA, Raquel. **Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto**. In: 21 Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Juiz de Fora, 12 a 15 de junho de 2012.

PAIVA, Raquel; GABBAY, Marcelo. **UMA NOVA CIDADE HUMANA: cidadania e comunicação contra a barbárie**. In: XXVI Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017.

PAIVA, Raquel; MALEBRA, João Paulo; CUSTÓDIO, Leonardo. “Comunidade gerativa” e “Comunidade de afeto”: propostas conceituais para estudos comparativos de comunicação comunitária. **ANIMUS**, Santa Maria, v. 12, n. 24. p.244-262, 2013. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/animus/issue/view/681>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PARZIANELLO, Sandra; PARZIANELLO, Geder. “¿Quién te falta?”: as Mães da Praça de Maio na Argentina e a memória do autoritarismo contra os seus direitos. **Missões**. V. 4. N. 1. 2018.

PAULA, A. G. **Pensar a democracia: o Movimento Feminino pela Anistia e as Mães da Praça de Maio (1977-1985)**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 20 n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

PEIXOTO, Priscila. **“Acorda Santa Maria”**: um estudo sobre as estratégias coletivas de organização dos familiares das vítimas da Boate Kiss. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

PEIXOTO, Priscila; BORGES, Zulmira; SIQUEIRA, Monalisa. **A despedida anunciada: emoções e espiritualidade entre familiares das vítimas da Boate Kiss**. *Ciencias Sociales y Religión*, Porto Alegre, v. 18, n. 24, p. 71-89, jan./jul. 2016.

PERLUXO, Diana. “Anjos Online” estudo qualitativo sobre a utilização do Facebook no processo de luto parental. 2015. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa; SZWAKO, José. (Orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis, 2009.

POLGA, André; SILVEIRA, Ada. A recepção de produtos editoriais sobre a Tragédia de Santa Maria. In: SILVEIRA, Ada (Org.). **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. 2.v. p. 229- 250.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**. Brasília, n. 3, p. p.61-71, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621/3243>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: o trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**. v.28, n. 68, mai/ago. 2014.

_____, Raquel. **Redes sociais na internet**. Sulina: Porto Alegre, 2009.

ROCHA, Everaldo. Os bens como cultura: Mary Douglas e a antropologia do consumo. In: DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 07-18.

RODRIGUES, João Vitor. A pesquisa etnográfica e a gramática dos sentimentos: introdução à antropologia das emoções através das mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaqueline; ROGEDO, Pedro (Org.). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IBPAD, 2018.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2006.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. Edusp: São Paulo, 2014.

SCAVONE, Lúcia. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 16, 2001, p. 137-150, 2001.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Carolina; BRIGNOL, Liliane. Mobilização social no Facebook: conectando solidariedade e justiça no caso da Boate Kiss. In: SILVEIRA, Ada. (Org.). **Midiatização da Tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. v.1. p. 151-176.

SILVA, Sandra Rúbia. A globalização como desafio para o trabalho de campo e a produção etnográfica. In: CAMPANELLA, Bruno. BARROS, Carla (Org.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

SILVEIRA, Ada. (Org.). **Midiatização da Tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Tudo sobre tod@as**: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais. Editora Sesc: São Paulo, 2018.

SIQUEIRA, Monalisa; VÍCTORA, Ceres. O corpo no espaço público: emoções e processos reivindicatórios no contexto da “Tragédia de Santa Maria”. **Revista Latinoamericana sexualidad, salud y sociedad**. n. 25, abr. 2017, p.166-190.

SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. Londres: UCL Press, 2018.

SUÁREZ, Francisco. VECCHIOLI, Virginia. **40 años**: Memorias desde Campo de Mayo. Documentos del Observatorio. n.5. Universidade Nacional Sarmiento, Buenos Aires. Disponível em: < <http://observatorioconurbano.ungs.edu.ar/wp-content/uploads/Documento-Boletin-2016.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

TOMAIM, Cássio. O trauma atualizado na televisão e no cinema: entre o imediatismo do acontecimento jornalístico e a vontade de memória diante da “Tragédia de Santa Maria”. In: SILVEIRA, Ada (Org.). **Mediatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. 2.v. p. 321- 346.

TORLAI, V. C. **A vivência do luto em situações de desastres naturais**. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VAN DIJCK, José. **La cultura de la conectividad**: una historia crítica de las redes sociales. Buenos Aires: Siglo vintiuno, 2016.

VECCHIOLI, Virginia. Critical events: an anthropological perspective on contemporary India. *Mana*. v. 6, n.2, 2000, p. 177-180. Disponível em:<<https://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132000000200012>>. Acesso em: 04 jan. 2019.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. **Cadernos Pagu**. Unicamp. n.37. jul./dez. 2011. p.79-116. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332011000200004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 9 out. 2018.

WAINSTOCK, Betty. **Filhos que vão, pais que ficam**: a web como recurso de comunicação durante o luto. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

WINKIN, Yves. **Descer a campo**. Campinas: Papirus, 1998.

ZENOBI, Diego. Los familiares de víctimas de Cromañón, en la encrucijada del “dolor”: emociones, relaciones sociales y contextos locales. **Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**. João Pessoa, v. 9, n. 26, ago. 2010, p. 581-628.